

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

SOLANGE CORDEIRO

**DISCURSO E ESCRITA DE SI NA OBRA HOSPÍCIO É DEUS DE MAURA LOPES  
CANÇADO**

Marechal Cândido Rondon, março de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

SOLANGE CORDEIRO

**DISCURSO E ESCRITA DE SI NA OBRA HOSPÍCIO É DEUS DE MAURA LOPES  
CANÇADO**

*Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu “História” - nível de Mestrado, Linha de Pesquisa “Práticas Culturais e Identidades”, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.*

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yonissa Marmitt Wadi

Marechal Cândido Rondon, março de 2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

C974d Cordeiro, Solange  
Discurso e escrita de si na obra Hospício é Deus de Maura  
Lopes Cançado / Solange Cordeiro. - Marechal Cândido Rondon,  
2014.  
135 p.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yonissa Marmitt Wadi

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual  
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Escritos de doentes mentais. 2. Pacientes de  
hospitais psiquiátricos. 3. Análise do discurso. I. Wadi,  
Yonissa Marmitt. II. Título.

CDD 22.ed. 362.21  
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.

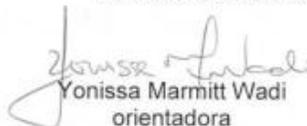


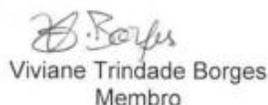
Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado  
Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

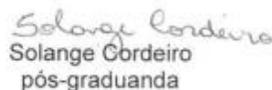
Aos vinte e quatro dias do mês de março de 2014, às 14 horas, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr<sup>a</sup> Yonissa Marmitt Wadi (Orientadora) (UNIOESTE), Dr<sup>a</sup> Viviane Trindade Borges (UDESC) e Dr<sup>a</sup> Ivonete Pereira (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho "Discurso e escrita de si na obra *Hospício é Deus de Maura Lopes Cançado*", apresentado pela pós-graduanda **Solange Cordeiro** para a obtenção do título de "Mestra em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Yonissa Marmitt Wadi, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 24 de março de 2014.

  
Yonissa Marmitt Wadi  
orientadora

  
Viviane Trindade Borges  
Membro

  
Ivonete Pereira  
Membro

  
Solange Cordeiro  
pós-graduanda



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
UNIOESTE

**PARECER DESCRITIVO**

Título da Dissertação: *"Discurso e escrita de si na obra Hospício é Deus de Maura Lopes Cançado"*.

Nome do concluinte: **Solange Cordeiro**

Integrantes da Banca:

- Profª Drª Yonissa Marmitt Wadi (orientadora) (UNIOESTE);
- Profª Drª Viviane Trindade Borges (UDESC);
- Profª Drª Ivonete Pereira (UNIOESTE).

Parecer:

<p>A banca considerou o trabalho aprovado, indicando a necessidade de proceder às adequações do texto final, de pontos de vista gramatical, das normas da ABNT, da análise dos trechos apontados e a reserita das considerações finais.</p>

Marechal Cândido Rondon, 24 de março de 2014.

## DEDICATÓRIA

*À minha querida mãe Antonia Cordeiro, ao meu pai Sebastião Cordeiro e ao meu esposo Gelson M. da Rocha Rosa, companheiros de todas as horas que sempre estiveram ao meu lado, me dando força e carinho inestimáveis. A vocês meu amor e minha eterna gratidão.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente à Deus por ter me permitido apesar dos obstáculos e adversidades chegar até aqui.

À guerreira maravilhosa e incansável minha mãe Antonia Cordeiro e ao meu pai Sebastião Cordeiro pelo amor, carinho e apoio incondicional, que mesmo com muitas dificuldades, tornaram possível minha trajetória acadêmica.

Ao meu esposo Gelson M. da Rocha Rosa pelo amor e compreensão. Por me ouvir com calma e atenção falar constantemente na pesquisa e por acalmar meu coração quando a dúvida e angústia se faziam presentes. Por tornar meus dias mais doces e felizes.

Agradeço as minhas amigas Telma Beiser de Melo Zara e Thamara Parteka, companheiras de caminhada, obrigada pelas longas conversas partilhando dúvidas e angústias e pelos sorrisos largos e espontâneos, tornando minha vida mais leve nos momentos que mais precisei de apoio.

Às professoras membros da banca Ivonete Pereira e Viviane Trindade Borges, suas observações e sugestões foram essenciais para o enriquecimento e aprimoramento da pesquisa.

À minha orientadora Yonissa Marmitt Wadi a qual admiro muito por ser a amiga e profissional que és. Pelos momentos e conversas sérias, questionadoras e pelas boas risadas. Por compreender meus momentos de dificuldades e oferecer sua mão amiga, firme e acolhedora.

À Iraci Maria Wenzel Urnau, que sempre se mostrou prestativa e atenciosa nas inúmeras vezes que precisei de seu auxílio.

A CAPES, pelo apoio financeiro sem a qual a pesquisa não seria possível de se efetivar.

## RESUMO

Muito já se escreveu sobre loucura e sobre loucos. Muitos escritores criaram em suas obras, personagens que mergulharam no universo trágico do manicômio, mas se nestas narrativas tal experiência é percebida do lado de ‘fora’, nas narrativas escritas pelos próprios loucos pode-se ler uma versão da loucura por ‘dentro’. Ou seja, o olhar de quem viveu a experiência do internamento em hospitais psiquiátricos e elaborou discursos sobre tais espaços e as relações neles travadas. Este é o caso da obra *Hospício é Deus* (1965) de Maura Lopes Cançado, filha de família abastada e tradicional, que se internou espontaneamente pela primeira vez em 1949, em Belo Horizonte. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a publicar contos no Jornal do Brasil e internou-se ou foi internada, inúmeras vezes em instituições psiquiátricas. Maura viveu parte significativa de sua vida em manicômios, num dos quais escreveu em forma de um diário, a referida obra, que se encontra à margem do padrão literário oficial. *Hospício é Deus*, assim como as demais formas de expressão dos ‘loucos’ (em falas, imagens ou textos), oferece variadas possibilidades para a compreensão das relações estabelecidas no manicômio, sobre o próprio saber médico e principalmente sobre a vida destes sujeitos chamados ‘loucos’. O objetivo principal desta dissertação é compreender a batalha discursiva construída em torno da vida de Maura e de seu livro *Hospício é Deus*, da qual faz parte o próprio discurso por ela construído, mas considerando outras fontes (como o livro de contos *O Sofredor do Ver* e algumas cartas enviadas por Maura), para a compreensão dos discursos de Maura percebidos como testemunho de uma época, da experiência da loucura e da internação em espaço especializado, considerando as relações de gênero e poder, bem como a construção de subjetividades.

Palavras-Chave: Maura Lopes Cançado; *Hospício é Deus*; loucura; discurso; narrativa; instituição psiquiátrica.

## ABSTRACT

### **Speech and writing of the self in the work *God is Hospice* Maura Lopes Cançado**

Much has been written about madness and crazy about , many writers have created characters in his works that delved into the tragic world of the asylum , but if these narratives such an experience is perceived next to ' off ' , the narratives written by the mad themselves can read a version of madness 'inside'. Ie, the eyes of those who lived the experience of internment in psychiatric hospitals and prepared speeches on such spaces and relations involving them. This case the work *Hospice is God* (1965) Maura Cançado Lopes, daughter of wealthy, traditional family, which spontaneously admitted for the first time in 1949, in Belo Horizonte. Later he moved to Rio de Janeiro where he began publishing short stories in the *Journal of the Brazil* and was admitted or was admitted several times to psychiatric institutions. Maura lived a significant part of his life in mental hospitals, one of which wrote a diary in the form of the said work, which is the official bank of the literary standard. *Hospice is God* , as well as other forms of expression ' crazy ' (in speeches , images or texts ) offer varied possibilities for understanding the relationships established in the mental hospital , on own medical knowledge about life and especially these guys called crazy . The main objective of this dissertation is to understand the discursive battle built around the life of Maura and her book is *God Hospice* , which is part of the speech itself which it had built , but considering other sources (such as storybook *The Sufferer 's View* and some letters sent by Maura ) , to understand the speeches Maura perceived as testimony of an era, the experience of madness and hospitalization in a specialized area , considering the relations of gender and power , as well as the construction of subjectivities.

Keywords: Maura Lopes Cançado; *Hospice is God*; madness; speech; narrative; psychiatric institution.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Capa da primeira edição da obra Hospício é Deus.....	33
Figura 2- Capa da terceira edição da obra Hospício é Deus.....	33
Figura 3- Estrutura interna do Hospital Gustavo Riedel.....	97

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – DISCURSOS SOBRE MAURA LOPES CANÇADO E SUA OBRA HOSPÍCIO É DEUS.....	42
1.1 Discursos de seus colegas.....	43
1.1.1 Discursos de pesquisadores em blogs.....	49
1.1.2 Discursos de pesquisadores em textos acadêmicos.....	51
1.2 Os vários discursos sobre a obra <i>Hospício é Deus</i> .....	54
1.2.1 <i>Hospício é Deus</i> , escrita e identidade.....	58
1.2.2 <i>Hospício é Deus</i> , escrita como fuga.....	61
CAPÍTULO II- ESCRITA DE SI E SUBJETIVIDADES NAS NARRATIVAS DE MAURA LOPES CANÇADO.....	63
2.1 Maura e a Escrita de Si.....	63
2.2 Sexualidade.....	69
2.3 Religião.....	72
2.4 Família, casamento e maternidade.....	75
2.5 A relação de Maura com sua escritura.....	83
CAPÍTULO III- DISCURSOS DE MAURA LOPES CANÇADO SOBRE A PSIQUIATRIA NO BRASIL.....	90
3.1 A organização da Assistência Psiquiátrica no Rio de Janeiro e o Hospital Gustavo Riedel.....	90
3.2 Os psiquiatras e as práticas terapêuticas no Gustavo Riedel.....	100
3.2.1 Terapêutica Ocupacional.....	106
3.2.2 Diagnósticos.....	114
3.2.3 Violência contra as internas.....	115
3.2.4 Quarto-forte.....	117
3.3 Omissões nos livros de ocorrência.....	118

3.4 Hospitais públicos e particulares.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
FONTES.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
BIBLIOGRAFIA.....	133

## INTRODUÇÃO

Este trabalho problematiza as narrativas discursivas de e sobre a escritora Maura Lopes Cançado, uma mulher tida como louca e que, por vezes, se dizia louca. Suas narrativas são analisadas principalmente através do livro *Hospício é Deus* (1965), publicado pela primeira vez em 1965 e escrito, principalmente em forma de autobiografia e de diário, durante o período em que ela esteve internada no Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, entre 25 de outubro de 1959 e 7 de março de 1960.

Maura teve a sua vida marcada pela experiência do internamento manicomial, o que marcou sua escrita, especialmente na obra *Hospício é Deus* principal fonte desta dissertação. Quando faço menção ao fato de que Maura viveu grande parte de sua existência em manicômios, isto não significa que afirmo ou nego sua condição de louca. O que busco neste trabalho é analisar e compreender como Maura percebeu o cenário manicomial em que esteve inserida e escreveu sobre este, testemunhando as suas experiências e de outros sujeitos que ali estavam internados ou trabalhavam no Hospital Gustavo Riedel, no Centro Psiquiátrico Nacional no Rio de Janeiro, nos finais da década de 50. Nestas narrativas é possível identificar questões mais amplas, como as relações de poder e gênero, bem como a construção de subjetividades, questões que serão discutidas ao longo do texto. Assim sendo, o objetivo desta dissertação é apresentar a teia discursiva, constituída em torno de Maura Lopes Cançado e de seu livro *Hospício é Deus*.<sup>1</sup>

Maura Lopes Cançado nasceu em uma fazenda na pequena São Gonçalo do Abaeté, em Minas Gerais, em 27 de janeiro de 1930. Seu pai era um típico coronel do interior, um dos homens mais ricos e valentes da região, onde a única lei era a do revólver. “Um homem que oscilava entre fortes crises de agressividade, nas quais espancava os homens da fazenda que não lhe obedecessem, e doses cavалares de romantismo com

---

<sup>1</sup> O texto escrito por Maura foi por ela nomeado como “diário” quando de sua escrita e a palavra tornou-se subtítulo do livro *Hospício é Deus* quando de sua primeira publicação em 1965, permanecendo assim na segunda edição de 1979. Alguns autores nomeiam o texto geral como memória autobiográfica e diário (Scaramella, 2010) ou autobiográfica e diário (Fernandes, 2008). Porém, nesta dissertação optei por se referir sempre ao texto original como “diário”, entendendo que ele é composto de diferentes formas e que é autobiográfico. O formato, a organização, etc. são discutidos ainda nesta introdução no tópico destinado a comentar as fontes da pesquisa.

“imensa e desconhecida sensibilidade” era um homem à margem da civilização, quase um bárbaro.” (CANÇADO, 1991, p.13).

Conforme a própria autora, ela vivia em um ambiente mais conservador impossível. Tradicional família mineira, de uma fazenda no interior de uma pequena cidade e, obviamente, extremamente católica, Deus era a entidade ‘vigilante e punitiva’ que tudo via, sabia e desaprovava. Até os sete anos, Maura foi vestida de azul e branco em promessa à Virgem Maria Nossa Senhora, depois de ter ficado muito doente. (CANÇADO, 1991).

Ainda criança, foi morar em Patos de Minas para cursar o primário, em regime de internato. O ginásio cursou em Belo Horizonte, no Colégio *Sacré Coeur de Marie*, como fizeram também suas irmãs. Os irmãos estudaram no Colégio Arnaldo, ambos considerados colégios de elite à época. (SCARAMELLA, 2010, p.2).

Aos catorze anos se casou, contra a vontade da família e teve um filho, a quem deu o nome de Cesarion. Depois de casada ela e o marido viveram cinco meses na casa dos sogros de Maura. A autora pouco fala sobre o seu marido que tinha dezoito anos de idade, ambos muito jovens, nunca mencionou que o amava. O que parece é que seu casamento foi mais um capricho seu, se posicionando contra a vontade de sua família especialmente de seu pai. Por seu marido nunca sentiu uma grande paixão, ao contrário, pois durante este período ela acreditava estar apaixonada pelo seu sogro. Sobre este período de sua vida Maura afirma:

Evidentemente aquele casamento não podia durar: nossa pouca idade, diferença de educação. Os doze meses da vida conjugal marcaram de modo negativo, mesmo brutal, a fase mais importante da minha existência. Então casamento era aquilo? Me perguntava atônita. Meu marido tudo fez para a nossa separação, mas independente do que fez, havia para separar-nos: minha mansão senhorial, meu ideal soberbo e distante de castelã e principalmente minha solidão. (CANÇADO, 1991, p.24).

Aos quinze já estava divorciada e com dezesseis anos entrou para um aeroclube frequentado somente por homens, pilotando um avião que, posteriormente, se espatifou no chão. (CANÇADO, 1991).

Sobre seu filho Cesarion, na obra *Hospício é Deus*, Maura pouco comenta. Em alguns trechos faz menção ao fato de que deixou o menino aos cuidados de sua mãe, e que o via muito pouco:

Escrevia sempre para casa, mandava ricos presentes para o meu filho, maneira falsa de estar em paz com ele. Na verdade o que me levava a procurar minha família era talvez, um pouco de remorso: tudo tão inútil. Escrevia cartas desesperadas, cheias de indagações filosóficas. (Mamãe pedia para ser mais simples). (CANÇADO, 1991, p.61).

Maura tentou voltar a estudar em Belo Horizonte, mas lá também as coisas não melhoraram muito. Os colégios de freira não a aceitavam por ser divorciada. Nas pensões para moças onde se hospedava ninguém lhe dirigia a palavra, também em razão disso. (CANÇADO, 1991).

Já vivendo em Belo Horizonte procurou ajuda psiquiátrica, internando-se pela primeira vez na Casa de Saúde de Santa Maria, devido a uma crise depressiva, entre vinte de abril e vinte de maio de 1949 com dezoito anos de idade, Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a publicar contos no Jornal do Brasil, porém suas sucessivas crises nervosas levaram-na a procurar novamente ajuda psiquiátrica. (SCARAMELLA, 2010).

Fernandes (2008), afirma que ao desistir de conseguir aceitação por parte da tradicional sociedade mineira, Maura mudou-se para o Rio de Janeiro, onde acreditava que pudesse adquirir maior liberdade em relação aos outros, sem ter que adotar o isolamento completo, como acontecia em Minas Gerais. De fato, no Rio de Janeiro travou conhecimento com a elite intelectual da cidade, sobretudo com escritores, ocupando uma vaga disputada no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil no centro do turbilhão literário carioca.

Em 1958, após um período de internação no Hospital Gustavo Riedel, Maura publicou seu primeiro texto no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. “Era uma poesia que chegou às mãos de Assis Brasil através do repórter Sebastião de França. Sebastião ainda avisou: 'Ela é louca'. Ao que Assis respondeu: Então somos dois”. (LIMA, 20013, p.1).

Scaramella interpretou a resposta de Assis Brasil, da seguinte forma:

Acredito que a resposta de Assis Brasil estava, em princípio, de acordo com a abertura do crítico literário e de sua seção no SDJB, que dava apoio aos que se aventuravam pela literatura. Uma segunda interpretação vem da tentativa de situar essa frase a partir do contexto que tentei descrever acima. A suposta *loucura* da novata não a excluía do universo da literatura, mas ao contrário,

naquele momento o trânsito entre universos, em princípio, distantes, estava, aparentemente, mais livre. (SCARAMELLA, 2010, p.72).

O SDJB abriu espaço para a nova geração de escritores, jornalistas e críticos. Entre eles, Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Assis Brasil, Mário Faustino, José Louzeiro e Carlos Heitor Cony, que também eram plateia para as histórias fantásticas de Maura. Quando o seu conto ‘No quadrado de Joana’ foi publicado na primeira página do SDJB, Maura agradeceu ao Reynaldo Jardim<sup>2</sup> de joelhos. O conto sobre uma esquizofrênica catatônica foi elogiado até por Clarice Lispector. E Maura se tornou escritora revelação de 1958. “Mas, sem entender o que isso significava, esfolou os joelhos em agradecimento à publicação”. (LIMA, 2013, p.1).

Em 1959, Maura estava internada pela segunda vez no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, de onde escreveu *Hospício é Deus*. O texto teve repercussão relativamente grande quando publicado em 1965. (FERNANDES, 2008, p.13).

Conforme Scaramella:

Maura iniciou uma fase importante de sua vida, quando começou seu convívio na redação do *SDJB*. O ambiente era de grande efervescência artística e literária, sem falar na crítica. Nesse sentido, o Suplemento foi, para Maura, uma porta aberta à literatura e à possibilidade de uma carreira nesse meio, como era seu desejo. Entre os anos de 1958 e 1961, Maura publicou um total de dez contos no SDJB, sendo que alguns deles fizeram parte da coletânea publicada em 1968, pela José Álvaro, com o título de *O sofredor do ver*. Mas seu primeiro livro foi *Hospício é Deus*, publicado em 1965. Este livro foi escrito durante os anos passados entre as internações e a redação do *SDJB*. Um misto de memórias autobiográficas e diário, foi escrito durante sua terceira internação<sup>3</sup> no Hospital do Engenho de Dentro, como já foi dito, e foi publicado pela antiga editora José Álvaro, assim como sua coletânea de contos, *O sofredor do ver*, de 1968. (SCARAMELLA, 2010, p.48).

---

<sup>2</sup> Reynaldo Jardim criou e editou o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, o Caderno de Domingo e o Caderno B. Ainda no mesmo grupo, dirigiu a Rádio Jornal do Brasil O Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, o SDJB, passou de páginas de receitas de bolo ao mais importante suplemento literário de poesia concreta do Brasil, por onde passaram críticos e escritores de grande nome, como Oliveira Bastos, Mário Faustino, entre outros. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/distrito\\_federal/reynaldo\\_jardim.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/distrito_federal/reynaldo_jardim.html). Acesso: 08/02/2014.

<sup>3</sup> Fernandes afirma que durante a segunda internação no Hospital Gustavo Riedel Maura escreveu o diário, já Scaramella afirma ser durante a terceira internação, Maura não cita em sua obra em qual internação escreveu, mas a maioria dos pesquisadores que escreveram sobre Maura e sua obra *Hospício é Deus* são unânimes em afirmar que foi durante a segunda internação que a referida obra foi escrita.

A própria autora afirma que reconhecendo a própria fragilidade, se internou voluntariamente, em 1959. “Acho-me na Seção Tilemont Fontes, Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, Rio. Vim sozinha. O que me trouxe foi a necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo”. (CANÇADO, 1991, p.28).

Entre sua primeira publicação no SDJB, em 1958, e sua última publicação neste mesmo suplemento, em 1961, Maura esteve seis vezes internada no Engenho de Dentro, o que não a impediu de escrever e publicar a maioria de seus contos neste período. No entanto, narra em seu diário que Reynaldo Jardim havia dito que quando saísse da internação trabalharia na redação, o que não aconteceu. Isso, a meu ver, está ligada ao entrar e sair de internações, à oscilação emocional que Maura vivia com mais intensidade naquele momento. Por outro lado, não é possível deixar de lado que o Suplemento não estava em seu melhor momento, tanto que no ano seguinte termina. (SCARAMELLA, 2010, p.84).

Depois de sair da internação em que escreveu o diário, Maura publicou mais alguns contos no SDJB. Em 1961, como já foi dito, o Suplemento foi extinto. Com o tempo, o contato com seus colegas ficou mais esparso e as internações mais frequentes. Até 1964, Maura esteve todos os anos internada, mais de uma vez por ano. Em 1965, no entanto, conseguiu publicar seu diário *Hospicio é Deus*. Neste mesmo ano é publicada e, em 1968 também a obra *O Sofredor do Ver*, uma coletânea de contos publicados originalmente no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, que foram reunidos e deram origem a referida obra. (SCARAMELLA, 2010).

Maura passou por diversas internações em manicômios. Conforme Scaramella (2010), os documentos mostram que a primeira internação de Maura foi entre 20 de abril e 20 de maio de 1949, na Casa de Saúde Santa Maria LTDA em Belo Horizonte, aos 19 anos, quando lá residia.<sup>4</sup> A segunda foi no Rio de Janeiro, em 1957, no Hospital Gustavo Riedel Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, mesmo local onde se internou em 1959 e escreveu o referido diário. Essa primeira internação se deu entre novembro de 1957 e fevereiro de 1958. Contudo, segundo Maura, houve internações antes

---

<sup>4</sup> Os documentos que Scaramella utiliza como fontes para escrever sua tese de doutorado, são as fichas de internação dos manicômios por onde Maura esteve, e uma Declaração feita a pedido de Cesarion Praxedes constando as entradas e saídas do hospital Gustavo Riedel. O prontuário ou prontuários de Maura busquei localizá-los, sem êxito, pois a responsável pelos arquivos do atual Instituto Municipal Nise da Silveira a historiadora Daniela Ribeiro, afirma que até o momento nenhum registro da autora foi localizados nos referidos arquivos.

das realizadas no Engenho de Dentro, como a da Clínica de Repouso do Alto da Boa Vista e do Sanatório da Tijuca.

Um ano depois (da sua chegada ao Rio de Janeiro em 1952), meu estado pareceu-me desesperador. Fui à um psiquiatra, pedi-lhe para internar-se num sanatório. Concordou e fui. Internei-me na Casa de Saúde do Alto da Boa Vista de onde meu médico era diretor. Frequentada por pessoas agradáveis, a Casa de Saúde do Alto era belíssima elegante [...]. Depois de um mês nesse sanatório, meu estado se agravando sempre mais, fui transferida para outro, Sanatório da Tijuca. Disseram que lá eu receberia um tratamento mais adequado [...]. (CANÇADO, 1991, p. 99- 100).

A partir dos documentos consultados, já citados anteriormente, Scaramella (2010) afirma que em 1959, constam duas entradas e duas saídas no Hospital Gustavo Riedel, possivelmente foi durante a segunda internação que Maura escreve o diário; E em 1960, foram três entradas; E em 1961, teve uma entrada e saída entre 17 de agosto e 24 de agosto. Em julho de 1962, internou-se na Casa de Saúde Dr. Eiras, voltando ao Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, em 30 de julho e evadindo-se logo no dia seguinte, em 31 de julho de 1962, um dia apenas. Ainda em 1962, voltou à Casa de Saúde Dr. Eiras, entre setembro e novembro. Nesta mesma data, tão logo saiu da Casa Dr. Eiras, deu entrada no Sanatório Botafogo S.A. e lá ficou entre 21 de novembro 1962 e 26 de janeiro de 1963. Cinco meses depois, retornou ao Hospital Gustavo Riedel, – era 12 de junho de 1963. Foi então transferida para o Bloco Médico Cirúrgico em setembro de 1963 para tratamento de saúde, de acordo com Scaramella os documentos não fazem referência ao tipo de tratamento que ela ali recebeu, nem quantos dias ali permaneceu. (SCARAMELLA, 2010).

Scaramella ressalta ainda que:

Logo após a alta do Bloco Cirúrgico, Maura volta ao prédio do Hospital Gustavo Riedel, saindo no dia 3 de dezembro de 1963; um mês depois, em janeiro de 1964, retornou e ficou por 5 dias, recebendo alta no dia 8 de janeiro de 1964. Depois desta data, segundo a documentação anexada aos autos do processo, Maura teria ficado dois anos sem se internar, voltando a fazê-lo em 1966, na Clínica Bela Vista, em Jacarepaguá. Essa internação foi a mais longa registrada, ao todo um período de um ano e dois meses. Na época foi custeada pelo IPASE (Instituto de Previdência Assistência dos Servidores do Estado), pois, a partir de 1961, Maura foi admitida no Ministério da Educação, trabalhando como escrevente datilógrafa. Segundo Maura, o emprego foi obtido através de um amigo influente da família. Diz lembrar-se de ter ficado neste trabalho em torno de 8 anos, sempre entre uma licença e outra para internar-se. Em 1971, volta ao Sanatório Botafogo S.A., e em 11 de abril de 1972 foi internada pelo filho na

Casa de Saúde dr. Eiras, dia em que aconteceu o crime. (SCARAMELLA, 2010, p.28).

Esses documentos mostram a vida de Maura marcada por idas e vindas entre hospitais psiquiátricos, à casa de seu filho, hotéis, pensões e casas de amigos. Ao todo, são mais de dezenove internações, somando mais de quatro anos de reclusão. Segundo Scaramella (2010, p.29), “No entanto, não é possível afirmar que estas tenham sido as únicas internações. Acredito que houve outras, mas não foram incluídas nos autos.” (SCARAMELLA, 2010, p.29).

Do conto de fadas aos infortúnios, sua vida pessoal vai foi ganhando um tom trágico. Em uma de suas internações, Maura matou uma das pacientes como apontado acima. Scaramella, a partir da análise dos autos do processo, apresentou uma descrição do referido crime:

Era 11 de abril de 1972. Maura Lopes Cançado deu entrada à Casa de Saúde Dr. Eiras, internada desta vez pelo filho, Cesácion Cançado Praxedes. Maura foi encaminhada à enfermaria coletiva, uma vez que não tinha direito a quarto individual. Lá tinha acesso a outras pacientes e podia sair do local livremente. Recolheu-se às vinte horas e trinta minutos e, segundo a atendente, mostrava-se calma. Por volta das vinte e horas e quarenta minutos Maura foi até o consultório médico e lá encontrou a servente, que preparava o lanche para o médico de plantão. Disse-lhe, sem rodeios, que havia matado uma das pacientes. A servente, confusa, foi imediatamente à enfermaria. Lá chegando, constatou que uma das pacientes estava mesmo morta. Era uma jovem de dezenove anos, cabelos curtos, estatura baixa, tez morena, que dormia em uma das enfermarias. Segundo o laudo do Instituto de Criminalística, a jovem foi morta por estrangulamento, tendo sido utilizado uma faixa de tecido rasgada de um lençol, mas não apresentava sinais de luta. Ao se deparar com o corpo sobre a cama, a servente avisou sua colega, que chamou o médico de plantão. Chegando à enfermaria, o médico encontrou a paciente e, logo em seguida, Maura. Segundo ele, Maura aproximou-se e, assumindo a responsabilidade pela morte da jovem, teria dito, em tom de justificativa, que: *queria mudar de casa de saúde e que havia chegado à conclusão que matando alguém seria a melhor maneira de conseguir isto uma vez que assim teria certeza de que seria transferida para um manicômio judiciário* (Processo penal, fl. 25). (SCARAMELLA, 2010, p. 26).

As dificuldades emocionais e financeiras aumentaram e, depois do crime, tudo ficou mais difícil, a autora foi aos poucos se afastando da escrita. Não eram apenas essas dificuldades, mas Maura tornara-se um sujeito jurídico passando a caminhar dentro da

lógica estabelecida por esse universo. “Sua vida foi guiada por essa lógica, pelas práticas e mesmo pelas incoerências do universo médico-penal.” Assim um novo discurso sobre Maura se configura, pois a partir de então será vista também como criminosa, ficando sob o ‘olhar’ desta instituição, pois mesmo em liberdade suas ações seriam mais ‘limitadas’ e vigiadas pelo fato de ter assassinado alguém. (SCARAMELLA, 2010, p.93).

Considerada inimputável, a *medida de segurança* designava que fosse internada em um hospital psiquiátrico apropriado. Como não existia um hospital de custódia para receber mulheres, passou alguns anos entre uma prisão e outra.

“Em 1980, é concedida a Maura liberdade vigiada. Liberdade que viveu entre uma internação e outra, planejando escrever, mas sem voltar, de fato, a fazê-lo. Faleceu em dezenove de dezembro de 1993, em consequência de doença pulmonar obstrutiva crônica.” (SCARAMELLA, 2010, p.3).

Este breve esboço biográfico de Maura é já um prenúncio dos discursos construídos sobre a vida e obra de Maura, os quais em parte são problematizados neste trabalho. Uma batalha discursiva se configura, esta batalha é perpassada por falas dúbias, atravessadas pelo fio condutor que articula quem foi Maura, a louca, a escritora, a mulher bonita à frente de seu tempo. Nesta intriga, Maura é enredada por discursos diversos, numa disputa de poderes e saberes que procuram configurar lugares de sujeito. (BORGES, 2010). A autora também apresenta um discurso sobre si, travando uma batalha com outros discursos, o dos médicos, dos amigos, da família e dos pesquisadores, discurso este que em alguns momentos é similar a estes (pois dele se alimentaram), em outros se contrapõe aos demais discursos. Há uma repetição de discursos como ocorre na maioria das falas e trabalhos analisados.

Estou ciente de que este trabalho também instituirá posições de sujeito para Maura, sendo mais um discurso que se configura nesta batalha discursiva, assim em muitos momentos, este irá se contrapor ou se cruzar ou se contrapor com os demais já instituídos sobre ela, inclusive com o próprio discurso construído pela referida autora.

Sendo assim um dos objetivos específicos deste trabalho constitui-se em analisar e compreender quais os papéis posições de sujeito são construídas para Maura

pelos diferentes discursos sobre a ela, muitos dos quais vindos de seu próprio discurso de Maura e repetidos posteriormente por seus amigos ou colegas de trabalho da autora e por pesquisadores de áreas diversas que analisaram suas escritas.

Outro objetivo específico desta dissertação é compreender como Maura se institui discursivamente no decorrer de suas narrativas, especialmente na obra *Hospício é Deus*, e como este discurso produz uma subjetivação, entendida como uma relação de força sobre si mesma, produtora de subjetividades, uma compreensão acerca de si. (DELEUZE, 1992).

Os sujeitos considerados loucos, por muito tempo, foram silenciados e excluídos do convívio social, ou quando suas vozes eram ouvidas e suas narrativas lidas (quando estes escreviam), na maioria das vezes, o foram apenas para confirmar seus delírios, sua desrazão. Porém, como nada é estático na história, tudo se transforma e pode ser ressignificado, com relação à loucura e aos loucos não é diferente. Tanto a forma como a loucura e os loucos foram percebidos pela sociedade e pelo saber médico, desde quando este se configura (a partir do século XVIII), também a forma como foi analisada e problematizada pelos pesquisadores, passou, e ainda passa, por mudanças profundas e significativas.

De acordo com Wadi (2011, p.250), “o campo de análise historiográfica, atualmente conhecido como *história da loucura e da psiquiatria*, constituiu-se a partir de linhas ou tendências diversas.” A primeira delas é a chamada historiografia tradicional, também conhecida por história pioneira, e tem sido caracterizada como a história das realizações e feitos dos médicos psiquiatras, escrita majoritariamente por estes. A segunda, surge nas décadas de 1960 e 1970, posteriormente, é conhecida como historiografia revisionista, pois tinha surgido com a pretensão de revisar e ampliar as perspectivas da historiografia tradicional, e assim seus estudos discutiam, entre outros temas, o papel das instituições psiquiátricas como instrumentos de controle social. (WADI, 2011).

Já a tendência atual, chamada apenas de *nova tendência ou tendência contemporânea*, ou ainda de *história cultural da psiquiatria*, que se configura a partir da década de 1990, tem sido reconhecida como uma *história vista de baixo ou história com sujeito*, “seguindo assim a *história da loucura e da psiquiatria* o mesmo movimento ocorrido em outras áreas da História disciplina.” (WADI, 2011, p.253).

Nesta tendência emergem trabalhos, por exemplo, que ressignificam as experiências de doentes, médicos e familiares em um microcosmo onde os estreitos quadros institucionais podiam ser frequentemente excedidos, oferecendo as mil e uma faces da loucura internada. (SACRISTÁN, 2009, p.167).

Dentre as variadas fontes trabalhadas por estudos que se situam nesta tendência, encontram-se as narrativas dos loucos, seja em forma oral, seja em forma escrita. Algumas destas narrativas foram transformadas posteriormente em obras literárias, como o diário transformado no livro *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado, principal fonte desta pesquisa o qual juntamente com o livro e a coletânea de contos *O Sofredor do Ver*, coletânea de contos publicados originalmente, obras deram relativo reconhecimento a Maura por parte de seus contemporâneos, ainda que não tenham entrado para os cânones literários merece certo reconhecimento de seus contemporâneos. Estas obras também tem despertado o interesse ao longo dos anos, de uma série de pesquisadores, de áreas diversas, interessados em compreender mais amplamente o próprio universo literário.

Alguns trabalhos que analisaram a escrita de loucos demonstrando as possibilidades desta para ampliar a compreensão das relações estabelecidas no manicômio, a partir do olhar dos pacientes que não foram somente assujeitados, mas também produziram subjetivação e subjetividades, servem de inspiração para a construção deste trabalho e tecem um diálogo teórico-metodológico com este. Neste sentido, destacamos algumas destas obras que, significativamente contribuíram na tessitura desta dissertação.

Wadi (2002) em sua tese de doutorado em História em História pela PUC/SP, *Louca pela vida: a história de Pierina*, publicada em livro posteriormente com o título *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura* (WADI, 2009), é um destes trabalhos. Na tese / livro qual a pesquisadora apresenta e analisa a trajetória de vida de Pierina através das escritas desta mulher louca- criminosa internada em julho de 1909, no Hospício São Pedro de Porto Alegre, sob a suspeita de sofrer das faculdades mentais depois de ser indiciada em processo criminal por ter afogado sua filha pequena. Através das cartas de Pierina a autora analisa aspectos do cotidiano em que se insere Pierina, cruzando e mesclando com relações mais amplas tais como as de gênero e as relações sociais no Rio Grande do Sul no início do século XX.

Também a tese de doutorado em História de Borges (2010) pela UFRGS, *Do esquecimento ao tombamento: A invenção de Arthur Bispo do Rosário* é uma referência importante para este trabalho. Nela a autora Borges analisa os diferentes discursos instituídos sobre Bispo estes inseridos numa batalha discursiva, bem como o discurso do próprio Bispo, considerando todos como fazendo parte de uma batalha discursiva. E outro texto de Borges (2007), contribui para esta pesquisa, sua dissertação de mestrado *Loucos (nem sempre) mansos da estância: controle e resistência no cotidiano do Centro Agrícola de Reabilitação (Viamão/ RS, 1972-1982)*, publicado em livro posteriormente com o título *Loucos nem sempre mansos (BORGES, 2012)*, neste a autora analisa o contexto em que surgiu o Centro Agrícola de Reabilitação no início dos anos 70, analisando também as relações sociais de controle e resistência no cotidiano da referida instituição sob a perspectiva de poder disciplinar foucaultiano.

Na tese de doutorado em História de Santos (2005) em História pela UFRGS, *Histórias de sensibilidades: Espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*, nesta tese são analisadas e interpretadas narrativas de ou sobre loucos, doze cartas e um versinho de TR – um interno psiquiátrico –, as obras *Diário de Hospício* e *Cemitério dos vivos* de Lima Barreto e a obra *No Hospício* de Rocha Pombo.

A referida tese que resultou em um livro trabalha sobre a loucura dando direito e legitimidade à voz do louco, à sua sensibilidade. A questão da escrita e particularmente, a escrita de si ou escrita auto referencial, constitui-se em elemento central desta tese, objeto que se desdobra no tema da loucura, a partir de textos escritos por sujeitos considerados ‘loucos’ dentro de certo contexto social e cultural.

Todos estes trabalhos, assim como este que estou a realizar possuem em comum o fato de trabalharem com narrativas de loucos como fontes, sejam elas cartas, diários, imagens, obras literárias. Tais fontes apresentam muitas possibilidades de análise e compreensão de sobre quem eram (e são) as pessoas que viveram a experiência da loucura e testemunharam sua própria experiência sobre ela através de escritas ou imagens, através de um desvelamento de suas subjetividades e subjetivações, bem como do próprio cenário psiquiátrico dos períodos que as referidas pesquisas abordaram.

Nestes trabalhos, conforme a afirmação de Porter:

Embora os loucos frequentemente pareçam tão alienados, tão alienados em suas mentes (acreditava-se) a ponto de necessitarem ser excluídos da sociedade, seus testemunhos denotam claramente, ainda que muitas vezes numa linguagem distorcida ou não-convencional, as ideias, valores, aspirações, esperanças e medos de seus contemporâneos. Eles usam a linguagem de sua época, apesar de muitas vezes de maneira nada ortodoxa. Quando lemos os escritos dos loucos, temos uma visão ampliada daquilo que pôde ser pensado e sentido num universo à margem. (PORTER, 1991, p. 8).

Apesar de muito já se haver discutido e trabalhado com o tema loucura e com os loucos, eram os olhares de “fora” (na maioria das vezes) que construía interpretações sobre tais sujeitos e sua experiência de internamento manicomial.

Ao se trabalhar com as narrativas dos próprios loucos podemos ler uma versão da loucura por “dentro”, ou seja, por alguém que experienciou o internamento em hospitais psiquiátricos e deixou escritas suas impressões e representações sobre o manicômio, sobre a loucura, sobre o ser “louco”, bem como sobre os psiquiatras e suas práticas, como na obra *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado.

Sendo assim esta dissertação visa dar a sua contribuição acadêmica, através da problematização das narrativas de Maura, na obra *Hospício é Deus*, que além de serem problematizadas como práticas discursivas subjetivantes, serão discutidas em seu potencial de narrativa testemunhal, de uma época, das relações no espaço manicomial, do saber-poder médico, de quem eram os loucos. Entende-se que através dos discursos desta mulher considerada louca, podem-se ouvir os inúmeros sujeitos que foram silenciados ou cujas vozes foram ouvidas apenas para confirmar sua “loucura”. Porém, mesmo em uma situação de aprisionamento, alguns deles conseguiram problematizar sua vivência, criaram modos de vida e deixaram escritas suas impressões sobre si mesmos, sobre a loucura e sobre as instituições em que viveram.

Compartilhadas, ou não, com outros internos, tais narrativas construídas durante períodos de internação em instituições psiquiátricas, expressam de formas diversas o modo como esses sujeitos, que viveram a experiência manicomial – sendo considerados e considerando-se, ou não, “alienados”, “loucos”, “doentes mentais”... –, problematizaram esse viver. Tais problematizações construídas por sujeitos que raramente puderam falar de si mesmos – desde que adentraram os muros das instituições, ou mesmo antes disto – e que, mais raramente ainda foram ouvidos, oferecem informações, pistas, vestígios, que ampliam significativamente a compreensão historiográfica sobre tais espaços, sobre o papel e o significado das instituições, de sua constituição em tempos passados até a contemporaneidade. Abrem também para instigantes questionamentos acerca

dos limites do saber e do poder psiquiátrico e, especialmente, acerca dos diferentes sujeitos que ocuparam seus espaços. Somadas aos vestígios encontrados em outras fontes – mesmo antigas fontes interpretadas, hoje, de forma diferente –, vem possibilitando a ampliação da visão historiográfica, construindo uma nova e contemporânea tendência no campo da *história da loucura e da psiquiatria*. (WADI, 2010, p.24).

Nesta pesquisa os discursos de e sobre Maura – oriundos de diferentes lugares como a imprensa ou a universidade – são analisados da mesma forma com que Foucault (2003, p.12), analisou os vários discursos instituídos sobre Pierre Rivière, pois todos falam ou parecem falar da mesma pessoa, “mas todos eles e em sua heterogeneidade, não formam nem uma obra nem um texto, mas uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos”.

Mas, “e ainda dizer uma batalha, não é dizer o bastante, vários combates desenrolaram-se ao mesmo tempo, e entrecruzando-se”, pois não há zona de pacificidade, nem linearidade histórico-social, ou uniformidade; há sempre batalhas, desafios, e os discursos constituem-se, ao mesmo tempo, ferramenta de luta e objeto pelo qual se luta, do qual os sujeitos desejam apoderar-se. (FOUCAULT, 2003, p.12).

Ausente diretamente nesta análise estão os discursos enunciados pelos saberes como a psiquiatria ou o direito, com os quais Maura enredou-se ao longo de sua vida, pois não obtive acesso direto aos seus documentos médicos e jurídicos. Porém, estes reverberam (com seus conceitos) em outros discursos que falam de Maura e sua obra, assim como no próprio discurso que ela constrói sobre si.

Entendo que a palavra discurso tem acepções variadas, mesmo na perspectiva de Michel Foucault, tomada aqui como referência fundamental. Prescinde-se de delinear todo o caminho percorrido pelo autor em diversas obras<sup>5</sup>, construindo e reconstruindo o conceito, optando-se por indicar o sentido do termo nesta dissertação, a noção de discurso é empregada por Michel Foucault na *A arqueologia do saber* como: “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que

---

<sup>5</sup> O conceito de discurso é analisado por Foucault em suas obras tais como: FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *A arqueologia do saber*; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2004, p. 43). Assim, Foucault (2004, p.43) compreende “o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva”.

Através do discurso há também um processo de subjetivação, conforme Deleuze: “para Foucault a subjetivação é a produção dos modos de existência ou estilo de vida, pois não basta que a força se exerça sobre outras forças [...]. é preciso que ela se exerça sobre si mesma”. (DELEUZE, 1992, p.140-142).

Costa destaca também que:

Os discursos sobre as estruturas coercitivas se chocam frequentemente com recursos teóricos nos quais privilegiam a autonomia explicativa do social por meio da ação. A recíproca é, do mesmo modo, válida. Estrutura e ação, coerção e habilitação, limite e possibilidade etc., tudo isso vem apenas mostrar o terreno no qual o indivíduo está envolvido. A experiência subjetiva está nesse solo. Portanto, o subjetivo não é apenas o de “dentro”, tampouco é mero receptáculo do lado de “fora”; é também uma dobra do lado de fora (força, como diria Gilles Deleuze) para se constituir um dentro. Não é um dentro autônomo, muito menos simples recebedor dos mecanismos de controle, mas sim, uma construção, um processo intenso de produção dessa individualidade nascido entre os poderes e os saberes para se tornar uma relação consigo. Processo esse heterogêneo no espaço e no tempo da produção dessa subjetividade [...]. (COSTA, 2010, p.31).

Nesta pesquisa, os discursos de Maura serão analisados também como testemunho de uma época, sendo que deste se formam novos discursos. Tomado como testemunho, o discurso de Maura mostrando como por vezes se contrapõe, ou elucida aspectos, oferece informações desconhecidas ou até se somam e se contrapõe referenda os discursos vigentes sobre a assistência psiquiátrica, a loucura, os loucos. Pois, mesmo o considerando como discurso, as narrativas de Maura podem conter em si mesmas possibilidades para repensar aquele momento. A autora constrói em sua narrativa também um discurso sobre si mesma, considerados através de uma escrita de si. Nesta há a construção de sua subjetividade através de um processo de subjetivação, ou seja, uma dobra sobre si mesma conforme formula Foucault (DELEUZE, 1992).

As narrativas de Maura são trabalhadas como uma Escrita de Si, ou seja, como este sujeito se percebe se define, se constrói e se reconstrói, cria uma identidade para si, dentro e fora dos muros do manicômio, busca por uma identidade que não é única, são

várias em constantes transformações, assim como não são únicas as percepções e identificações de todos os seres humanos, na tentativa de construir as trajetórias de suas vidas, sejam elas pessoas ‘normais’ ou consideradas ‘loucas’.

A escrita de si não é um gênero específico, com características ou qualidades bem definidas e rígidas. Antes do caráter que esse texto assume, e que inclui “diários, memórias e escritos em primeira pessoa em geral, é uma modalidade literária autobiográfica que se caracteriza por uma tentativa, por parte do sujeito, de objetivar o *eu* que escreve.” (ARAÚJO, 2011, p.12).

Sobre a noção de verdade presente nas escritas de si, Ângela de Castro Gomes considera:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. (...) Na cultura desse tipo de sociedade é que a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as ideias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos, ambas marcantes para as definições de conhecimento e ética próprias ao individualismo. A verdade passa a incorporar um vínculo direto com a subjetividade / profundidade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos. A verdade, não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais e como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida. (GOMES, p. 13-14).<sup>6</sup>

Assim o que interessa nas escritas de si não é a ‘verdade’ sobre o indivíduo que escreveu, mas sim as ‘verdades’, o seu olhar sobre os acontecimentos, sobre si mesmo, neste caso como Maura apresenta as suas ‘verdades,’ o seu entendimento acerca do mundo e da sua realidade, esta sendo expressa através de discursos sobre si e sobre o universo do qual ela fazia parte.

A “escrita de si” é apropriada como estatuto de documento histórico, observando a fragmentação do indivíduo e as múltiplas transformações políticas e sociais do período em que são escritas. Como documento a “escrita de si” recupera o tempo real e permite a identificação histórica dos fatos e personagens, através da ênfase à dimensão individual desse processo. Desvendam-se então, os caminhos de uma

---

<sup>6</sup> Assim o que interessa para o historiador é a ótica que o autor assume e como ele a registra algum(s) acontecimento(s). Como afirma Gomes (2004, p.15): "Um tipo de discurso que produz uma espécie de 'excesso de sentido do real pelo vivido', pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem"...

memória que de forma voluntária ou involuntária registra a recordação de si mesma e de outro dando sentido a representação de um tempo histórico. (GOMES *apud* AZEVEDO, 2004, p.207).

As escritas de si serão analisadas nesta pesquisa, também conforme a formulação de Foucault, ou seja, como parte de um processo de subjetivação. “O termo ‘subjetivação’ designa, para Foucault, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade.” (REVEL, 2002, p.82). Trata-se assim de compreender as modalidades de uma relação consigo que envolve a realização de uma prática contínua de procedimentos da Escrita de Si que é considerado por Foucault um procedimento de subjetivação.

Os "modos de subjetivação" ou "processos de subjetivação" do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência. (REVEL, 2002, p.82).

Maura Lopes Cançado, ao escrever sobre si mesma, apresenta uma forma de subjetivação que pode ser compreendida como uma dobra de si mesma, um discurso instituído por ela e sobre ela mesma. Esta dobra da autora, procurando organizar e apresentar uma versão de si mesma, que nunca é estática, é inventada e reinventada a todo o momento, “significa um território subjetivo que exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora.” (COSTA, 2010, p.37). Trata-se de relação de forças, onde se produz uma flexão ou curvatura produzida pelos processos de subjetivação. É, portanto, nesse campo de relação de forças que produz a subjetividade, a constituição da relação de Maura consigo mesma e com o mundo. É importante lembrar que “essa relação consigo não é algo reservado, algo autônomo dos eixos do poder e do saber. Permanece, logicamente, dependente de todo o *sistema institucional e social*.” (COSTA, 2010, p.37).

O que está do lado de fora é a força, por conseguinte, deve-se vergá-la, flexibilizá-la, dobrá-la, para com isso, ter uma nova forma de relação consigo que não seja apenas de constrangimento, mas também de capacitação. Que seja,

assim, uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si. (DELEUZE, 2005 *apud* COSTA, 2010, p.37).

As narrativas escritas por Maura serão trabalhadas também como Narrativas Testemunhais indicadas anteriormente. A literatura de testemunho assume inquestionável importância na medida em que proporciona uma forma de registro do ocorrido. Porém, trata-se de um discurso específico em que a suposta realidade, como todas as demais fontes de que se utiliza a historiografia, nos chega filtrada pelos autores e estas falas não devem ser tomadas como a verdade única e absoluta sobre o assunto narrado, justamente em função do dito “efeito de realidade” que conseguem criar, com forte apelo emocional. “Estas obras permanecem em uma tênue fronteira entre o real e a imaginação, artifício literário em dado momento e, desabafo /vitimização, em outro”. (MARQUETTI, 2012, p.190).

Elmir elucida que ao conter uma importante dimensão de referencialidade, a literatura de testemunho torna-se um especial objeto de interesse do historiador. Ela remete à realidade vivida, embora, ao fazê-lo, utilize-se muitas vezes, dos padrões de escrita de ficção. Esta característica não deve passar despercebida pelo olhar crítico do historiador. Ou seja, o fato de o lugar de origem (ou a fonte) do texto ser as lembranças de quem as enuncia não libera o historiador da função crítica que lhe cabe, da mesma forma que o recurso a outras fontes não se constitui em garantia da verdade. (ELMIR, 2010).

Os pontos fortes das narrativas testemunhais, sem esquecer os seus pontos falhos, também são analisados por Ricoeur, que apresenta, além disto, as possibilidades de análise e problematização dos testemunhos trabalhados pelo historiador:

... O testemunho é, num sentido, uma extensão da memória, tomada na sua fase narrativa. Mas só há testemunho quando a narrativa de um acontecimento é publicitada: o indivíduo afirma a alguém que foi testemunha de alguma coisa que teve lugar; a testemunha diz: “creiam ou não, em mim, eu estava lá”. O outro recebe o seu testemunho, escreve-o e conserva-o. O testemunho é reforçado pela promessa de testemunhar de novo, se necessário; o que implica a fiabilidade da testemunha e dá ao testemunho a gravidade de um sermão [...]. Mas o testemunho é, ao mesmo tempo, o ponto fraco do estabelecer da prova documental. É sempre possível opor os testemunhos uns aos outros, quer no que diz respeito aos factos relatados, quer no que respeita à fiabilidade das testemunhas. Uma parte importante da batalha dos historiadores para o estabelecimento da verdade nasce da confrontação dos testemunhos, principalmente dos testemunhos escritos; são levantadas questões: porque foram preservados? Por quem? Para benefício de quem? (RICOEUR, 2003, p.3).

As narrativas testemunhais tomadas como fonte histórica devem receber a mesma criticidade e problematização que as demais fontes recebem, pois apesar de esta narrativa possuir um forte fator de coesão, dando a impressão de ser um relato completo de quem narrou suas próprias experiências e relações sociais, não isenta o pesquisador de fazer uma análise crítica da subjetivação da experiência, pois apesar de possuírem a característica da verossimilhança, não significa a realidade como um todo, mas uma versão desta, expressa através de representações e significações do autor que escreve sobre si e a realidade social que sua vida esteve imersa. (ELMIR, 2010).<sup>7</sup>

Ressalta-se que as narrativas de Maura, na primeira parte do seu texto posteriormente publicado em livro, não são relatos cronológicos de fatos ocorridos no seu dia-a-dia, mas sim fatos que julgou marcantes em sua infância, adolescência e juventude, sendo, portanto, memórias do seu passado vivido na fazenda de seus pais, no interior de Minas Gerais em São Gonçalo do Abaeté. A segunda parte do diário está narrada em primeira pessoa e nesta a autora apresenta sua experiência de internamento no manicômio, sendo assim, entendo tratar-se de uma autobiografia.

No trabalho com a autobiografia de Maura algumas questões me instigam, sendo uma delas ou a principal, perceber que o elemento ficcional está presente no texto, apesar de ser narrado por alguém que vivenciou as situações narradas.

Araújo (2011) traz as discussões e as elaborações teórico-metodológicas acerca da autobiografia elaborada por Philippe Lejeune. Conforme Araújo, Lejeune argumenta que o que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. Esse pacto autobiográfico garante a veracidade do relato: trata-se de um modo de leitura em que o narrado é tomado como inquestionável. “A autobiografia seria, então, o limite máximo dessa busca, na medida em que, como as cartas, opera com uma objetivação do eu que fala que se oferece ao olhar do outro ao mesmo tempo em que olha para si mesmo”. (LEJEUNE, 2008, *apud* ARAÚJO, 2011, p.8).

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que nas últimas décadas o movimento de revalorização do papel do sujeito na história, deve levar os historiadores a bem municiar-se de recursos de análise, muitos deles provenientes de outras disciplinas para poder enfrentar as questões de subjetividade que estão presentes na literatura de testemunho e nas escritas de si. (ELMIR, 2010).

Para Lejeune, é, sobretudo, um contrato de leitura firmado entre autor e leitor que estabelece a leitura autobiográfica de um determinado texto: o que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. A identidade de nomes entre autor, narrador e personagem implica, para o leitor, o entendimento de que o tom confessional das narrativas autobiográficas pressupõe uma garantia de verdade. Neste sentido, o pacto autobiográfico confirma um compromisso do autor com o leitor: o narrado está relacionado com uma referencialidade externa e pode ser comprovado. Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter, portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real. (Lejeune, 2008, *apud* ARAÚJO, 2011, p.22).

Conforme afirma Alberti (1991), do ponto de vista do enunciado, o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos e omissões na história do personagem, sendo que muitas vezes o autor mesmo - num movimento de sinceridade próprio à autobiografia – “[...] escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento”. (ALBERTI, 1991, p.11).

Artières, no seu artigo intitulado “Arquivar a Própria Vida”, traz também algumas considerações e reflete sobre a autobiografia e, assim como Alberti, ressalta que ao se escrever uma autobiografia, registram-se apenas alguns acontecimentos e omitem-se outros e quando se relê a mesma, sempre são acrescentadas coisas ou apagadas outras:

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos acontecimentos como ordenamos numa narrativa, a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer em princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação do eu. (ARTIÉRES, 1998, p.11).

É possível observar esta prática no trecho a seguir, escrito por Maura, na obra *Hospício é Deus*:

Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas - depois rasgo a metade, respeitando apenas, quase sempre, aquelas em que registro fatos ou minhas relações com as pessoas. Justamente nestas relações está contida toda minha pobreza e superficialidade. Não sei como alguém, como eu, pode reagir da forma com que faço. Será deveras lastimável se este diário for publicado. Não é, absolutamente, um diário íntimo, mas tão apenas o diário de uma hospiciada, sem sentir-se com direito a escrever as enormidades que pensa suas belezas, suas verdades. Seria verdadeiramente escandaloso meu diário íntimo- até para mim mesma, porquanto sou multivalente, não me reconheço de uma página para outra. Prefiro guardar minhas verdades, não pô-las no papel. (CANÇADO, 1965, p. 122).

Nesta passagem da obra *Hospício é Deus*, Maura deixa claro que ao escrever seu diário seleciona as páginas as quais ela deseja que outras pessoas leiam, enquanto outras são rasgadas por prever um escândalo caso estas sejam lidas e publicadas. Não apenas por afrontarem, talvez, a ordem estabelecida naquele espaço onde ela estava inserida. Mas também, para que a narrativa que estava construindo fosse organizada, de forma que apresentasse, a si mesma e ao leitor, um sentido para a sua própria vida. A isso, Artières denomina intenção biográfica.

Alberti destaca que:

... se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. É essa busca também que prevalece na estrutura do texto, os relatos ganhando sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia. (ALBERTI, 1991, p.12).

“O que define o pacto autobiográfico estabelecido pelo narrador com o leitor de uma autobiografia não é apenas uma verossimilhança com o real, mas uma semelhança com a realidade, o que não ocorre quando se trata de narrativas apenas ficcionais” (ALBERTI, 1991, p.12). Isto não significa de forma alguma que toda a realidade seja apresentada por quem organiza a narrativa, como acontece com as narrativas autobiográficas de Maura Lopes Cançado, analisadas neste trabalho.

A fonte principal desta dissertação, como já indiquei antes, é a obra de Maura Lopes Cançado *Hospício é Deus* (1965), analisada e problematizada na sua íntegra. Em 1959, Maura internou-se pela terceira vez em uma instituição psiquiátrica e foi sobre este período - de 25 de outubro de 1959 a 7 de março de 1960 - vivido no hospital Gustavo Riedel, no Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro, que a autora tratou no que se poderia chamar de segunda parte, também a maior parte, de seu livro *Hospício é Deus - Diário I*. Na primeira parte, cerca de 30 páginas, ela descreveu aspectos de sua vida antes desta terceira internação, enfatizando sua infância e adolescência até os dezesseis ou dezessete anos. Esta parte tem o tom do diário, mas não a marcação dos dias, como a segunda parte.

O livro *Hospício é Deus: Diário I* teve três edições: a primeira, de 1965, saiu pela José Álvaro editor; a segunda saiu em 1979, pela editora Record e a terceira pelo Circulo do Livro, em 1991. Esta, a última edição, é a que serviu de fonte primária desta pesquisa. Apesar de ser tema de teses até na *Sorbonne*,<sup>8</sup> conforme afirma Cony (2007), o livro *O Hospício é Deus* está fora de catálogo há 20 anos.

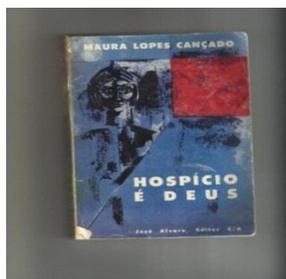
Na primeira e na segunda edição a obra intitulava-se *Hospício é Deus: Diário I*, pois, conforme Scaramella (2010) havia um segundo volume da obra que não chegou a ser publicado. A autora apresenta algumas versões sobre o ocorrido, como a versão de que o editor José Álvaro teria perdido o original do segundo volume dentro de um táxi, ou que

---

<sup>8</sup>Na matéria publicada na Folha de São Paulo (SP) 15/06/2007 Cony se refere a esta tese: “Em 2003, quando fazia uma série de palestras na Sorbonne (Nantes, Lyon, Rennes e Paris), um jovem professor pediu-me para falar sobre Maura Lopes Cançado, cujo livro "O Hospício É Deus" estava estudando para uma tese de doutorado na própria Sorbonne”. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5587&sid=571> acesso em: 20 de janeiro de 2013. Não tive acesso a esta tese, mas estou buscando e pesquisando para encontrá-la e assim apresentar e problematizar a mesma neste trabalho.

o livro havia sido roubado durante o tempo que Maura ficou na prisão, depois de ter assassinado outra interna na Casa de Saúde Dr. Eiras.

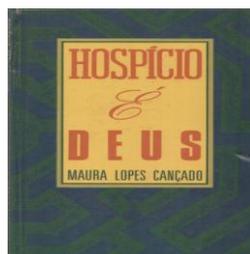
**Figura 1 - Capa da 1ª. edição de Hospício é Deus**



Fonte: Cançado, 1965.

Já a terceira edição foi intitulada apenas como *Hospício é Deus*, sem a denominação referente ao primeiro volume do diário. Esta última edição é a trabalhada nesta pesquisa.

**Figura 2 - Capa da 3ª. edição de Hospício é Deus**



Fonte: Cançado, 1991.

As características e formas da primeira e da terceira edição serão descritas brevemente a seguir. A segunda edição não consegui localizar, pois a obra está fora de catálogo há muitos anos. Os exemplares da primeira e da terceira edição encontram-se disponíveis (alguns poucos) em alguns sebos do país como a Estante Virtual. Através é

desta que consegui adquirir a primeira edição com suas páginas já bem amareladas e unidas por um durex, porém sua parte textual encontra-se com boa visibilidade.

Como se pôde observar a capa da primeira edição possui uma figura de uma mulher com o rosto escurecido. Possivelmente, esta imagem faz uma alusão à própria autora, mulher que viveu a experiência da loucura, rosto sofrido e desgredado pelas agruras da internação manicomial.

Na primeira página há uma citação que está presente nas duas edições (analisadas) da obra de Jean- Paul Sartre: “Mas lá chegaria o momento em que o livro estivesse escrito e ficasse atrás de mim- um pouco de sua claridade cairia sobre o meu passado. Talvez então eu pudesse, através dele, recordar a minha vida sem repugnância”. (SARTRE s/d *apud* CANÇADO, 1991).

O prefácio <sup>9</sup> de Reynaldo Jardim está presente também na primeira e terceira edição, o autor diz pretender fazer mais do que um prefácio, uma advertência sobre o teor perigoso da referida obra. Sua intenção é que, a partir do prefácio, o leitor já se torne consciente que *Hospício é Deus* não é apenas um livro de memórias no qual o leitor se deleitará com belos momentos vividos pela sua autora e personagem. Muito pelo contrário, é uma escrita chocante que levará o leitor a angustiar-se e assim refletir sobre as narrações ali contidas.

As narrativas de Maura na primeira parte do seu diário são memórias do seu passado vivido na fazenda de seus pais, no interior de Minas Gerais, em São Gonçalo do Abaeté. Nesta parte da obra, as lembranças criam um ambiente de intimidade, descritivo, onde os laços afetivos aparecem ligados às pessoas, a objetos e aos lugares: a fazenda, a casa, as roupas, o quintal, sua grande amiga árvore, as castanholas, o chapéu, os livros de história, o rádio, a família, os irmãos, os pais, etc...

A partir da página vinte e seis, a segunda parte do livro a autora apresenta sua experiência de internamento no manicômio. Nessa parte ela relata suas impressões sobre o hospital, tratamentos, sobre os médicos e as relações travadas naquele espaço. Seu presente no universo da instituição aparece misturado às lembranças do passado e às expectativas do

---

<sup>9</sup> O prefácio da obra *Hospício é Deus* será analisado (no primeiro capítulo) como um discurso sobre Maura, este também se encontra imerso na trama discursiva, configurando uma batalha discursiva.

futuro. É nas páginas vinte e seis e vinte sete, que a autora reflete pela primeira vez sobre a loucura e sobre os loucos.

O assunto que mais aparece na obra é a loucura, seguindo reflexões de Maura sobre esta. Aparecem reflexões sobre o hospício que, paradoxalmente ela ama e odeia ao mesmo tempo, também sobre os maus-tratos e violências por ela percebidos e sofridos no manicômio.

Na terceira edição da obra *Hospício é Deus*, há pequenas mudanças em relação à primeira edição. Na segunda página há uma dedicatória: “À *sofredora do ver: Maura Lopes Cançado*”, escrito por Reynaldo Jardim que escreveu também o prefácio do livro, como já citado anteriormente.

A parte interna da obra apresenta-se estruturada da mesma forma que a primeira edição, mas nesta última é apresentado um posfácio redigido pela jornalista Margarida Austran, autora que havia publicado uma matéria no jornal O Globo, em 1978, na qual relatou sua visita à Maura, no Hospital Penal da Penitenciária Lemos de Brito, onde Maura estava presa após assassinar uma colega de internação. Tal matéria está colocada como um posfácio à terceira edição da obra *Hospício é Deus*, Margarida Austran<sup>10</sup> relata a situação miserável e degradante em que Maura se encontrava naquela penitenciária. A reportagem apresenta um quadro bastante dramático do que é a vida dentro de uma prisão.

Também trabalhei com alguns contos escritos por Maura, e reunidos na obra *O Sofredor do ver* (1968). Esta é uma coletânea de contos esparsos escritos por ela para o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Tais contos foram escritos antes e durante o período em que ela esteve internada no hospital Gustavo Riedel. Além dessas duas obras, ‘trabalho com algumas cartas enviadas por Maura a sua amiga Vera Brant. Essas cartas em número de cinco foram escritas após o período em que esteve internada no Hospital Gustavo Riedel, portanto depois da escrita da obra *Hospício é Deus*, mas as mesmas mantêm um diálogo com a referida obra, pois nelas Maura também se refere a sua vida e a sua relação com a loucura e as suas internações, suas idas e vindas dos manicômios.

---

<sup>10</sup> O texto escrito pela jornalista Margarida Austran o qual se encontra como posfácio da terceira edição da referida obra, será mais bem analisado no primeiro capítulo, sendo tomado como mais um enunciado na trama dos discursos que instituíram posições de sujeito para Maura. “Matéria publicada no jornal “O Globo” em 1978. Depois de cumprir sua pena. Maura chegou a viver em liberdade. Operou a vista, voltando a enxergar. Internou-se numa clínica particular no Rio de Janeiro” (AUSTRAN In: CANÇADO, 1991, p.188).

Os escritos sobre Maura, tanto de seus colegas como de pesquisadores como já citei anteriormente, são analisados nesta pesquisa como discursos. São, portanto, fontes da dissertação. Início apresentando os textos publicados por amigos, colegas de Maura Lopes Cançado e outros pesquisadores os quais divulgaram textos sobre ela em cinco blogs e uma matéria escrita em jornal.

O texto “*Os voos de Maura*” escrito por Daniela Lima a qual é jornalista e escritora (texto apresentado em seu blog).<sup>11</sup> No início de 2013 Daniela Lima iniciou o projeto *Resgate de Maura* que resultará na publicação de uma biografia sobre a autora e na reedição do livro *O Hospício É Deus*. Atualmente, escreve a biografia de Maura Lopes Cançado, com a assistência de pesquisa de Natália Pinheiro.

Outro texto sobre Maura intitula-se “*Adeus a Cesarion Praxedes*” escrito por Pedro Rogério Moreira, jornalista, cronista e memorialista brasileiro (matéria publicada em blog).<sup>12</sup> Publicou<sup>13</sup> várias obras tais como: *Hidrografia Sentimental*, *Aventuras sem malícia de um repórter na Amazônia*, *Bela noite para voar*, etc.

O texto “*Outras Mauras*”<sup>14</sup>: *Da Razão e da loucura*, foi escrito por José Louzeiro, (este texto encontra-se em seu blog). Louzeiro<sup>15</sup> é escritor e roteirista, trabalhou, inicialmente, na Revista da Semana como foca em O Jornal, da Cadeia dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Posteriormente, passou pelas redações da Revista da Semana, Manchete, Diário Carioca, Última Hora, Correio da Manhã (no Rio) e, em São Paulo, pela Folha e o Diário do Grande ABC.

Louzeiro é autor de 40 livros e criador, no Brasil, do gênero intitulado romance-reportagem. No cinema já assinou, como roteirista, dez longas-metragens, dos

---

<sup>11</sup>Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/os-voos-de-maura-por-daniela-lima/>. Acesso em 3 de fevereiro de 2013. Todas as informações sobre a biografia da própria Daniela encontram-se neste mesmo site.

<sup>12</sup>O texto sobre Maura está disponível em: <http://www.senhoradosol.com.br/texart9.htm>, acesso em 20 de novembro de 2012. Todas estas informações sobre Pedro Rogério Moreira estão disponíveis em: <http://www.senhoradosol.com.br/texcot5.htm>, acesso em 15 de setembro de 2013.

<sup>13</sup> Todas estas informações sobre Pedro Rogério Moreira estão disponíveis em: <http://www.senhoradosol.com.br/texcot5.htm>, acesso em 15 de setembro de 2013.

<sup>14</sup>Disponível em <http://mauralopescançado.tumblr.com/maura>, acesso em 13 de março de 2013.

<sup>15</sup> As informações referentes à vida de Louzeiro estão disponíveis em: <http://www.louzeiro.com.br/bio.html>, acesso em 15 de setembro de 2013.

quais pelo menos quatro se tornaram populares: Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia, Pixote, O Caso Cláudia e O Homem da Capa Preta.

O texto *Maura Lopes Cançado*<sup>16</sup> escrito por Carlos Heitor Cony<sup>17</sup>, autor que colaborou no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil de 1958 a 1960, publicando contos, ensaios, traduções. Colaborou por mais de 30 anos na revista Manchete. De 1985 a 1990 foi diretor de Teledramaturgia da Rede Manchete, é comentarista diário da CBN, participando do Grande Jornal com o programa Liberdade de Expressão.

Vera Brant, escritora mineira, que conheceu Maura no período em que ela morava no Riode Janeiro, também escreveu sobre ela. Maura a considerava uma amiga e lhe escreveu algumas cartas. Tanto estas, como a crônica *Maura Lopes Cançado* (s.d) de Vera, na qual relata suas experiências com a escritora e partes da vida daquela, estão em seu blog<sup>18</sup>.

Dos textos publicados em blogs, inclui-se também o texto que possui o nome da autora em questão “Maura”<sup>19</sup> de Raquel Cozer. O qual descreve de forma breve a biografia de Maura Lopes Cançado.

Também se refere sobre a autora o texto<sup>20</sup> “Profissionais da solidão e amargura: Três autores, exemplo de pura autenticidade, que a muito custo romperam a barreira do silêncio.” Os escritores que o texto enfoca e analisa são: o carioca Antonio Carlos Villaça (1928-2005) e os mineiros Maura Lopes Cançado (1929-1993) e Campos de Carvalho (1916-1998).

Os trabalhos acadêmicos encontrados foram quatro artigos em Letras, uma monografia de Psicologia, duas dissertações em Letras e duas teses sendo uma em Letras e a outra em Ciências Sociais:

---

<sup>16</sup> Este texto sobre Maura escrito por Cony foi publicado na Folha de S. Paulo (SP) 15/6/2007. Disponível: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5587&sid=571>. Acesso em 20 de janeiro de 2013.

<sup>17</sup> As informações biográficas de Cony estão disponíveis em: [http://www.releituras.com/cony\\_bio.asp](http://www.releituras.com/cony_bio.asp), acesso em 15 de setembro de 2013

<sup>18</sup> O blog de Vera Brant no qual ela traz considerações sobre Maura e sobre outros autores encontra-se disponível em: [www.verabrant.com.br](http://www.verabrant.com.br), acesso em 20 de novembro de 2012.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://abibliotecadераquel.blogfolha.uol.com.br/2013/01/19/painel-das-letas-o-resgate-de-maura>.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas\\_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao\\_Id=287&Artigo\\_ID=4513&IDCategoria=5140&reftype=1](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=287&Artigo_ID=4513&IDCategoria=5140&reftype=1).

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (2010) escreveu um artigo intitulado *Literatura, Loucura e autoria feminina: Maura Lopes Cançado em sua autorrepresentação da escritora louca*, publicada nos *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura /V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. O objetivo deste artigo é mostrar como Maura Lopes Cançado se autorepresenta na sua obra *Hospício é Deus* e como ela percebe sua própria condição de louca interna.

Mariana Patrício Fernandes (2011), escreveu um artigo intitulado *Catatonía em Movimento: um diálogo entre Maura Lopes Cançado e a dança contemporânea*, artigo publicado nos *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Centros- Ética, Estética, UFPR. O objetivo deste artigo é estabelecer uma ponte entre Maura Lopes Cançado e a dança contemporânea, mostrando a criação artística da literatura da referida autora e a dança em Monnier e Mantero percebendo em ambas (literatura/dança) um combate contra a codificação das possibilidades do corpo.

Karla Renata Mendes (2012), artigo intitulado *Entre a loucura e a palavra: Denúncia e reflexão em Hospício é Deus* publicado nos *Anais do II CIELLI- Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*. O objetivo deste artigo é perceber o diário *Hospício é Deus* como uma denúncia da experiência do hospício, a sua rotina, e o tratamento muitas vezes cruel e desumano imposto às internas.

Louise Bastos Corrêa (2012), artigo intitulado *O Diário como um mecanismo de sobrevivência: Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado, escrito para os *Anais do I Colóquio Internacional Literatura e Gênero, Relações de poder, gênero e representações literárias*. Este artigo tem como objetivo analisar a escrita de Maura Lopes Cançado como forma de sobrevivência da referida autora, mexendo na ferida social da loucura, envolvendo o leitor com suas angústias e denúncias.

Sílvia Maria Roncador Borges (2003) em sua monografia de conclusão de curso de Psicologia da UniCEUB- Centro Universitário, intitulada *Revisitando a Loucura: um olhar de Dentro*. O objetivo de é apresentar um novo olhar sobre a loucura, a visão dos internos, estabelecendo um diálogo entre os textos de Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio.

Mariana Patrício Fernandes (2008) em sua dissertação de mestrado intitulada *Vida surgida rápida, logo apagada-extinta: A criação de estratégias de fuga do hospício na*

escrita de Maura Lopes Cançado, em Letras na PUC- Rio. O objetivo é a partir da obra de Maura Lopes Cançado, entender de que forma a sua escrita pode engendrar modos de fuga de uma situação aparentemente sem saída.

Daniele Aparecida Batista (2010), dissertação de mestrado intitulada *Loucura*: a temática que constrói o discurso da obra *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado, o objetivo é perceber como a loucura é retratada na obra *Hospício é Deus*, percebendo quais foram os recursos estilísticos utilizados pela autora para que pudesse fazer a sua crítica aos valores vigentes no Brasil na década de 60.

Maria Luisa Scaramella (2010), tese de doutorado em Ciências Sociais, intitulada *Narrativas e sobreposições*: notas sobre Maura Lopes Cançado, o objetivo é construir a biografia de Maura, partindo da sobreposição de narrativas orais, biográficas, autobiográficas, jurídicas, literárias, etc., sobre e de Maura Lopes Cançado.

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (2008), em sua tese de doutorado, intitulada *Olhando sobre o muro*: representações de loucos na Literatura Brasileira contemporânea objetivou contribuir com a reflexão acerca das formas de representação de grupos marginalizados na literatura brasileira, especificamente aos indivíduos psicologicamente perturbados.

Esta dissertação trabalha com o mesmo enfoque analítico utilizado por Borges, ou seja, através de uma análise do discurso ou enunciativa<sup>21</sup>. Portanto, os discursos são aqui problematizados:

Enquanto práticas, pensados nos limites de sua existência levando-se em conta a articulação de acontecimentos discursivos e não discursivos. Esta função enunciativa opera colocando as unidades discursivas em relação a outros objetos, não lhes conferindo um sujeito, mas sim um conjunto de posições subjetivas possíveis, em coexistência, sem determinar sua identidade, posicionando-os num espaço onde podem ser consideradas, utilizadas e repetidas. (BORGES, 2010, p.22-23).

---

<sup>21</sup> Esta pesquisa se inspira na tese de Borges (2010), na metodologia utilizada pela pesquisadora para analisar e problematizar os discursos de e sobre Bispo do Rosário.

Desta maneira, esta dissertação faz uma análise enunciativa, isto significa que ao analisar um enunciado não se pretende isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas “definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica.” Esta a faz aparecer não como um simples traço, mas como relação com um domínio de objetos; não como resultado de uma ação ou de uma operação individual, mas como um jogo de posições possíveis para um sujeito. (FOUCAULT, 2004, p. 123).

Entende-se por enunciado conforme o mesmo autor como:

... Uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2009, p. 99).

Desta forma a definição de enunciado guarda relação direta com o sujeito, neste sentido o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, “quando chegam a formular o enunciado e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. (FOUCAULT, 2009, p. 107).

O enunciado possui uma existência material, ou seja, o enunciado necessita de uma materialidade que lhe determine um tempo e um espaço, sua individualização para que assim, possibilite observar sua transformação. (GODOY, 2009). De acordo com Foucault (2009, p. 116), “A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada”, mas que permite reconhecer, sob a forma geral de uma proposição, um mesmo enunciado. A materialidade é mutável, mas o enunciado pode ser repetido.

As narrativas apresentadas e analisadas aqui de e sobre Maura funcionam como lugares de nos dizer quais diferentes discursos encontram-se materializados. Tais discursos não são ‘criados’ nas/pelas narrativas, mas é inegável que, por meio delas, diferentes enunciados circulam, reconfiguram-se e legitimam-se. “Nesse sentido, pode-se afirmar que, por meio de suas formulações verbais e não verbais, as narrativas materializam enunciados relacionados a práticas discursivas.” (GODOY, 2009, p. 15).

\*\*\*

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Discursos sobre Maura Lopes Cançado e sua obra Hospício é Deus* analiso os vários discursos sobre Maura e a referida obra. Para tanto analiso comentários, colunas jornalísticas, artigos científicos, dissertações e teses que falam sobre a autora e a referida obra. São escritos de amigos, conhecidos e colegas de trabalho de Maura, ou de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como Letras, Psicologia e Ciências Sociais, que deixaram suas impressões (discursos) sobre a autora e o livro, ou problematizaram em escritos científicos ambos. Assim, o objetivo é perceber os vários discursos construídos sobre Maura e sua obra, principal fonte e objeto desta pesquisa, e como, através destes discursos posições de sujeito foram instituídos para ela, tanto quanto foram estabelecidas valorações para seu livro.

O segundo capítulo se intitula *Escrita de Si e Subjetividades nas narrativas de Maura Lopes Cançado*. Neste analiso os discursos de Maura sobre si mesma, a construção de sua subjetividade, nesta narrativa alguns temas são mais evidenciados tais como a sua relação com sua família, com sua maternidade, com sua sexualidade, religiosidade, etc. Para tanto analiso a obra *Hospício é Deus*, alguns contos da obra *O Sofredor do Ver* e algumas cartas de Maura enviadas a Brant. O objetivo deste capítulo é perceber o discurso de Maura sobre si mesma, considerada como uma Escrita de Si através de um processo de subjetivação.

No terceiro capítulo intitulado *Discursos de Maura Lopes Cançado sobre a psiquiatria no Brasil*, os discursos de Maura presente nas narrativas da obra *Hospício é Deus* são tomadas como um testemunho, discursos de alguém que viveu a experiência do internamento e deixou escritas sobre este suas impressões, sua forma de ver e entender

aquele espaço, tais escritas se podem considerar raridades pois foram poucos os internos que tiveram suas escritas conservadas por muito tempo e mais raros ainda são os que puderam publicar como é caso de Maura Lopes Cançado. O objetivo deste capítulo é compreender através dos discursos de Maura a configuração da assistência psiquiátrica daquele período (finais da década de 50), contrapondo este com outros discursos, através de uma bibliografia de referência sobre este tema.

## CAPÍTULO I

### DISCURSOS SOBRE MAURA LOPES CANÇADO E SUA OBRA *HOSPÍCIO É DEUS*

*Avanço, cega e desnecessária-não é este o meu tempo. Fora da vida, do mundo, da existência- apesar de enclausurada. Quem sou eu? Não importa. Quem poderia julgar-me?- Neste mundo vazio encontro-me tranquilo-angustiada. Obrigada a marchar com os outros, aparentando ser o que não sou, ou perturbo a ordem.*

*(Maura Lopes Cançado)*

Neste capítulo analiso os vários discursos sobre Maura Lopes Cançado e o livro *Hospício é Deus*. Para tanto, apresento comentários, colunas jornalísticas, artigos científicos, dissertações e teses que falam sobre a autora e a referida obra. São escritos de amigos, conhecidos e colegas de trabalho de Maura, ou de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como Letras, Psicologia e Ciências Sociais, que deixaram suas impressões sobre a autora e o livro, ou problematizaram em escritos científicos ambos. Assim, o objetivo é perceber os vários discursos construídos sobre Maura e sua obra,

principal fonte e objeto desta pesquisa, e como, através destes discursos posições de sujeito foram instituídos para ela, tanto quanto foram estabelecidas valorações para seu livro.

Alguns a conheceram bem, outros não a conheceram pessoalmente, mas todos foram despertados por uma curiosidade intelectual sobre uma escrita audaciosa, conforme todos os que se debruçaram sobre sua obra foram unânimes em afirmar. “Tais discursos estão inseridos em uma batalha discursiva, nesta trama estes discursos ora se afastam ora se aproximam ou mesmo se repetem.” (FOUCAULT, 1977, p.XII).

Vários textos descrevem Maura como uma escritora, linda, inteligente e sonhadora, mas com “indícios” (sinais) de loucura em sua personalidade. Estas falas são especialmente de colegas de trabalho ou amigos da autora, os quais tiveram algum tempo de convivência com ela. Estes apresentam “detalhes” da vida dela, reivindicando embora não explicitamente uma maior “veracidade” sobre o que contam, talvez por terem tido um contato mais próximo com Maura. São escritas que não seguem o rigor científico, são descrições, falas, homenagens à escritora com quem eles dividiram o local de trabalho e vivenciaram as angústias, sonhos, medos, esperanças da mesma e aparecem em blogs e em jornais.

Outros discursos, construídos como trabalhos acadêmicos são aqui analisados. São textos de pesquisadores que não conheceram a autora, trabalhos científicos escritos sobre ela, tais como: artigos, dissertações e teses. Num segundo item analiso a obra *Hospício é Deus*. Esta divisão serve para uma melhor organização do capítulo, não significando que tais discursos não iram se contrapor, se cruzar e se repetir seja nos discursos de amigos, conhecidos e de outros pesquisadores que escreveram recentemente sobre a referida autora.

### 1.1 Discursos de seus colegas...

Jose Louzeiro (s/d) que era colega de trabalho de Maura no SDJB descreve Maura e seu jeito de ser:

[...] Maura Lopes Cançado, uma menina de 18 anos, bonita e loura, uns olhos piedosos, muitos sorrisos, certa ansiedade no falar. Um dia, publicou o conto antológico: O Sofredor do Ver. Aplausos gerais: do saudoso Mário Faustino, de

Assis Brasil e Oliveira Bastos, que foi quem sugeriu que os concretos lessem Sousândrade; de Jamil Firmino Pinto, Carlos Fernando Fortes de Almeida e Heitor Saldanha; de Waldir Ayala, Lélia Coelho Frota e Carlos Heitor Cony. O ano era de 1958. Todos nós estávamos prestes a estreitar. Maura vinha de Minas, onde fora casada com um rico empresário. O casamento acabou o marido tentou colocá-la num hospício, os parentes passaram a olhá-la "de banda". Arrumou a mala, pegou o filho, fugiu para o Rio, com o propósito de tornar-se escritora. Outro trabalho não serviria. Ou isso, ou o suicídio. Sempre que Maura começava a falar de suas aventuras, formava-se a roda de curiosos. Muitas vezes até Heloísa vinha escutar. Depois, quando descobriram que a narradora misturava alhos com bugalhos, a platéia diminuiu. Eu, não sei por que, seria escolhido como seu ouvinte permanente, função que desempenhei, até seus últimos momentos. Os anos se passaram. Maura me visitava, tarde da noite, na redação do Correio da Manhã, o jornal quase rodando. Demorava-se, contava incríveis histórias da sua vivência no Rio, um filho pequeno a criar. Por essa época, já havia passado por umas quatro ou cinco clínicas de tratamento nervoso. Tornara-se, como ela própria dizia, uma "esquizofrênica profissional", de carteirinha e tudo. (LOUZEIRO, 2009, p.2).

Conforme o trecho citado anteriormente, Louzeiro apresenta Maura como uma mulher bonita, uma grande contadora de histórias, muitos gostavam de ouvi-la, porém quando ela começa a se confundir em seus relatos, o que ele entende como sintomas de sua loucura, as pessoas se afastaram dela. Com o passar do tempo, Louzeiro destaca que Maura torna-se uma louca esquizofrênica de carteirinha, ele afirma que ela mesma se definia desta forma.

Louzeiro é o único a citar que o marido de Maura tentou interná-la, conforme a própria autora na obra *Hospício é Deus* ela teria buscado tratamento por conta própria porque estava se sentindo perdida e depressiva após o fim do seu casamento, outros autores não comentam se ela mesma buscou a internação ou foi internada por outrem.

Brant, amiga confidencial de Maura, fala sobre a inteligência de sua amiga. “Maura leu a vida toda, mas nunca soube distinguir a realidade em que vivia da ficção. Misturava tudo. Era muito mais inteligente e culta do que toda aquela gente que a rodeava. E, não suportando a burrice e a ignorância, trombava, o tempo todo”. (BRANT, 2010, p.3).

Conforme a descrição de Brant, mesmo sendo muito inteligente Maura não distinguia realidade de ficção, reforçando o discurso apresentado anteriormente feito por Louzeiro, descrevendo Maura como louca. Assim, a autora conforme o discurso proferido por ambos inseria-se (apesar de sua inteligência) no mundo nebuloso da loucura, onde realidade e ficção se fundem, se confundem.

Segundo Cony Maura:

Era doce quando superava a loucura, amante, querendo aprender tudo para melhor desprezar o mundo e a humanidade. A literatura poderia ser o seu refúgio, se Maura acreditasse nela mesma e na própria literatura. Lia pouco, observava muito; sua frase era simples, não erudita, mas de uma precisão cruel. Não era feia, mas se julgava belíssima. (CONY, 2007, p.1).

Cony destaca a genialidade de Maura como escritora, com a ressalva de que tal característica se apresentava ‘quando ela superava a loucura’. Aqui novamente a ‘loucura’ de Maura ganha destaque se cruzando com o discurso sobre sua inteligência e sua excelente escrita. Nesta fala, porém, Cony se contrapõe a Brant quando se refere ao fato de que Maura lia pouco, mas observava muito, enquanto Brant afirmava que Maura lia muito, pois leu durante toda a sua vida, ele cita também que Maura não era feia, mas se julgava belíssima, ou seja, apresenta a autora com beleza mediana, nada de extraordinário e além do comum, neste trecho ele se contrapõe ao discurso da própria Maura e de outros discursos que a instituem como sendo muito bela e formosa.

Vale ressaltar que tanto Cony, quanto Louzeiro e Brant conviveram com Maura, todos eram escritores. Os primeiros trabalharam com Maura no SDJB e se aproximaram da autora pelo fato de ela também ser escritora, porém com Brant, Maura mantinha uma relação mais estreita, eram mais que colegas de trabalho eram amigas. Pode-se afirmar isto pelo fato de que a autora enviou algumas cartas a Brant as quais serão analisadas no terceiro capítulo. Nestas cartas, assuntos íntimos são descritos pela mesma demonstrando muita confiança em sua amiga.

Brant se refere à personalidade de Maura da seguinte forma:

Foi à criatura mais complicada e infeliz que conheci na vida. Maura não se dava com ela mesma. Era uma briga só, de manhã à noite. Até nos sonhos, que me contava, se digladiavam, se desentendiam. Era vaidosa, gostava de se arrumar, ficar bonita, atrair olhares de admiração. Gostava de chamar a atenção das pessoas, nem que fosse dando piruetas no avião, gritando, ameaçando dar seus escândalos, ela mesma dizia. A personalidade de Maura se situava na extravagância. Na aviação, conseguia fazer algum sucesso, ser admirada pela originalidade de ser a única mulher aviadora da redondeza. Mais tarde, no seu livro “Hospício é Deus”, confessou que tinha um medo enorme de voar, receio de um ataque epilético, do qual tinha sido vítima, tempos antes. O colega, a quem ela havia emprestado o avião, bateu com ele num poste, quebrou-o todo, mas ela não se importou. Na realidade, já havia desistido de voar, como desistiu, durante a vida, de tudo que possuiu. O avião, além de se estraçalhar, caiu sobre uma pequena casa que a Maura teve que mandar refazer (BRANT, 2010, p.3-4).

Conforme a referida autora, Maura era uma mulher de personalidade difícil, brigava com tudo e com todos, gostava de ficar bonita para chamar a atenção das outras pessoas, reforçando o discurso já proferido por Louzeiro, referente à sua beleza. Para Brant, voar, para Maura, era apenas mais uma forma extravagante da mesma atrair os olhares de admiração das outras pessoas, mas com o passar do tempo já não se importava mais em voar e quando seu colega derrubou o avião não ficou muito preocupada, apesar de ter que pagar o prejuízo da queda sobre uma casa, demonstrando assim que a autora se desinteressava facilmente por tudo, não tinha apego a nada e a ninguém.

Outros colegas de Maura também se referem ao avião da mesma, instituindo novos discursos, caracterizando Maura com outras interpretações, pelo fato dela ser aviadora, como descreve Moreira:

Um aviãozinho amarelo voava pelo reino encantado do Oeste de Minas no tempo em que vestíamos calças curtas e nos assombrávamos com as histórias da moça bonita que o pilotava num céu azul-feliz. Na carenagem do motor havia a inscrição: 'Cesarion'. A aviadora arrebatava as emoções do mundo com as piruetas que realizava tanto no ar quanto em terra. Lá em cima ela desafiava a morte; aqui embaixo, suas acrobacias geravam vidas. (MOREIRA, 2010, p.1).

Através de uma linguagem poética e romântica, Moreira apresenta Maura como uma moça muito audaciosa, afinal naquele período eram raríssimas as mulheres que pilotavam aviões, interessante perceber que Moreira faz uma ligação entre a aviação e a maternidade de Maura, a audácia como ele se refere em seu enunciado consistia no fato de enquanto um ato de Maura, ou seja, o de voar desafiava a morte outro ato gerava a vida, isso tudo ele apresenta como algo assombroso, pois era realizado por uma jovem mulher, quase adolescente ainda.

Referindo-se ao acidente do avião já citado por Brant, Cony (2007, p.3) apresenta sua versão, “um acidente cortou a sua carreira-aliás, ela nunca pensou numa carreira, queria apenas ser ela mesma, com as suas manias, o seu sofrimento de ver o mundo e as coisas, a sua loucura, o seu deus”. Cony se refere à aviação praticada por Maura como uma característica de sua audácia, autenticidade e mesmo de sua loucura, mais uma de suas manias, mas ele não faz menção a quem estava pilotando o avião quando da sua queda.

Já Louzeiro, em seu discurso sobre tal acidente, afirma que quem pilotava o avião quando este sofreu a queda, era a própria Maura:

Maura contava histórias fantásticas. Entre outras, a do teco-teco que chegou a pilotar e desabou em cima de umas casas, no bairro onde morava. Feita a perícia, constatou-se: o aparelho não apresentava qualquer defeito mecânico. Maura abriu o jogo: tinha vontade de ver um avião cair e, estando dentro dele, a coisa lhe parecia muito mais empolgante. (LOUZEIRO, 2009, p.3).

Contrapondo-se a versão apresentada anteriormente por Brant, o referido autor afirma que o avião de Maura caiu não por apresentar defeitos, mas porque Maura achava emocionante, radical a queda de um avião e por estar dentro dele a adrenalina era bem maior, reforçando a ideia de que Maura era muito audaciosa, gostava de correr riscos, desafiar as normas e os limites impostos especialmente as mulheres pela sociedade em que ela estava inserida.

Como já apresentado na introdução desta dissertação Maura assassinou uma colega sua de internação. A partir de então um novo discurso se configura sobre ela: o da louca-criminosa. Mas diferentemente dos anteriores este discurso é apresentado de forma muito breve por alguns de seus amigos, cercado por uma áurea de mistério e contradições nesta batalha discursiva.

Louzeiro (2009, p.4), afirma: “extremamente perturbada, matou uma colega de enfermagem”. Maura condenada a viver por longos anos no Manicômio Judiciário. Nunca falou do crime, nem sabia direito por que estava “metida entre tantos loucos”. Conforme Louzeiro, Maura não comentava sobre o crime, não entendendo o motivo de estar presa. O que o autor dá a entender é que Maura não tinha compreensão sobre tal fato o que significava não ser alguém ‘normal’, mas ‘louca’ não distinguindo certo e errado, o discurso da louca esconde ou pelo menos abafa o da criminosa.

Brant também faz uma breve menção ao fato, afirmando que as notícias que ela recebia sobre Maura, depois do afastamento delas eram “sempre péssimas, pois havia matado uma colega, esteve presa, foi solta, voltou para o hospício”. O que ela demonstra nesta fala é que a loucura de Maura teria chegado ao extremo, levando a assassinar a colega e, após ter cumprido pena, retorna ao hospício, apresentando a trajetória de Maura marcada pela loucura e por crises decorrentes da mesma.

Cony (2007, p.3), comentando sobre o assassinato apresenta uma versão totalmente diversa da de Louzeiro e a de Brant: “Em duas de suas crises mais violentas, matou uma enfermeira e um namorado, cumpriu pena em presídios psiquiátricos, foi liberada por parecer de médicos que a examinaram e por juízes que a absolveram.” Conforme Cony o crime de Maura também está relacionado à sua loucura, pois diz que em uma de suas crises ela assassinou uma enfermeira e um namorado, este fato é apresentado apenas por Cony, pois os discursos que apresentam a autora como louca-criminosa citam somente o assassinato da colega de internação, e o referido autor não faz referências, nem apresenta fontes que justifiquem tal afirmação.

A jornalista Autran escreve uma matéria para o jornal o Globo em 1978 e que se tornou posfácio da terceira edição da obra *Hospício é Deus*, misturando-se a outros discursos já proferidos sobre Maura. Em sua fala, outro discurso aparece, o da mulher escritora ‘coitadinha’ abandonada por todos:

Estou tensa como as cordas de um violino. Se relaxar eu morro. A tensão foi forte demais: há duas semanas, em seguida a uma insuportável dor de cabeça, a escritora Maura Lopes Cançado acordou cega do olho esquerdo, como pouco antes já havia acontecido com o direito. Cega, presa num cubículo de um metro imundo e infestado de percevejos, abandonada pelos amigos, esquecida pelos que a apontaram como a melhor escritora de 68 por seu livro "O sofredor do ver", ela é um ser humano em desespero. Física e psiquicamente doente, desnutrida, olhos e dentes exigindo cuidados imediatos, sem nenhum tratamento psiquiátrico, da Maura que surgiu como revelação no "Suplemento dominical do Jornal do Brasil", em 58, resta apenas a desconcertante lucidez e a surpreendente inteligência. Vítima do sistema psiquiátrico que ela própria foi das primeiras a denunciar em seu romance de estréia, "Hospício é deus", lançado em 65, Maura Lopes Cançado está hoje irregularmente detida no Hospital Penal da Penitenciária Lemos de Brito, junto com presos comuns portadores de todos os tipos de moléstias contagiosas. Para o juiz Benedito Motta Mello, da Vara do 2º Tribunal do Júri, onde em outubro de 74 ela foi considerada penalmente irresponsável, sua situação é "ridícula e triste". Visita para a Maura? A surpresa do guarda se justifica. Há meses não aparece ninguém para visitar a interna do cubículo 2. E, depois de minuciosamente revistada, ao contrário do que acontece com os outros visitantes, não sou conduzida a cela, mas a um pátio interno, um árido triângulo cimentado onde três árvores desgalhadas são circundadas por bancos de cimento. Debaixo do banco que me é apontado, um rato morto. — Ora, isto não é nada. De noite há centenas deles correndo por aqui. Ato contínuo, o guarda providencia a retirada do rato, cujo cheiro pútrido torna o ar irrespirável. Um interno o pega com uma pá e o joga por cima de um portão de ferro. Por um buraco, espio o outro lado. E a lavanderia do hospital. — Ela vai demorar. Leva horas se arrumando. A informação vem acompanhada de um riso debochado. Maura demora se arrumando. Três anos de cadeia não lhe roubaram a vaidade, o respeito por seu próprio corpo. Afinal ela surge, trôpega, amparada e ofuscada pelo sol que há muito tempo não a aquece. O banho de sol também lhe é negado. Precocemente envelhecida, os cabelos manchados por uma tintura antiga, mal se

equilibrando sob os sapatos de plataforma. De todos os seus pertences — livros, máquina de escrever, alguma roupa e produtos de tocador —, apenas os óculos e os originais de seu terceiro livro desapareceram. Os livros de Maura incomodam porque ela não tem medo de falar. (AUTRAN in CANÇADO, 1991, p.185).

Austran apresenta Maura como uma mulher esquecida, injustiçada, abandonada por todos mesmo sendo uma grande escritora. Encontrava-se irregularmente presa no hospital Penal Lemos de Brito onde a situação era degradante, mas que, apesar de tudo isso mantinha um cuidado consigo mesma, com sua beleza e uma preocupação com sua escrita que já não podia mais realizar por estar cega. Outro discurso que aparece nesta fala de Austran se refere à escrita de Maura como forma de denúncia, escrita audaciosa, assim como era a autora.

Com este discurso Austran tinha a intenção de chamar a atenção das autoridades responsáveis e especialmente de seus colegas escritores que haviam esquecido Maura como uma mendiga uma indigente qualquer, ela enfatiza também o discurso referente à beleza e inteligência de Maura com o intuito de chamar a atenção sobre o fato do abandono da autora.

Analisando os discursos dos amigos e colegas de trabalho de Maura os quais conviveram com ela, apesar de que em alguns momentos eles se contrapunham em alguns aspectos, alguns discursos se repetem em praticamente todos eles tais como: Maura era uma mulher bonita, inteligente, audaciosa, louca, criminosa e por fim injustiçada e abandonada.

### 1.1.1 Discursos de pesquisadores em blogs

Apresento a seguir os discursos de pesquisadores que escreveram sobre Maura em blogs. Não são textos acadêmicos, são pequenos textos escritos sobre a vida da autora. Lima (2013) que está escrevendo uma biografia sobre Maura, conforme consta em seu blog também escreveu um texto sobre a autora:

Aos sete anos, ainda em São Gonçalo do Abaeté, aonde nasceu, Maura já encantava seus colegas de escola com as suas histórias, mas tanto no colégio como no SDJB, a plateia diminuía à medida que as pessoas percebiam seus delírios. Quando o seu conto “No quadrado de Joana” foi publicado na primeira página do SDJB, Maura agradeceu ao Reynaldo Jardim de joelhos. O conto sobre uma esquizofrênica catatônica foi elogiado até por Clarice Lispector. E Maura se

tornou escritora revelação de 1958. Mas, sem entender o que isso significava, esfolveu os joelhos em agradecimento à publicação. (LIMA, 2013, s/p).

Conforme Lima, a inteligência de Maura já se destacava entre as demais pessoas desde sua infância. Ela repete a frase já citada anteriormente por Louzeiro quando se refere ao fato de que Maura encantava as pessoas com suas histórias até o momento em que estas percebiam seus delírios, a sua loucura. Ela destaca também que, já adulta, Maura torna-se escritora do SDJB e ali tem seu reconhecimento como escritora, mas ela mesma não reconhecia seu próprio talento, não entendendo o porquê de se tornar escritora revelação de 58. Entendeu isto como um favor recebido pelos demais escritores e pela crítica literária e não como mérito próprio. Nesta citação de Lima dois discursos sobre Maura são repetições daqueles já proferidos por seus amigos o da escritora talentosa e louca.

Prada, em seu blog, apresenta a autora relacionando literatura com loucura, afirma: “Maura é um exemplo-limite de inter-relacionamento da literatura com a loucura. Não se tratava, no seu caso, de meros episódios depressivos, mas de esquizofrenia paranóide declarada, que a impedia de ter uma vida dentro dos parâmetros da normalidade.” Prada enfatiza e repete o discurso de Maura como uma escritora louca. O que difere este discurso dos demais é que em sua fala ela apresenta um diagnóstico para Maura, o de esquizofrenia paranóide. Segundo Prada, isto justificaria o fato de que mesmo sendo uma escritora não podia ter uma vida ‘normal’. E ela não afirma somente que Maura era louca, ela dá um ‘nome’ para a loucura, se utiliza de um discurso do campo da ciência psiquiátrica para que sua voz tenha maior legitimidade. Porém, ela não problematiza se realmente Maura recebeu dos psiquiatras tal diagnóstico, pois não faz referência alguma com qualquer fonte sobre a autora.

Cozer (2013), em seu blog, também comenta sobre Maura:

Escritora revelação em edição de 1958 do “Jornal do Brasil”, Maura Lopes Cançado morreu no esquecimento, em 1993. Estava cega e vivia sozinha, após inúmeras internações em instituições psiquiátricas. Passados 20 anos, é tão deixada de lado que nem verbete na Wikipedia tem. (COZER, 2013, s/p).

Cozer se refere novamente ao fato do talento da autora para a escrita, porém o discurso a que ela dá ênfase é o da mulher injustiçada, esquecida, abandonada apesar de ser uma grande escritora. Para proferir tal discurso provavelmente Cozer tenha se baseado no texto da jornalista Austran para o Globo, já citado anteriormente, mas o que difere do outro é que se Austran apresenta Maura injustiçada, desejando que se tomem providências e a tirem (os colegas de Maura e as autoridades competentes), daquela situação miserável, tantos anos passados em outra realidade histórica o que Cozer reivindica agora em 2013 com tal discurso, é que Maura tenha seu espaço e seu talento reconhecido, a começar pelo meio de comunicação mais utilizado no mundo, a internet. Ela cita a Wikipedia por ser um dos sites de pesquisa muito usado pelos internautas na atualidade.

Desta forma, os discursos proferidos por estes pesquisadores em seus blogs repetem quase todos os já apresentados pelos colegas: Maura escritora talentosa, louca e injustiçada, estes não fazem menção a sua possível beleza nem muito menos ao fato dela ter praticado um crime durante uma das suas internações.

### 1.1.2 Discursos de pesquisadores em textos acadêmicos

Os discursos apresentados a seguir são também de pesquisadores, tais discursos foram escritos seguindo as normas acadêmicas em forma de artigos, teses e dissertações, conforme já apresentados na introdução.

Batista (2010) assim se refere à Maura:

Maura, a sequestradora; Maura, a prisioneira de si mesma. Aparentemente bonita mulher de traços marcantes, sedutora, precisa, escultora de uma personalidade única, louca, escritora maldita e esquecida. Esta é a aterradora história de uma mulher que “pôde ser” tudo o que quis e o que não quis ser. Maura tinha todas as qualidades para triunfar: inteligência, coragem, beleza, astúcia, competência, instrução, mas, no entanto, as circunstâncias foram-na desestruturando e colocando-a cada vez mais no isolamento social. Todas as qualidades que tinha serviram somente para trazer-lhe a desgraça do isolamento. (BATISTA, 2010, p.14).

A referida autora destaca e repete quase todos os discursos que instituem Maura como diferentes sujeitos, conforme Batista Maura era uma mulher bonita e de personalidade forte. Destaca ainda que ela era uma escritora “louca”, maldita e esquecida. Era uma mulher com muitas qualidades, mas estas ao invés de levarem-na ao triunfo levaram-na a desgraça, ao esquecimento, ao hospício. O que diferencia este discurso dos demais é que ela não apresenta o esquecimento de Maura pelas outras pessoas como uma forma de injustiça, mas como uma consequência da sua não adequação ao convívio social. Segundo esta autora, por ser talentosa e especial demais Maura nunca conseguiu se adequar ao mundo dos ‘normais’.

Silva (2008) apresenta a autora da seguinte maneira:

À frente do tempo histórico do espaço provinciano onde vivia, de pensamento independente, já leitora de filósofos como Nietzsche e informada a autora qualifica sua situação como semelhante à de uma divorciada, embora àquela época ainda não tivesse sido instituído o divórcio no Brasil. Sobre os acontecimentos mundiais, a narradora julga-se, após desfeito o casamento, na condição de pessoa livre e emancipada. Por isso, recebe atordoada e insegura o desrespeito e o desprezo como punição por infringir as normas de conduta moral feminina. Logo, o enlouquecimento significa um modo de estar sozinha e livre de qualquer compromisso com a lógica masculino-repressiva dominante, escapando-se ao dever de desempenhar o papel da mulher, tal como ele se desenhava então. (SILVA, 2008, p.2-3).

Outro discurso sobre Maura é aqui apresentado por Silva o qual se cruza com os já existentes, o de uma mulher de ideias avançadas, “a frente do seu tempo”. Conforme esta autora, além de boa escritora, como já outros também haviam frisado, conforme Silva Maura também era uma mulher com ideais de liberdade, desejava se ‘ver’ livre do machismo patriarcal em que vivia. A primeira saída por ela encontrada é o fim de seu casamento que ela considerava como um divórcio, apesar de este ainda não estar vigorando naquele período no Brasil. Porém, não conseguindo alcançar tal intento ao bater de frente com uma sociedade ainda muito preconceituosa especialmente com as mulheres ela não suporta tanta pressão e a outra saída que lhe ‘restou’, (que ela escolheu) foi a ‘liberdade’ através do ‘enlouquecimento’, pois louca estaria ‘livre’ de cumprir o ‘papel’ de mulher que lhe era imposto por sua realidade social.

Mendes compartilha e reforça este mesmo discurso ao afirmar que:

[...] Foi exatamente pela não adequação aos papéis convencionais que a escritora Maura Lopes Cançado (1930-1993) passou grande parte de sua vida em hospitais psiquiátricos. Por iniciativa própria, talvez ao perceber que não suportava a pressão e a cobrança social, Maura internou-se diversas vezes. (MENDES, 2012, p.1).

Fernandes (2008) também apresenta Maura como à frente de seu tempo, porém o traz com outro nome:

[...] A escritora, foi desde sempre, um ponto fora da curva. Se já na infância era considerada um tanto quanto excêntrica em relação às meninas de sua idade, na adolescência tudo se agravou: ao quatorze anos se casa, contra a vontade da família, e tem um filho, Cesarion. Aos quinze já está divorciada, o que em Minas era um dos piores delitos que uma mulher poderia cometer. Com dezesseis anos entra para um aeroclube somente por homens, pilotando um avião que posteriormente se espatifa no chão, não se sabe muito bem como. (FERNANDES, 2008, p.12).

Quando Fernandes se refere à Maura como um ‘ponto fora da curva’, em outras palavras, é uma mulher rebelde, ousada, à frente do seu tempo aquela que desde sua infância se diferenciava das demais meninas de sua idade por suas ideias excêntricas, casando muito jovem, logo se divorcia. Isso naquela época era um crime, pois principalmente para as mulheres a sociedade não ‘permitia’ tal ousadia. Outra característica de sua ‘ousadia’ era o fato de ser aviadora, Fernandes não afirma nada sobre o acidente, apenas cita que tal acidente nunca foi bem esclarecido.

Batista (2010), em sua dissertação, considera que as “muitas” Mauras pintadas, os muitos discursos sobre a autora por quem a conheceu ou leu seus textos e depois interpretou sua vida e sua obra, são feitos de acordo com o olhar de cada um, mas um ponto todos tiveram em comum: foram instigados por uma mulher de ‘fases’ que, mesmo reclusa, não deixou de escrever e que sempre demonstrou uma enorme vontade de ‘ser’, de ser escritora, de ser mulher, de ser a cidadã Maura Lopes Cançado.

Maura, mesmo estando reclusa, trabalhava em seus escritos, os quais instigavam a imaginação de seus leitores e dos que a rodeavam. Foi uma fonte de luz dentro do seu escuro mundo. A muitos respeitou e amou loucamente, a outros humilhou. Cada um pintou a Maura que quis, imaginando-a do modo que mais agradasse. A Maura nos seus diversos disfarces, nas suas diferentes fases, nas suas múltiplas personalidades. A astuta e desbravadora mulher envelheceu, o brilho de seus cabelos e a tonicidade de sua pele se foram, mas ficou registrado na mente dos

que a conheçam a sua vontade de “ser” num período em que não poderia sequer existir com total plenitude uma mulher cidadã, ativa na sua própria sociedade.(BATISTA, 2010, p.19).

O que se pode perceber é que os discursos dos pesquisadores, mesmo nos textos acadêmicos, na maioria das vezes são repetições dos discursos proferidos pelos amigos, o que muda são algumas definições, mas estas são sinônimas das já apresentadas, tais como audaciosa, rebelde e à frente do seu tempo. O que estes apresentam de diferente são algumas hipóteses sobre a loucura de Maura, pois não apenas se referem a ela como louca, mas sim entendem a sua loucura como uma saída para a não adequação aos papéis e convenções que a sociedade brasileira designava (impunha) às mulheres daquele período.

## 1.2 Os vários discursos sobre a obra *Hospício é Deus*

Assim como para Maura foram instituídos discursos os quais buscavam instituir posições de sujeito para a autora, para a sua obra também foram apresentados especialmente por pesquisadores valorações discursivas para a sua obra *Hospício é Deus*, neste item não separei as falas dos amigos da dos pesquisadores, pois, dentre os amigos, somente Jardim escreveu sobre a obra os demais são todos pesquisadores da área de Letras, textos apresentados na academia em forma de artigos, dissertações e teses.

O prefácio da obra *Hospício é Deus* escrito por Reynaldo Jardim é considerado nesta pesquisa como mais um discurso sobre a obra de Maura Lopes Cançado:

Eis a tranquila fúria. Ei-la aberta à emoção e ao tédio. Ei-la cantando a ficção real Do cotidiano alumbrado. Ei-la pânico sem susto, desvairando o pensamento claro, assobrando o sonho preciso, limpo e justo do pesadelo em vigília. Calmo sobressalto. Eis o canto mais alto de ser, sendo a um tempo medo, lúcido punhal e carne transpassada. Eis o que não pode ser amada e se autodevora: flora animal, passiva flor urbana sob o peso da luta, transmutando impotência de vítima em demoníaco cacto flamante, visgo de fogo simulante, granadas no arsenal.

Eis o grito de socorro sem o objeto gritante, gemido de criança estuprada. Eis o objeto gritante sem grito de socorro. E se mão amiga estende o abrigo, eis o abrigo devorado, e a mão. Ei-la colocando na mão que a saída e a tira da areia movediça, o punhal e o pedido de eutanásia. A mão não a fere e a esquece. E eis que sobre a areia ela flutua sua vingança. O desvario é farsa: Mas a que ponto atinge a farsa: A farça despedaça o próprio corpo no fio da gilete e tranca entre grades, a alma em sangue: Como a própria língua: Acende em holofotes os próprios olhos e os torra no espelho da memória: Então é desvario. Mas o

desvario esquadrinha os meandros da linguagem e expõe o verbo sofrer em forma substantiva: Explica o sentido de gesto não concluído, deduz a equação mal esboçada, dá sentido ao Céu e, deliberadamente provoca pânico entre os anjos: No fundo, em verdade vos digo, o que se ouve é um pungente pedido de socorro, de quem, não estando em perigo, não pode ser socorrido. E o pedido comove. Mas você não o atende. E dentro de você o monstro instalará seu inferno. E permanecerá sob o busto de Palas a repetir seu cruel never more. O melhor, para continuar dormindo tranquilamente, é não virar a página. Mais que um prefácio isto é uma advertência: este é um livro perigoso, feito para comprometer irremediavelmente sua consciência. A tranquilidade dos que se julgam impunes e lúcidos, dos que ainda não sabem porque ainda não olharam para dentro de si mesmos, que Deus pode ser o inferno, ou o hospício. (JARDIM in CANÇADO, 1991, p.10).

Através de uma linguagem poética, fazendo uso de metáforas, Jardim descreve o que será o conteúdo de *Hospício é Deus*, um pedido de socorro, uma forma de denúncia, o qual expõe de forma escancarada as agruras do hospício. Este pedido de socorro advém de alguém que sentiu na própria carne o ‘punhal’ da dor e do esquecimento. Maura é apresentada como a flora animal que se autodevora, se pune, que mesmo sabendo sobre a situação de sofrimento vivenciada nos manicômios procura por conta própria a internação. Outra característica do discurso que Jardim apresenta é a obra como perigosa, pois conforme este autor, Maura organiza a obra de tal forma que o leitor sinta-se angustiado em pânico com a sua situação, esta é uma forma que ela encontrou para que aqueles que estão tranquilos sintam-se incomodados, venham a refletir sobre a loucura e seus meandros, tenham a ‘consciência comprometida’ como adverte Jardim.

Borges (2003), assim como Jardim, ou mesmo se baseando nas afirmações deste também percebe a escrita de Maura como uma forma de denúncia contra a sociedade em geral, o seu meio social o qual possui a capacidade de enlouquecer as pessoas: Maura “engrossa esse coro, vendo-se nessa obrigação. O fato que mais alardeia, é importante salientar, é o processo sutil, lento, cruel, anônimo de ‘enlouquecimento’ feito pelo meio social. Maura grita ao escrever.” (2003, p.16).

A referida autora apresenta Maura como alguém marcado pelo sentimento de culpa e este sentimento a acompanha por toda a sua vida, uma necessidade contínua de se autopunir. Borges percebe que esta sensação de culpa vai além do fato de ela ser ‘pecadora’ ou não, e sim é um veículo que a autora encontrou para fazer com que o leitor sinta-se

‘angustiado’ e assim possa ‘refletir’ sobre a situação que os internos em manicômios vivem, sentem e como podem se expressarem.

[...] Maura mostra claramente seu sentimento de culpa, sua sensação de pecadora. Mais do que isso, revela também uma necessidade de ter que agredir para constituir-se como ser. A agressão tem dois sentidos: interna e externa, pois a autora demonstra ricamente sua auto-agressão. Sua agressão, contudo, é só veículo. O importante perguntar-se o porque dessa atitude. Questão que a própria Maura induz, provocando no leitor a necessidade de reflexão. Por que Maura precisa se construir na feiura e na loucura? Demonstra sempre provocar para ser punida. Julga precisar sofrer. Seu médico, denominado por ela no livro como doutor A. pergunta: “antes precisamos saber de que crime você se acusa. Não a atenderei, pretendo quebrar este círculo vicioso. Você procura hospícios. Por que, se sabe que vai sofrer? Não conte comigo para sua autoflagelação” (CANÇADO, p. 184). [...] Outro ponto interessante de seu relato inicial é a metáfora de “uma parede de vidro” utilizada pela autora para expressar sua falta de integração, estranhamento e inadequação perante outras pessoas, inclusive familiares. Em suas palavras: “Desde menina experimentei sensação de que uma parede de vidro me separava das pessoas. Podia vê-las, tocá-las – mas não as sentia de fato” (ibid, p. 27). Percebe-se dessa sensação que apesar de existir uma barreira para seu contato verdadeiro com as pessoas, esse impedimento o é de vidro, ou seja, de material que pode se facilmente quebrado, rompido, porém não sem a grande probabilidade de se ferir, de se cortar. Revela com a utilização dessa metáfora como o mundo lhe era ameaçador e como, voltando à questão da culpa, ela poderia ameaçar o mundo. (BORGES, 2003, p.13).

Segundo a mesma autora, com muita beleza literária, dando o tom correto que a denúncia merece, Maura nos informa sobre a construção social da loucura. “É preciso ter humildade para aceitar suas denúncias. É preciso reconhecer a força de seu texto, por tratar-se de uma fala de quem conhece muito bem o assunto. Conhece-o na pele.” (BORGES, 2003, p.17). Borges reforça seu discurso ao afirmar que esta escrita é uma forma de denúncia porque a autora do diário vivenciou as situações que descreve.

Mendes (2012) também percebe a obra como “um inquietante relato [...] da experiência do hospício que se tornou também uma das primeiras denúncias das condições desumanas em que viviam os reclusos na época”. (TELLES, 2008, apud MENDES, 2012).

Segundo esta autora:

[...]. Torna-se impossível manter-se indiferente aos relatos de *Hospício é Deus*, a autora convoca-nos a compartilhar sua indignação, seu pasmo diante da crueldade humana. Relatando situações de extrema humilhação e sofrimento, Maura nos leva a refletir sobre a condição desumana imposta a essas pessoas, que, numa inversão absurda, são maltratadas exatamente no lugar onde deveriam ser tratadas. A obra nos convida a repensar um tema com o qual ainda nos

—indispomosl, por medo ou ignorância do problema. Falar da loucura, das reações possíveis de um —desequilibradol, do preconceito e até aversão com que pessoas assim são tratadas, não é um assunto agradável, mas sim necessário. Maura oferece-nos um espaço de reflexão sem receio de chocar, sem pudor de falar de sua própria condição no meio em que se achava. ( MENDES, 2012, p.8).

Mendes reforça o que Jardim já havia enunciado que além de ser uma forma de denúncia a obra foi feita, não para o deleite da alma e dos sentidos, mas ao contrário escrita de forma intencional para chocar o leitor com uma realidade que, na maioria das vezes, não interessa e nem chama a atenção de alguém que nunca se viu entre as grades da ‘anormalidade’ da loucura.

Conforme Scaramella (2010), a obra *Hospício é Deus*:

Denuncia a situação das pacientes: o tratamento inadequado, a violência instituída e velada, a relação difícil com enfermeiras, guardas e médicos. Descreve a vida em um asilo psiquiátrico, mas é também o “olhar” sensível, recuperando no dia a dia das pacientes a beleza e a dignidade que sobrevivem à instituição. (SCARAMELLA, 2010, p.30).

Scaramella também percebe a obra como forma de denúncia, porém vai além deste discurso afirmando que também é o olhar é a sensibilidade pura de alguém que percebe muito mais que dor e sofrimento no hospício, não negligenciando a existência destes, que ali há seres humanos que não são apenas vítimas, mas também são construtores apesar das limitações, de sua própria trajetória de vida, de sua história.

Silva (2003) percebe também a obra como uma forma de denúncia das exclusões sofridas no manicômio através de sua autorrepresentação de uma escritora louca. Com essa solução para a autorrepresentação da experiência e da realidade do indivíduo louco, a obra revela um espírito de denúncia e um caráter emancipatório e acaba por propor uma reflexão sobre valores e crenças *excludentes* e estigmatizantes em relação ao indivíduo louco.

A mesma autora enfatiza este discurso de que a obra tem seu valor reconhecido por ser um relato das experiências de alguém que vivenciou o internamento e se coloca como personagem. E é o personagem central (Maura), uma autorrepresentação que não só chama a atenção para a sua realidade de interna, mas para a realidade de todos os ‘loucos’ que se encontravam em situação semelhante ou pior que a sua.

Corrêa (2012) afirma também que, na referida obra a ficção se apoia em sua própria experiência, pois, ela percorre caminhos tidos como mais realistas, apresentando o dia-a-dia da instituição psiquiátrica de forma conturbada, apontando os horrores aos quais são submetidos os doentes: eletrochoque e clausura. Porém, Maura não percebia sua obra como ficção, ela apresenta o diário que se torna posteriormente obra literária, como sendo uma narrativa ‘fiel’ dos acontecimentos vivenciados no manicômio Gustavo Riedel.

Conforme Corrêa:

O texto apresenta um discurso que segue o fluxo de consciência, narrando-nos o dia-a-dia nessa instituição tão aterrorizante que é o manicômio. Nesse livro, a autora nos apresenta um documento de vida trágica e sofrida, cuja autenticidade é capaz de provocar grande mal estar até mesmo entre aqueles que não se interessam por esse tipo de conflito. Por isso, ao se deparar com essa ferida social que é a loucura, o leitor corre o risco de ser inteiramente absorvido pela narrativa, podendo assim, comover-se com as angústias da protagonista. (CORRÊA, 2012, p.2).

A referida autora assim como os demais autores já analisados percebe a obra como um documento que retrata a tragédia da loucura e o “terror” do dia-a-dia dos manicômios, escrito de forma intencional para que o leitor se comova com a situação vivida por Maura no hospício.

### 1.2.1 *Hospício é Deus*, escrita e identidade

Corrêa (2012), ao analisar a obra, ressalta ainda que para Maura, a única forma de partilhar a vida e o sofrimento do internamento manicomial é escrever. Segundo ela seria uma tentativa desesperada de salvaguardar a identidade perdida quando se adentra os muros do hospício.

O autor sobrevive através da palavra escrita, se a mesma não conseguisse reproduzir parte de seus pensamentos e sensações em um papel ela seria apenas mais uma interna que talvez nem tomássemos conhecimento. A loucura, segundo Monique Plaza, evocaria um mundo confuso os sobressaltos de um pensamento que perde os seus limites e ri demais ou desespera sem motivos. Escrever um diário, aqui, seria uma tentativa – não uma solução – de salvaguardar uma identidade perdida desde o momento em que se despiu a roupa de cidadão e vestiu-se o uniforme desbotado dos doentes do hospício, pois a loucura estaria marcada na impossibilidade de toda partilha e de todo encontro. Por isso, como uma maneira de proteger-se da ameaça de estilhaçamento provocado pelo

internamento e pela loucura, para que fosse possível sustentar um mínimo de dignidade, Maura Lopes Cançado decide escrever [...] Em Maura Lopes Cançado, a ficção se apoia em sua própria experiência, ela percorre caminhos tidos como mais realistas. Apresentar-se-á o dia-a-dia dessa instituição de forma conturbada, apontando os horrores aos quais são submetidos os doentes: eletrochoque e clausura, por exemplo. Para ela não há mais esperança e sua única forma de sobrevivência é a escrita do diário, pois assim não naufragará em sua eternidade, como ela mesma irá narrar. [...] (CORRÊA, 2012, p.3).

Cruzando e reforçando outros discursos sobre a referida obra, tais como: denúncia chocante, Corrêa afirma que, além disso, escrever o diário para Maura era também uma forma de manter sua identidade, não ser esquecida por completo e nem mesmo perder-se em sua própria loucura como ela temia. Desta forma, a escrita de Maura é entendida por Corrêa como uma forma de sobrevivência da autora.

Silva compartilha deste mesmo pensamento ao afirmar que:

A escrita tem papel crucial nessa jornada de autoconhecimento. Ela constitui, assim como a loucura, uma tentativa de superação do vazio interior, da angústia e do desamparo. A experiência do suicídio e o desejo de autodestruição são postergados, uma vez sublimados pela transposição dessas imagens para a experiência literária. (SILVA, s/p).

Segundo esta autora, a escrita seria uma forma de autoconhecimento e de sobrevivência, tentativa de Maura preencher o vazio da existência, adiando sua autodestruição, o que era transferido para a literatura, numa tentativa de superação de uma angústia que a incomodava e que a loucura não teria dado conta de resolver. Neste discurso, Silva está concordando com quase todas as interpretações de Corrêa, porém se contrapõe a estas quando afirma que a escrita é uma forma de não afundar-se na loucura e Silva entende que, tanto a escrita como a loucura, são tentativas de buscar proteção, superar o desamparo. Enquanto para uma a loucura é o precipício, para a outra é a libertação assim como é a escrita de Maura.

Scaramella (2010), afirma que, através do diário, pode-se perceber em que classe social e em que meios Maura circulava: jornalístico, artístico e psiquiátrico. A autora destaca que as narrativas de Maura no livro fazem referência à sua família, e, junto disso, vem o poder econômico e político, a organização social e oligárquica do meio rural, a sociedade tradicional e os valores implicados. “Ao contar sobre sua intenção de tornar-se

uma escritora, seu vínculo com o SDJB, sua narrativa aponta para os contextos jornalístico, artístico e literário da época”. (SCARAMELLA, 2010, p. 4).

Scaramella (2010) percebe que, de maneira geral, a narrativa de Maura sobre ela mesma tem como tônica principal a loucura e a escrita, esta como exercício literário. Nos seus escritos, a vida pessoal e social estão imbricadas. A menina rica, a escritora, a louca, são as figuras que compõem seu autorretrato, a sua autobiografia. Conforme esta autora, através da obra, Maura apresenta sua auto representação, sendo uma forma de manter sua identidade, e, além disso, Scaramella mostra que através da trajetória de vida que Maura apresenta na obra é possível perceber também o cenário histórico social daquele período.

Corrêa (2012) destaca que não é somente os outros que criam a personagem Maura ou as personagens, mas a própria Maura cria vários “eus” para si ao longo da obra e o sujeito uno não existe.

A inserção de elementos autobiográficos no corpus textual/ficcional de Maura suscita questionamentos, inicialmente pela identidade entre o sujeito Maura Lopes Cançado e os vários “eus” que vemos serem desdobrados em sua obra. Apesar dos variados disfarces narrativos, os mais diversos papéis são assumidos pela autora durante a cena ficcional, o que nos leva a dizer que o sujeito uno, na obra, é destruído. Quando tudo leva a acreditar que somente a escrita autobiográfica de Maura perfaz o intuito ficcional, a autora usa a loucura como principal subterfúgio narrativo. E na presença da loucura, a autora desliga-se das normas sociais, e dá vazão a uma incansável voz que cisma em acompanhá-la ao longo de sua temporada no manicômio. Essa voz seria o diferencial de Maura para as demais internas: transformar a experiência aparentemente vivida em uma criação literária. (CORRÊA, 2012, p.12).

Mendes (2012) ressalta também que há em *Hospício é Deus* um desvelar das profundezas interiores, já que, a todo o momento, Maura desnuda a si mesma e àqueles que a cercam. “Alguns críticos afirmam que os relatos da autora sobre si mesma não são totalmente verídicos; ela também criaria a personagem Maura Lopes Cançado”. Mas, conforme esta autora, isso não diminui a relevância da história narrada em *Hospício é Deus*, apenas mostra aos seus leitores que eles estão diante de uma obra que mescla o confessional e o ficcional com grande maestria. (MENDES, 2012, p.1).

Mendes demonstra ainda que a autora iniciou a escrita de seu diário como parte do tratamento psicológico a que se submetia. Esperava-se que, se a paciente transportasse

para o papel suas angústias, dores e alegrias, conseguiria de alguma forma enxergar e lidar melhor com suas experiências, além é claro, de sentir-se menos solitária, mas ela não apresenta em que fontes se baseou para fazer tal afirmação, pois o prontuário de Maura ainda não foi localizado. Os diagnósticos e tratamentos psiquiátricos do período em que Maura esteve internada serão trabalhados no próximo capítulo, no qual serão analisadas as escritas da autora sobre a psiquiatria, diagnósticos e tratamentos, traçando um paralelo com a bibliografia sobre o referido assunto.

### 1.2.2 *Hospício é Deus*, escrita como fuga

Corrêa (2012), afirma que a escrita do diário é uma forma que Maura encontrou para 'fugir', resistir ao internamento e a própria 'loucura' e fazer com que suas palavras ultrapassassem os muros do manicômio em que a mesma estava internada quando escreve o diário.

A experiência de confinamento é a marca preponderante da escrita de Maura Lopes Caçado. Passando grande parte da sua vida internada em hospícios e Casas de Saúde Mental – desde os dezoito anos, até o seu falecimento, em 1993 -, é impossível falar em Maura Lopes Caçado sem associar seu nome a essa experiência de internamento. Pouco se sabe sobre a sua vida fora dos muros do manicômio e livre dos diagnósticos psiquiátricos. Por isso, o nome “Hospício-é-Deus”, não teria como fugir dessa sociedade total que é o manicômio, e assim como Deus, é onipotente, onipresente e onisciente. O Hospício toma conta de tudo e de todos, não teria como escapar. No entanto, sua escrita não para de se afirmar como o lugar onde é possível encontrar modos de fuga para este aprisionamento que a sufoca desde muito cedo. É através da escrita que julga poder encontrar uma maneira de fazer com que as suas palavras ultrapassem estes muros altos que a cercam. (CORRÊA, 2012, p.6).

Mendes (2012) compartilha da ideia de Corrêa ao afirmar que o texto de Maura foi uma tentativa de sair da instituição, pois se ela não podia, suas escritas poderiam ser lidas por outras pessoas fora dali, irem muito além dos muros do manicômio. Mas ao mesmo tempo, segundo a autora, Maura sentia uma profunda admiração pelas “outras loucas” que não possuíam nenhum contato com o mundo exterior, isso as aproximaria da santidade, porém também as deixavam muito próximas da inércia da morte. No entanto, considerava-as muito dignas e nobres.

Para Mendes (2012), ao mesclar elementos verídicos e ficcionais em seu texto Maura desnuda a realidade, mas este difere-se de outros textos não literários, pois

acaba atingindo o leitor com mais profundidade, levando-o a refletir sobre o texto e somá-lo às suas próprias experiências:

Maura destaca-se por uma escrita capaz de chocar, e ao mesmo tempo, sensibilizar, por conseguir transformar seu drama pessoal em uma obra que não fica em dívida com a de qualquer outro grande ficcionista. Em seu desespero de fuga, de encontrar um meio para que as suas palavras saltem o muro do hospício, Maura esbarra com estranhas figuras que a fascinam: as loucas do hospício - aquelas que renunciaram completamente a qualquer tipo de relação com a realidade do mundo dos normais e que possuem para Maura um caráter santo, divino, próximo a eternidade. No entanto, A existência dos loucos escreve Maura: se assemelha a uma “certeza mineral sem pulsações”. Experiência próxima a morte, mas revestida de dignidade e nobreza. (MENDES, 2012, p.9).

Portanto, os trabalhos acadêmicos escritos sobre Maura dão ênfase a sua obra *Hospício é Deus*, e é possível perceber que há características em comum entre estes escritos, pois quase todos eles destacam a escrita da obra como uma forma de resistência, um meio de fuga para além daqueles muros que a cercavam, uma forma de denúncia dos sofrimentos dos internos, uma crítica à instituição manicomial. Mas além destas características de denúncia e resistência os pesquisadores destacam que a obra também é uma forma de subjetivação da autora.

Scaramella (2010) assim como a grande maioria dos que analisaram e escreveram sobre Maura e a obra *Hospício é Deus* destaca que vida e obra estão imbricadas uma na outra. Ao atribuírem sentidos para a obra também estão criando um ou muitos papéis de sujeito para Maura, entre os quais é possível identificar a mesma como escritora talentosa, louca, criminosa, mulher audaciosa e mulher rebelde que tenta a todo custo manter sua identidade ou criar identidade ou identidades para si mesma quando escreve a referida obra.

Para alguns autores a escrita de Maura é também uma escrita intencional, na qual a autora tem uma preocupação em escrever bem, de forma que o leitor entenda sua mensagem. Neste sentido, difere de outras escritas de diário já que, na maioria das vezes, não há esta preocupação de que as escritas sejam lidas e publicadas posteriormente.

Podemos perceber assim que os discursos sobre Maura bem como sobre sua obra *Hospício é Deus* formam uma trama discursiva ou uma batalha, isto não significa que

tais discursos são totalmente opostos, muitas vezes eles se cruzam como já destaquei anteriormente, tanto os discursos sobre a autora como sobre a referida obra bebem do próprio discurso de Maura sobre si mesma e sobre sua obra, como veremos nos capítulos seguintes.

## **CAPÍTULO II**

### **ESCRITA DE SI E SUBJETIVIDADES NAS NARRATIVAS DE MAURA LOPES CANÇADO**

#### **2.1 Maura e a Escrita de Si**

Neste capítulo analiso os discursos de Maura sobre si mesma, a construção de sua subjetividade entendida como uma escrita de si. Nesta narrativa alguns temas são mais evidenciados tais como a sua relação com sua família, com sua maternidade, com sua sexualidade, religiosidade.

A escrita de si constitui-se como uma das atividades constitutivas das “estéticas da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora e constitui a própria subjetividade nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade e não como sujeição (FOUCAULT, 2002). Não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade, mas de uma busca de transformação, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é.

Em suma, poderíamos dizer que a escrita de si se destaca como uma prática de constituição da subjetividade e de trabalho sobre si. É nesse sentido, pode ser analisada como linha de fuga diante do poder e como meio de abertura para o outro é neste sentido que analiso as cartas de Maura, sua obra *Hospício é Deus* e alguns contos da obra *O Sofredor do Ver*.

Nas cartas que Maura envia a Brant, na maior parte da narrativa ela faz uma reflexão sobre si mesma e sobre sua vida:

E hoje entendo também a minha imensa solidão e sinto uma grande pena de mim. E me pergunto quando foi quebrada qualquer coisa que tornou a minha vida tão à margem, sempre, tão destituída do sentido normal que têm as outras vidas. É como se eu não encontrasse meios para viver a minha vida. Ou será mesmo, este equívoco, a única coisa que me foi dada? (CANÇADO, 1967 s/p).

Maura se refere à sua existência como à margem, anormal. Aqui provavelmente ela esteja se referindo à loucura, quando afirma não encontrar ‘meios’ sentidos para sua vida, mas ao mesmo tempo se pergunta se esta condição, isto é, a própria condição de louco não seria um meio, uma fuga para ela que nunca conseguiu se ‘adequar’ às normas de uma sociedade patriarcal, e neste mundo à margem ela tenha encontrado um lugar para si, conforme afirma Wadi (2008):

Em algumas narrativas, as instituições e a vida dentro delas emergem sob outras perspectivas: a de sujeitos que acreditaram encontrar nelas um ‘lugar para si’ ou, por outro lado, como um espaço de criação artística, no qual as dores da vida anterior ao internamento e mesmo neste, parecem se diluir. (WADI, 2008, p.1).

Nas escritas de si há uma dobra sobre si mesmo o que Foucault chama de processo de subjetivação:

...Sou demais sonso para qualquer pronunciamento honesto a meu respeito. Mesmo, eu me desconheço quase completamente, meus atos me surpreendem tanto quanto a outra pessoa. Sou incapaz de analisar-me um instante e dizer corajosamente para frente uma verdade acerca de mim mesma. Ainda quando me crêem inocente e sem defesas, julgo estar enganando. A inocência que aparento e tanto encanto me traz, e dependente da minha vontade e consciência. Embora eu desconheça minha vontade, perceba vagamente que possui uma consciência. Tudo se mostra impreciso em minha natureza nebulosa e difícil. (CANÇADO, 1991, p. 38).

No trecho citado anteriormente, Maura, de forma irônica, afirma que manipula, engana até mesmo quando se expressa acerca de si mesma. Aqui é possível perceber um processo de resistência, que ocorre de forma sutil, a qual se pode considerar como sendo um processo de subjetivação, uma dobra sobre si mesma, pois a autora tem consciência de que tudo se altera até mesmo as percepções que possui acerca de si mesma. Além disso, a autora acredita conseguir ‘enganar’ sempre, mesmo quando a julgam sem defesas e assim ela resiste às amarras do poder não somente do poder psiquiátrico, mas ao poder que se impunha ao gênero feminino naquele período na sociedade em que a autora se inseria, resistência esta que se manifesta na sua própria ‘loucura’ e na sua escrita, especialmente do seu diário.

Em uma de suas cartas enviadas a Brant, Maura afirma que sua vida é uma luta constante, principalmente contra o esquecimento e o desprezo que ela afirmava estar sentindo naquele momento, mesmo não estando internada no momento em que escreve estas cartas no ano de 1967, com isso ela passa o discurso de que é desprezada e esquecida dentro ou fora dos muros manicomiais:

Resolvi continuar a carta para me comunicar com você. Estou muito sozinha, triste, infeliz e com fome. Amanheci me sentindo tão mal, minhas pernas doíam tanto! Permaneci na cama até uma hora. Tive a desgraça de ler um conto lindo de Ray Bradbury, “O próximo na fila”, muito depressivo, e caí na maior fossa. Também, nunca pensei que responsabilidade fosse coisa tão penosa e exigisse esta vigilância, esta constância, esta capacidade para continuar lutando e querendo – quando o terreno anula qualquer luta e os adversários nos desprezam completamente, nem ao menos tocando em armas, mas sorrindo levemente e nos dando as costas. Porque assim tem sido minha luta: contra o quê? Quem? Onde estava o Alto Tribunal? Onde estava o juiz que nunca tinha visto? Não pode existir vida mais kafkiana do que a minha. (CANÇADO, 1967 s/p).

Maura, ao se referir a sua vida como kafkiana está se referindo ao seu embate contra o ‘poder’, não exercido de forma abrupta, mas sutil, ocorrendo através da escrita do diário. Este ato é, ao mesmo tempo, sujeição, pois Maura compartilha de ideais e ideologias de sua época, mas é também subjetivação, pois na escrita a autora se reinventa, se coloca,

...sendo esse lugar inassinalável da subjetividade em movimento, em perpétuo "desprendimento" em relação a ela mesma, é, ao mesmo tempo, o produto das determinações históricas e do trabalho sobre si (cujas modalidades são, por seu turno, históricas), e é nessa dupla ancoragem que se enlaça o problema da resistência subjetiva das singularidades, o lugar de invenção do si não está no exterior da grade do saber/poder, mas na sua torção íntima. (REVEL, 2002, p.85).

No trecho a seguir Maura fala sobre sua busca constante em se auto afirmar, ter uma identificação:

Avanço, cega e desnecessária-não é este o meu tempo. Fora da vida, do mundo, da existência- apesar de enclausurada. Quem sou eu? Não importa. Quem poderia julgar-me?- Neste mundo vazio encontro-me tranquila-angustiada. Obrigada a marchar com os outros, aparentando ser o que não sou, ou perturbo a ordem. Regredir é minha preocupação permanente. Dançar como os que me cercam. É o que procuro em vão, minha preocupação permanente- porque não me agrada ser vítima de um erro do destino. Busco apequenar-me dia a dia: este cotidiano mata-me- e parece ser minha única tarefa a desempenhar na Terra. Depois passarei, sem conseguir minha identificação. E não serei jamais alguém, frequentei um tempo errado. Apesar desse erro, ou, em consequência mesmo desse erro, sou tranquila e longe. E muito risonha. (CANÇADO, 1991, p. 157).

No trecho citado anteriormente pode-se perceber a angústia de Maura por se definir, ter uma identidade, por aparentar ser o que ela acredita não ser, por sentir-se fora do 'tempo', do mundo e da sua própria existência. Sua reação diante deste impasse, como ela mesma expõe, é, muitas vezes, aceitar submissa esta sua condição ou 'perturbar a ordem' do local (manicômio) onde ela se encontra. Pois, conforme afirma Artiéres, "arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor á imagem social a imagem íntima de si própria, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência." (ARTIÉRES, 1998, p.11).

Este processo de subjetivação que perpassa toda a obra *Hospício é Deus e* também se faz presente nas correspondências (cartas) que a autora envia a sua amiga Vera Brant. Conforme Foucault (2002):

Escrever é, pois "mostrar-se", dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo ele diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. [...]. A reciprocidade que

a correspondência estabelece não se restringe ao simples conselho ou ajuda, é ela a do olhar do exame. A carta que na sua qualidade de exercício, labora no sentido da subjetivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como “bem próprio”, constitui também e ao mesmo tempo uma objetivação da alma. (FOUCAULT, 2002, p.151).

Na narrativa epistolar Maura se mostra ao olhar Vera Brant ao mesmo tempo em que se volta para si mesma. Conforme Foucault: “a carta é uma maneira de nos darmos ao olhar do qual devemos dizer a nós próprios que penetra até ao fundo no nosso coração no momento em que pensamos”. O que se apresenta ao destinatário não é a relevância de suas atividades, mas a qualidade de um modo de ser. (FOUCAULT, 2002, p.155).

Em uma de suas cartas a autora relata suas angústias, sua maneira de compreender o mundo e a si mesma:

Inconscientemente confessei que considero qualquer ser, mesmo inanimado, com mais personalidade do que eu. E capaz de me subjugar, até com argumentos. Pois se não acredito nem ao menos em minha identidade. Sonho sempre: depois de muitas confusões, onde não consigo me comunicar com ninguém, e tudo, as pessoas, as circunstâncias, até os objetos me apavoram, procuro salvar-me provando a alguém (quase sempre a meu médico), que sou Maura Lopes Cançado, a que escreveu “Hospício é Deus”, ou fez outra cretinice parecida. Não me acreditam. Procuro meus documentos, não os encontro, as pessoas riem e debocham de mim. Não vou contar-lhe um desses sonhos porque são todos longos – mas alguns estão no diário 2. A doutora Kate insistia sempre comigo: “Você perdeu desde quando a sua identidade?” Há outro sonho terrível: eu me vejo a mim mesma, muito bonita e cercada por pessoas. Estou saindo de uma escola de teatro. Mas entre mim e eu, há uma parede de vidro. Vejo-me de perfil. Sou loura, bonita e uso casaco de lã bem largo. Súbito, viro-me em minha direção. E me vejo feia, horrível. Sinto-me angustiada, quero falar-me, mas eu não me vejo e desço uma rua, inteiramente indiferente e ignorando minha presença do outro lado da parede. Então, desço também, gritando-me, gritando-me: “Você precisa fazer uma operação plástica”. Mas não me posso ouvir, há uma parede de vidros muito grossos. Acordo suando, é terrível. (CANÇADO, 1967, s/p).

Neste trecho de uma das cartas Maura procura demonstrar que possui uma identidade, assim ela vincula a sua escrita com a sua identidade afirmando que Maura Lopes Cançado é a autora de *Hospício é Deus* ou outra coisa qualquer. Mas, ao mesmo tempo ela apresenta-se como louca, pois apesar de ser bonita e escritora há uma distância

entre ela e as pessoas, por isso a autora sente a necessidade de se auto afirmar constantemente para as outras pessoas e para si mesma.

Lembrando que a identidade da autora, assim como a dos demais seres humanos não é única nem estável, é um processo histórico no qual é construída discursivamente durante as relações sociais. Sobre a relação de discursos, identidades e construção dos sujeitos, Borges (2010) percebe “os sujeitos como seres culturais e históricos, os quais não existem anteriormente, “ à espera”, para depois entrarem em cena, nas relações sociais, mas que são formados a partir de práticas discursivas e não-discursivas. (BORGES, 2010, p.17).

Isto significa que tanto os discursos sobre Maura, como o discurso da própria autora sobre si mesma, constroem e reconstroem identidades e posições de sujeito como já ressaltado nesta pesquisa, sendo assim a identidade ou identidades nunca serão fixas. Em suma, podemos afirmar que há uma relação estreita entre as práticas discursivas e o processo de construção e reconstrução das identidades.

No trecho a seguir, Maura demonstra que estava a procura de um sentido para sua existência:

Também, falar com quem? Mas como eu era bonita e inteligente então. Aprendi que só tinha a mim e minha presença me agradava. Lia sem parar, pensava muito- eu me impunha uma disciplina interior espartana. O que eu buscava sem cessar era uma coerência que desse sentido a minha vida. Talvez, se eu enlouquecesse, conseguisse dar vida às coisas que existiam em mim e que eu não era capaz de exprimir. (CANÇADO, 1991, p.63).

Pode-se perceber aqui dois discursos sobre si que a autora reforça a todo o momento em sua obra o de sua grande beleza e o de sua inteligência acima da média. Além disso, ela busca na loucura o sentido para sua vida, mas apesar de estar no hospício ela não se sente ‘louca’, pois afirma que se caso enlouquecesse conseguiria ‘libertar’ os sentimentos que desejava exprimir, mas não conseguia ou não ousava fazê-lo.

A autora, na busca de uma identidade que a afirmasse perante as outras pessoas institui para si adjetivos de superioridade, exaltando suas qualidades:

- Maura, querida, queridíssima, não procure mais complicações. Você, linda, se basta. [...] Maura, Super-Maura, Híper Maura, Mauríssima, Maura de Todas as

Coisas e de Nada, Solene e Vaga, Longe e Presente: enamore-se sempre mais dos seus olhos, das suas pernas, dos seus seios, cabelos. Enamore-se cada vez mais- o resto é mentira. Escute, lance um olhar desvairado para todas estas caras azuladas de embrutecimento. Assim, apenas com este olhar, você pode deixá-las aturdidas. Agora, adeus. Hein:- adeus. Adeus. Estou brincando há muito tempo de inventar, e sou a mais bela invenção que conheço. Antes me parecia haver um depois. Agora não me parece haver além de agora. Há muito tempo o tempo parou. – Onde: Sou o marco do esquecimento. (CANÇADO, 1991, p.137).

Porém, ao mesmo tempo em que Maura institui adjetivos que a qualificavam como superior, afirma que mesmo se inventando há muito tempo, naquele momento não percebe saída, não visualiza um futuro bom, pois ela representaria o próprio esquecimento. No entanto, o próprio fato de ela estar se questionando e repensando seu eu e sua existência faz parte de sua subjetivação, de sua capacidade de inventar e reinventar-se a todo o momento, conforme afirma o próprio Foucault (2002), quando se refere ao processo de subjetivação dos indivíduos sejam eles ‘normais’ ou ‘loucos’.

A seguir, Maura afirma não pertencer a este mundo dos meros mortais:

-Ninguém sabe, doutor A. muito menos que sou tranquila. Meu reino não é deste mundo, pareço dizer-me quando tudo se mostra difícil e insuportável. Então tudo termina a um gesto íntimo meu. Se me lerem algum dia sentirão talvez pena. Desnecessário afirmo: jamais fui atingida em minha essência. Sou muito mais que o que me cerca. Sou deveras mais do que tudo que me foi dado conhecer- e desprezar. Ando quase sempre à procura da minha dimensão humana. Busco-a no mais profundo de mim, no mais exterior de mim, no reflexo da minh'alma nos outros. Não encontro, as almas são opacas, e estúpidas demais para refletirem minha tranquilidade. Estou perdida no meu mundo de depois. Estou só, como o prenúncio do que virá tarde demais. Sinto na carne meu desconhecimento da dor. Ele enlaça-me, fere-me, busca matar-me. E se ainda não morri é porque não encontrou em mim o humano. (CANÇADO, 1991, p.157).

Quando Maura se refere não pertencer a este mundo, está sendo irônica, mostrando que possui uma dimensão divinal, e a dimensão humana ela ainda não havia encontrado. Na verdade, o que ela quer evidenciar neste discurso sobre si é o seu desajuste com o tempo e espaço onde estava inserida, pois se considera uma mulher à frente de seu tempo sendo que as demais pessoas ‘estúpidas’ nunca chegaram a perceber e entender sua essência, sua inteligência, acima do comum. Assim, quando ela afirma que ‘ele’ buscava matá-la, refere-se ao mundo (sociedade). Este não conseguia tal intento, pois não

encontrava nela as fraquezas humanas, porque ela era superior, ou no mínimo diferente dos demais seres humanos com suas almas tão opacas e estúpidas.

## 2.2 Sexualidade

A sexualidade é um ponto importante na constituição de si de Maura Lopes Cançado, tema este que não ganha muitas páginas de seu diário e de sua obra *O Sofredor do Ver*, mas que possui uma intensidade de emoções e sentimentos na maioria das vezes negativos de Maura em relação ao sexo e as suas práticas.

O sexo em Maura foi despertado muito cedo por ele a autora possuía grande curiosidade, apesar de ser educada por uma moral cristã que afirmava que o sexo era feio e pecaminoso, ela sentia muito prazer no proibido:

Aos cinco anos talvez antes, travei conhecimento com o sexo, vendo os animais na fazenda e ouvindo meninas, filhas de empregados. Ensinaram-me a encará-lo como coisa feia e proibida. Passei a sentir-me constantemente em falta, por ser grande a minha curiosidade sexual. “É pecado fazer coisas feias”, diziam-me. E eu sentia grande prazer nas coisas feias. Diziam-me que os maus iam para o inferno e o sexo era uma vergonha, um ato criminoso. Era sensual e má, portanto. O sexo foi despertado em mim com brutalidade. Cheguei a ter relações sexuais com meninas de minha idade. Isto aos seis ou sete anos. Sentia em relação a meus pais, quando juntos, uma sensação à qual dava o nome secreto de “antipatia”. Imaginava-os sempre no ato sexual, eles me eram náuseos- e os desprezava. P.21 (CANÇADO, 1991, p.19).

A autora afirma que sofreu abusos sexuais, estupro com apenas cinco anos de idade, pelos funcionários da fazenda onde morava, em São Gonçalo do Abaeté com sua família:

Na fazenda tínhamos uma loja. O rapaz, empregado da loja, sempre se recusava a nos dar balas, a mim e minhas irmãs menores. Uma tarde fui sozinha. Pedi-lhe. Disse que sim. Sentou-me no balcão e teve relação sexual comigo, nas minhas pernas. Não tive nenhuma reação, creio haver sentido prazer e nojo. Sentindo-me molhada, julguei que ele houvesse feito pipi nas minhas pernas (eu devia ter cinco anos)... Mais tarde, dois outros empregados repetiram o mesmo. A sensação que me dominava nestes momentos era sempre de náusea e prazer. Porém não

cheguei a ver o órgão genital de um homem até meu casamento. Contaram-me que quem faz “bobagens” tem um neném. Julgava-me grávida então. Esta quase certeza me deixava estupefata, imaginava o que acontecia se papai viesse, a saber. Tudo tão violento e extraordinário. (CANÇADO, 1991, p. 20).

Na obra *O Sofredor do Ver*, Maura, narra novamente tais acontecimentos e expressa sua angústia e medo ao ser abusada, sente-se indefesa e ‘impura’, mas não comenta o fato com ninguém, apenas chora:

Estou chorando. Triste: Sim, triste e sozinha. Já escutei antes este choro. De mim mesma: Mamãe. Seis anos: Seis ou cinco: Mas a tarde pesava acusadora, quando encontrei mamãe, sentada na varanda, conversando. De vestido branco, tranquila. Via-a distante, boa. Foi inútil tentar pôr-me no colo. Entardeceu mais, olhei-a maravilhada. Meus olhos escurecidos de vergonha. (Ou medo: Naquele tempo que nome dar aos sentimentos:) Fiquei ali. A distância enorme do vestido branco, a barra dos meus cabelos pesados. Chorei ali. Sentida. Degraus misturados elevavam a escada às proporções conhecidas nos futuros pesadelos. Tinha febre quando escondi-me sob os lençóis brancos. Mamãe. As mãos corriam nos cabelos mais longos e escuros de peso. Disseram que alguém fugiu naquela noite da fazenda. Os cabelos lisos, o peso crescendo. Mamãe mais bela, longínqua. Mamãe. Agora não há como temê-la. Perdeu-se sua pureza, eu não creio mais. Entanto, venha. Dói. Tanto. Tanto. (CANÇADO, 1968, p. 18).

Sobre os sintomas apresentados pelas vítimas de abuso sexual na infância, Baker (2003) considera que há uma variedade de sintomas a curto-prazo tais como: “alterações no padrão de sono, pesadelos, sentimentos de impotência, confusão sobre a identidade sexual, sentimento de isolamento, dificuldade em confiar nos outros etc.” (BAKER, 2003, apud JÚNIOR, 2006, p.44). Tais sintomas podem se estender por um período maior, perdurando por muitos anos, inclusive na vida adulta da vítima do abuso.

Maura desenvolveu um sentimento dúbio em relação ao sexo, pois o seu primeiro contato foi violento, sentia nojo, repulsa e prazer. A autora comenta que aquele acontecimento que ela nunca contara a ninguém, nem fora punido seu algoz, a marcou de maneira negativa por toda a sua vida, pois a mesma afirma que aquela dor e vergonha a acompanharia e faria parte de seus pesadelos até mesmo no futuro, ou seja, na sua vida adulta. De acordo com Souza os sintomas psicológicos dos efeitos do abuso sexual sofridos na infância, variam bastante em sua duração e intensidade, as consequências desta violência também podem se manifestar na vida adulta, “esta experiência interfere inclusive nas relações afetivas do indivíduo ao longo da vida, nos sentimentos de confiança e

segurança em relação aos outros”. (SOUZA, 2012, p.12). Sobre o abuso sexual que ela se refere nas suas duas obras, (*Hospício é Deus e O Sofredor do Ver*), outros autores não comentam este fato, nem mesmo as consequências do mesmo.

Tais sentimentos Maura afirmava sentir muitos anos após ter sofrido o abuso sexual:

Com as aplicações de Sonifene meu estado se agravava cada vez mais. Tinha ideia fixa: julgava-me deteriorada moral e sexualmente. Era agressiva. Nas minhas agitações gritava estar pagando pelos meus atos sexuais. Acusava várias pessoas de me levarem a ser má. Acusava, principalmente, o rico admirador que me mantinha. Já não podia vê-lo- ele era me odioso. No íntimo sabia-me muito doente. Com grande sentimento de culpa, julgara estar pagando algo que houvera feito de muito grave. Sentia-me perdida e ao mesmo tempo injustiçada. A certeza de estar pagando crimes sexuais não me deixava. Tornava-me cada vez mais agressiva e desconfiada. (CANÇADO, 1991, p.101).

Neste relato, Maura fala sobre o período em que esteve internada no sanatório da Tijuca. O fato acontecido na infância, os abusos sexuais sofridos pela mesma, marcam toda a sua vida, pois ela se sente impura da mesma forma que se sentiu quando foi abusada pela primeira vez quando encontrou a sua mãe naquele momento, acreditava estar pagando crimes sexuais que havia cometido, entretanto ela era a vítima, mas até então não conseguira contar a ninguém sobre tais abusos. E neste momento, através da escrita, ela realiza uma espécie de catarse, compartilhando este sofrimento com o leitor do seu diário.

Sobre a escrita como forma de catarse Wadi traz suas considerações em sua tese de doutorado ao analisar as cartas de Pierina como um ato de purgação, neste sentido a escrita seria uma “experiência purificadora e libertadora, pois através da ‘mágica da memória’ pode [...] ter a ‘sensação catártica de botar para fora tanta coisa guardada, de exorcizar fantasmas do passado, matando-os de novo bem mortos no papel”. (WADI, 2002, p.12).

Assim ao relembrar os acontecimentos dolorosos de violência e abuso no qual Maura foi exposta na infância, ela de certa forma se liberta dos ‘fantasmas’, que atormentavam os quais até então não conseguia se livrar, conforme exposto anteriormente os abusos sexuais provocam marcas profundas na subjetividade das vítimas, estas pessoas, neste caso Maura, sentem dificuldades em se relacionar, em confiar nas pessoas e contar sobre os abusos, além de sentir vergonha e culpa pelo ocorrido.

### 2.3 Religião

A religião é uma questão relevante também para a compreensão da constituição da subjetividade de Maura, pois muitos de seus medos, culpas e desajustes a autora atribui a influência da religião em sua vida.

A seguir Maura expressa como se sentia diante da imposição de Deus em sua vida:

... Me impuseram Deus, um ser poderoso, vingativo de quem nada se podia ocultar. A resistência em me preocupar com a imortalidade da alma. Por que temia ser enterrada viva, ao invés de temer algo mais sério, o Julgamento Divino? O inferno me estava reservado, tinha quase certeza, entanto meu verdadeiro medo era imaginar-me sob os sete palmos de terra, sem me mover ou respirar. Não fui além de um misticismo biológico, se posso assim dizer. E minha ambivalência. Que dizer dos fantasmas que me povoavam as noites? E os demônios? Contavam coisas: mulas-sem-cabeça, lobisomem, um caminhão que se aproximava da fazenda a noite, por muitos visto, e nunca chegando. Quase todos os adultos conhecidos em minha infância tiveram alguma experiência com almas do outro mundo. Não cheguei a ter, diretamente, uma dessas experiências. Apesar de sentir-me constantemente ameaçada; mesmo, um sangue diferente parecia correr-me nas veias- e os outros estavam tão distantes. O céu pareceu-me sempre absurdo e frio, santos e anjos me assustavam quase tanto como meus demônios. Apesar de minhas não-relações diretas com o que se convencionava extraordinário, o ordinário esteve fora do meu alcance- e deslizei atenta, cuidadosa, procurando em vão comunicar-me, ainda com as pedrinhas mudas que se incrustavam no terreiro. Quanto às pessoas, pertenciam a um mundo fácil demais: era-me vedado. Minhas esperanças e temores brotavam da terra- o céu pesava sobre mim em forma de medo. (CANÇADO, 1991, p.19).

Maura afirma no início do trecho anterior, não ter ido além do misticismo biológico, não se preocupava com a não salvação de sua alma, num primeiro momento pode parecer cética, porém no trecho a seguir ela afirma que sempre teve medo de coisas sobrenaturais, fantasmas, anjos, santos e demônios. A religião em Maura nunca foi algo prazeroso, extasiante, mas sim algo que lhe causava muito medo, mas se o extraordinário estava fora de seu alcance o ordinário também, pois era muito fácil e a autora se sentia uma mulher a frente de seu tempo e das pessoas com as quais convivia, e a religião era uma das amarras que lhe causava angústia e medo.

Além disso, ela tentava de desvencilhar do misticismo religioso, porém como todos os seres humanos Maura tinha a influência do seu meio sobre suas ações, pensamentos e temores, pois vivia em uma fazenda do interior de Minas Gerais, onde as superstições e mitos exerciam grande influência na vida de quem ali habitava e com a autora não era diferente, vivia um embate entre querer viver o extraordinário e a repulsa que este lhe causava.

A autora não entendia como se poderia amar a Deus, se ao menos lhe conhecia e tanto medo e poder exercia sobre as pessoas e suas ações:

[...]. Adquiri uma insônia incomum para minha idade. Se dormia, sonhava com o demônio. Passava as noites chamando por papai e mamãe. Não permitia que apagassem a luz do meu quarto. Creio ter tido várias alucinações à noite. Eu crescia e cresciam meus temores: o escuro, a noite, a morte, o sexo, a vida- e principalmente Deus: de quem nada se podia ocultar. Costumava pensar: “Cristo veio a terra em forma de homem; Cristo teria tido sexo? Mas sexo? Pensar isto de Jesus:- Já pensei e Deus sabe. Ele sabia, mesmo antes de eu pensar”. Meu complexo de culpa tornou-se tanto, que ficava chorando pelos cantos da casa, todos indagando intrigados: “- Que tem esta menina está doente? E foi esta divindade que me ensinou a mentir: diziam: “- Devemos amar a Deus sobre todas as coisas”. Sim, concordava com veemência e mentira. Amá-lo como, impiedoso e desconhecido, me espionando o dia todo? Ia matar-me quando quisesse, mandar-me para o inferno. Amar a Deus? Deus, meu pai: Ora, a meu pai eu abraçava, pedia coisas, tocava. Como podia ser meu pai um ser de quem só tinha notícias- além de tudo terríveis: - Minhas relações com Deus foram as piores possíveis- eu não me confessava odiá-lo por medo de sua cólera. Mas a verdade é que fugia-lhe como julgava possível- e jamais o amei. Deus foi o demônio da minha infância. (CANÇADO, 1991, p. 19-20).

Pode-se perceber no trecho citado anteriormente que os temores ‘religiosos’ de Maura estavam ligados principalmente ao sexo e a Deus, possuía grande curiosidade sobre a sexualidade, até mesmo sobre o sexo de Jesus Cristo, porém o que lhe causava horror era a onipresença divina do qual nada podia ocultar até mesmo pensamentos, especialmente os que eram considerados pecaminosos, assim o sentimento de culpa em Maura estavam diretamente associado à religião e ao controle desta na vida das pessoas, especialmente relacionados ao sexo, controle este exercido não somente nas práticas sexuais, mas também no pensar sobre as mesmas.

Em relação à religião, o sexo e o sentimento de culpa, Brito (2011), percebe que se por um lado, o sexo é determinado biologicamente antes do nascimento, por outro, as representações sociais a respeito da sexualidade são culturalmente adquiridas e transmitidas através de estruturas sociais. “Ao tentar associar o prazer e as alegrias que o sexo oferece, a Igreja acaba condenando os desejos carnis dos quais o desejo sexual é o pior”. (BRITO, 2011, p.11).

Segundo Montellano (2012):

...a religião influencia muitos aspetos da vida do indivíduo incluindo crenças e expectativas sociais que podem estar relacionadas com a culpa. A religião é reconhecida como tendo a função de um controle efetivo dos impulsos instintivos do ser humano baseado na consciência da utilização da culpa. (MONTELLANO, 2012, p.15).

Além do sentimento de culpa e de medo que a religião e Deus exerciam na vida de Maura, percebia esta também como um meio de comunicação entre ela e suas colegas de internação:

Estamos rezando uma novena a São Judas Tadeu, o santo do impossível. Senti que pudesse vir fazer bem, principalmente a dona Auda. Acertei. Durvaldina, ela e eu estamos já no terceiro dia da novena. A oração parece ter aproximado a dona Auda da gente. Sou tomada de grande emoção. A oração é bonita tenho dona Alda ao meu lado. [...]. É bonito e humano rezar. Também não creio em nenhum deus, não creio nas divindades para as quais se reza. Rezo pela poesia da oração. Rezo para sentir-me próxima de meus semelhantes, ao fazer o mesmo pedido, ao externar a minha necessidade. Eu rezo porque amo- é para mim o meio de comunicação. (CANÇADO, 1991, p.80).

Maura assim como nos trechos citados anteriormente, afirma não crer em nenhum deus, porém o fato de estar rezando a deixava mais perto das outras internas, uma maneira de comunicar-se com as pessoas ao seu redor, que ela achava humano, belo e poético estes momentos de oração dentro do hospício praticado por algumas pacientes.

## 2.4 Família, casamento e maternidade

A família, o casamento e a maternidade são questões fundamentais no discurso de constituição de si feito por Maura, pois através destas ela apresenta sua subjetivação, ao refletir e tentar entender a constituição e as relações sócio afetivas em sua família, mostrando fatos e acontecimentos de sua infância, de seu casamento precoce e breve e de sua maternidade ocorrida em plena adolescência, são questões e fatos fundamentais que marcaram suas ações e a forma com que a autora entendia e percebia o mundo e a sociedade em que vivia, bem como a sua compreensão acerca de si mesma.

Sobre a família Maura traz algumas considerações as quais na sua maioria se referem ao seu amor quase incestuoso que sentia por seu pai:

Sou muito parecida com minha mãe- a quem meu pai amou até morrer, de forma apaixonada e difícil nos casamentos. Estas são as lembranças mais remotas- as únicas despidas de angústia. Eu devia ser uma menina bem pequena, fácil e protegida. Somos dez irmãos vivos: oito mulheres e dois homens. [...]. Papai: sempre ouvir dizer que muitas de suas fazendas lhe eram desconhecidas por estarem distantes. Filho de família rica gastou toda a sua herança quando jovem, casando-se depois com mamãe e recomeçando a vida nos sertões de Minas Gerais, onde a única lei era a do revólver. Antes de tudo meu pai foi um bravo. Mas também um romântico, um sentimental. Vivia cercado por homens que matavam, junto aos quais cresci [...]. (CANÇADO, 1991, p.13).

Maura afirmava ser muito parecida com a mãe a qual seu pai muito amou, assim ela demonstra que o pai também a amou, este amor que sempre fez questão de afirmar que existia entre ela e seu pai, sobre o amor de sua mãe ela quase nada menciona. Refere-se também a classe social alta de seu pai, e novamente exalta as qualidades deste, que mesmo vivendo entre homens ‘brutalizados’ dos sertões possuía grande sensibilidade, se destacando dos demais de sua época e de sua sociedade.

Em alguns trechos Maura faz questão de destacar como já citado anteriormente a classe social e o prestígio político de sua família:

A família de papai, Lopes Cançado, tem grande prestígio financeiro, social e político em nosso Estado; é chata, conservadora, intransigente, como todas as boas famílias mineiras. [...]. Mamãe: Seu nome é Santa. É modesta, generosa e quieta. Talvez a mais modesta pessoa que conheço. Jamais em minha vida ouvi mamãe julgar alguém. É Alvares da Silva, família aristocrata de sangue e espírito

(ainda se pode falar sem constrangimento em aristocracia?) Descende de barões e coisas engraçadas. Possuo pouco conhecimento de nossa árvore genealógica. Sei que sou descendente de Joaquina de Pompéu, mulher extraordinária que durante o império manteve o poder político em Minas, entretendo com D. Pedro II relações políticas e amistosas. Conta-se que mandou-lhe uma vez, de presente, um cacho de bananas feitas de ouro. Apenas este filho conservou de seu marido, Oliveira Campos. As oito filhas casaram-se em diferentes famílias, como Alvares da Silva, Maciel, Ribeiro Valadares, Vasconcelos Costa- e outras. Daí sermos parentes das principais famílias mineiras. Já se escreveu mesmo um livro sobre isto, *Os gregos de Minas Gerais*. Somos descendentes de nobres belgas, parece-me. (CANÇADO, 1991, p.15).

A autora destaca que tanto a família paterna como a materna descendia de ricos e nobres que detinham o poder não somente econômico, mas político e social. Além disso, ela destaca uma figura feminina a qual segundo Maura detinha o poder político em Minas Gerais, se a autora era parente ou não de Joaquina de Pompéu não se pode afirmar, mas é interessante observar que Maura destaca este poder feminino que para época e muito menos para épocas anteriores a sua, eram raríssimas, talvez a autora se projetasse nesta mulher a frente de seu tempo com muito poder político, porém devido aos percalços e restrições ou por suas escolhas não tenha alcançado o poder e a liberdade que desejava como a referida Joaquina havia alcançado.

Maura relata em seu diário a sua infância e as relações familiares, e afirma que desde pequena era o centro das atenções, principalmente de seu pai:

Nasci numa bela fazenda do interior de Minas, onde meu pai era respeitado e temido como o homem mais rico e valente da região. Fui uma criança bonita, todos dizem, e sei pelos retratos. Há sete anos mamãe não tinha filhos quando se deu meu nascimento. Daí tornar-me objeto de atenção de toda família e o orgulho do meu pai. [... As pessoas, mesmo as desconhecidas, jamais deixavam de prestar atenção, ainda quando papai se esquecia de me mostrar, glorioso, como era seu costume. Eu era morna, doce e presente o que se toma no colo deixando o coração macio e feliz. Sobretudo em mim havia a surpresa: esperavam apenas uma menina, e subitamente me mostrava mais. Creio que em nada desapontei. Ao contrário, como criança fui excessiva. (CANÇADO, 1956,p.12).

Já em outro momento nesta mesma obra, pode-se perceber a forma como Maura, se percebe e se comporta diante das pessoas do seu convívio familiar e social, segundo ela

desde a infância era muito amada pelos familiares e conhecidos da família sendo antipatizada apenas por uma pequena minoria, mas ao mesmo tempo distante e resistente ao contato com o mundo e com as pessoas que a cercavam:

Muito cedo aprendi que tudo me era devido. O julgar que tudo era devido deve ter o nome frio de egoísmo. Por algumas pessoas sentia-se excessivamente amada: papai, mamãe, Pabi, Didi, etc. por uma minoria antipatizada. Sim, costumava mostrar-me demais manhosa, ninguém ousava contrariar-me, o que seria contrariar papai. [...]. Ainda o que me davam parecia pouco. Formou-se no meu ser séria resistência às pessoas e coisas conhecidas. Então inventei o brinquedo sério do FAZ DE CONTA. E me elegi rainha. Muito tímida, costumava passar os dias brincando pelos quintais, travei relações com uma árvore, a qual considerava comadre e maior amiga. (CANÇADO, 1956, p.16).

Contra a vontade de seu pai Maura se casa ainda adolescente. Porém, passado a euforia de se ver livre através do casamento, logo se decepciona e um ano depois se separa:

Aos quatorze anos casei-me com um aviador, jovem de dezoito anos. Papai se opôs tenazmente, todos viam naquilo uma loucura. Mas eu queria- e casei-me. Papai sofreu acima de suas forças, ele que fazia em relação a mim os mais bonitos projetos. Pedi-me, prometeu-me ceder a todas as minhas vontades. Não o escutei... Casada, pensei logo em me descasar, tão imediata foi a decepção. Talvez oito dias depois. Papai podia tudo pensava tranquila. [...].Evidentemente aquele casamento não podia durar: nossa pouca idade, diferença de educação. Os doze meses da vida conjugal marcaram de modo negativo, mesmo brutal, a fase mais importante da minha existência.. Vivi durante cinco meses em casa de meus sogros, todo este tempo acreditando-me apaixonada pelo pai do meu marido, homem forte, alto, muito bonito, de quarentas anos [...]. Diziam-me parecia com uma sua ex-amante. Isto me excitava deveras...Aos quinze anos vi-me com o casamento desfeito, um filho, e sem papai, sustentáculo de todos os meus erros-meu grande e único amor. Restava-me mamãe: para sofrer com minha insatisfação, meus ideais irrealizáveis, minha busca do “não sei o que é, mas é maravilhoso”, minha vaidade e meu tédio pelo que me estava às mãos. (CANÇADO, 1991, 21).

Mesmo casada, Maura vive em choque com seus sentimentos e com a moral, pois durante o ano em que esteve casada acreditava estar apaixonada pelo sogro, o qual ela descreve como sendo um senhor altivo e robusto de quarentas anos de idade, sargento do exército brasileiro, tais características a excitavam muito. Com a separação, não encontra mais seu único ‘amor’ seu próprio pai, e sua mãe torna-se seu sustentáculo pela sua busca

insaciável de ideais de liberdade que ela acreditava conseguir encontrar após o fim do seu casamento, porém bate de frente com uma sociedade muito preconceituosa, especialmente em relação à mulher e a suas ações:

O casamento porém nunca fora real. Mulheres me olhavam pensativas: “- Tão nova já com este drama”. Que drama? Me perguntava irritada. Os homens se aproximavam violentos, certos de que eu devia ceder: -“Por que não, se já foi casada.” Moças de “boas” famílias me evitavam. Mulheres casadas me acusavam de lhes estar tentando roubar os maridos. Os tais maridos tentavam roubar-me de mim mesma: avançavam. Eu tinha medo. (CANÇADO, 1991, p.25).

Maura se apresenta também como uma mulher à frente do seu tempo, uma mulher com ideias e ideais de liberdade. Este discurso será repetido pelos pesquisadores que analisaram a sua obra como foi possível identificar e analisar no capítulo anterior. No trecho a seguir ela comenta sobre a sua separação e a reação da sociedade em relação a este fato:

Desfeito o casamento, que só se realizou na igreja, por minha pouca idade, julguei possível recomeçar minha vida como se nada houvesse acontecido. Morávamos numa cidade próxima a fazenda, São Gonçalo do Abaeté. Diziam-me a moça mais bonita e prezada da cidade. Lamentavam que já tivesse me casado. Aquilo me irritava deveras. Lera muito sobre os costumes das outras terras, julgava-me na situação de uma divorciada (ou menos comprometida). Por que privar-me das diversões comuns às moças da minha idade? Mas as pessoas pensavam diferente. Atravessei nesta época uma fase completamente niilista. Li todos os filósofos que me caíram às mãos. Não possuindo ainda grande defesa, deixei-me impregnar de negativismo apenas. Pensei pela primeira vez em me matar. Entre meus colegas do aeroclube sentia-me bem. Portava-me como um rapazinho, falando de aviação, aparentemente integrada. Ainda assim aquela insegurança. Como única moça da turma, e única a possuir um avião, devia-me sentir muito vaidosa, ainda mais que estava muito bonita: de macacão branco e bonezinho de lado. Entanto não era o que acontecia. Sabia que minhas atitudes de aviadora, consideradas “livres”, agrediam a falsa moral (que naquele tempo eu não ousava chamar de falsa. Mamãe dera-me um avião, Paulistinha, Cap 4-prefixo PP-RXK. Foi quebrado por um aviador meu amigo, ao tentar um aterragem de emergência na rua de uma cidadezinha (a hélice pegou o fio do telegráfo, derrubou o avião, arrastaram um poste-tudo caindo sobre uma casa e quase matando os habitantes). (CANÇADO, 1991, p.25).

Desfeito o casamento Maura, sente-se perdida, pois a sociedade mineira daquele período não aceitava uma mulher divorciada, assim entra em estado de depressão,

pensando até em se suicidar, porém ela encontra uma saída, uma válvula de escape, ou seja, a aviação, pois ali entre homens aviadores sentia-se livre, agredindo a moral que ela chama de falsa quando relembra tais fatos, posteriormente, ao escrever o diário.

Ainda sobre o avião, Maura afirma que o queria muito, mas logo se desinteressou pelo mesmo, pois o que a empolgava era o desconhecido e o avião, inicialmente, para a autora era um desafio à morte:

Querida este avião apaixonadamente- antes de tê-lo. Tão logo o ganhei deixou de interessar-me muito, como não interessaram muito jamais as coisas conhecidas. Como, se deixavam de existir? Ou deixavam de existir como eu imaginava: [... E minha insistência em voar não teria sido um desafio à epilepsia ou a morte: O avião não pareceu jamais obedecer ao meu comando, às vezes parecia-me independente e perigoso. Era quase sempre uma carreira ao lado da morte. Suportava calada, nunca confessei nenhum dos meus receios a meu instrutor ou a algum colega. Desde menina experimentei a sensação de que uma parede de vidro me separava das pessoas. Podia vê-las tocá-las – mas não as sentia de fato. Acontecia ser tomada de tão grande pânico que corria para mamãe e papai, agarrava-me a eles, os objetos se me distanciavam, percebia modificação nas coisas – e não sabia explicar. Voando sozinha cheguei ao princípio de uma destas crises. Me contive. (CANÇADO, 1991, p. 25-26).

No trecho citado anteriormente, Maura se refere também à parede de vidro que a separava das outras pessoas, desde sua infância tinha esta sensação. Com tal afirmação, ela apresenta novamente o discurso referente à sua loucura. Tal discurso geralmente foi, e ainda é, repetido por pesquisadores e colegas da autora, que a apresentam assim como ela se definia como uma esquizofrênica.

Para fechar a primeira parte do seu diário na qual ela relembra fatos ocorridos na sua infância e adolescência ela assim se refere a sua própria autobiografia:

Procurei retratar-me até os dezessete anos, embora fatos ocorridos dentro desta idade estejam registrados neste diário, em minhas conversas com o médico. Desde então tudo tomou caráter mais grave e penoso; passei a sofrer com brutalidade os reflexos do condicionamento imposto a uma adolescente numa sociedade burguesa, principalmente mineira- e principalmente quando esta adolescente julga perceber além das verdades que lhe impõem, e tem, ela mesma, sua própria verdade. É, portanto, a metade do meu álbum: apresentei a moça de dezesseis anos, bonita, rica, aviadora; sem futuro- mas uma grande promessa. (CANÇADO, 1991, p. 26).

Maura reforça ou institui alguns discursos sobre si mesma apresentando algumas versões sobre si mesma, o de mulher que desde a adolescência já era a frente do seu tempo, possuía suas próprias verdades, incompreendida pela sociedade em que vivia em Minas Gerais. Além disso, ela reforça novamente sobre sua beleza, riqueza, audácia, porém sem futuro incompreendida por todos. Ressalta que, a partir de então, tudo será mais penoso, pois dali em diante o seu diário apresentará as suas impressões sobre a experiência do internamento manicomial o que será mais bem explorado no próximo capítulo desta pesquisa.

Em relação à maternidade, Maura afirmava sentir-se muito angustiada ao tocar neste assunto, pois queria estudar, ser uma mulher independente, mas o fato de ela já ser divorciada e ter um filho pequeno, a impedia de levar uma vida ‘normal’ igual a das moças da sua idade. As relações de gênero eram muito desiguais naquele período (ainda são, mesmo que de formas diferentes) e o preconceito contra a mulher divorciada imperava. Assim a sua angústia se resumia em não conseguir ser ‘livre’ como desejava e nem conseguir se adequar ao papel de mãe zelosa, apesar de demonstrar muito amor pelo filho:

Desejava realmente estudar, conviver com meninas da minha idade, sentir-me protegida- e negavam-me este direito. Passei a morar em pensionatos de moças [...]. Sentia-me insegura e sozinha. Não estava em paz comigo mesma. Lembrava-me constantemente de meu filho, pesava a falta que lhe estava fazendo. Seria me dado o direito de voltar a estudar se já era mãe? Cesarion era uma criança muito afetiva. Sempre me amou mais do que a qualquer outra pessoa. Quando o deixei, mostrou-se desesperado, de forma surpreendente numa criança daquela idade. Tinha três anos. De manhã, vendo-me arrumar as malas, passou a perguntar-me se eu ia embora, insistiu que eu não fosse se pôs na porta á minha passagem, abraçou-me os joelhos, mamãe foi obrigada a segurá-lo a força, enquanto ele se debatia, chorava e pedia-me que não o deixasse. (CANÇADO, 1991, p.62).

Em uma das cartas que Maura enviou para sua amiga Brant ela expressa o sentimento que nutria pelo seu único filho Cesarion, sentimento este que ela não conseguia expressar de forma clara:

O Cesarion não sabe é que ao dizer-lhe: “Eu não gosto de você”, estou dizendo justamente o contrário. Gosto de você mas me sinto rejeitada, por isto te detesto. Mas não é ódio, Vera. É exatamente o contrário. Você entende, não? Sei que você entende. Voltei a falar de meus problemas, desculpe-me. É que sou de fato egoísta mas, sobretudo confio muito em você. É em quem mais eu confio e talvez

isto queira dizer: Só confio em você. Eu, sem dúvida, não quero trabalhar. Ou: Eu, sem dúvida, quero trabalhar. A ambivalência é a principal característica do neurótico e o que mais gera conflitos. É como sentir assim: quero correr, com uma força incrível e, ao mesmo tempo: quero ficar inerte, também com uma força incrível. Você já pensou a situação de um desgraçado deste? Pois sou uma desgraçada. Mas, agora, o instinto da vida, em mim, está mais aguçado. E, de certa forma, me sinto comprometida com você e o Cesarion. Devo trabalhar porque, afinal de contas, alguém acredita em mim. Se não sou capaz de acreditar, outros são. E esses outros são vocês dois. Ô Vera, eu gostaria tanto de fazer feliz o Cesarion! Mas gostaria tanto, mesmo. Você viu a peça de Arthur Müller “Depois da queda?”. A moça neurótica diz para seu marido: “Eu queria ser maravilhosa para você sentir orgulho de mim”.

Maura se compara a uma neurótica e, por vezes, sente-se desta forma, pois, conforme ela, o neurótico é alguém ambivalente: expressa uma coisa, porém quer dizer outra totalmente o contrário. A autora, apesar de não conviver com seu filho e não ser uma mãe ‘exemplar’, tanto na obra *Hospício é Deus* como nas cartas, ela demonstra muito carinho, e até mesmo remorso, por ter deixado Cesarion ainda pequeno com a avó do menino. Como se pode perceber no trecho a seguir:

Escrevia sempre para casa, mandava ricos presentes para o meu filho, maneira falsa de estar em paz com ele. Na verdade o que me levava a procurar minha família era talvez, um pouco de remorso: tudo tão inútil. Escrevia cartas desesperadas, cheias de indagações filosóficas. (Mamãe pedia para ser mais simples). (CANÇADO, 1991, p.65).

Em outro trecho de uma das cartas enviadas a Brant Maura afirma não conseguir conviver com seu filho Cesarion:

Você me achou triste na minha última carta. Eu já nem mais estava triste, Vera, eu estava arrasada, quase ruída. Foi, deveras, uma experiência quase mortal a de tentar coexistir com o Cesarion. Ele não tem o menor respeito humano por mim, tratava-me como a um ser muito inferior, menos do que a sua empregada. Quando você mandou aqueles cem mil cruzeiros, eu havia dito a ele para não aceitar, pois você trabalha muito, não seria justo. Naturalmente, ele fez o contrário. Ele acha que todo mundo deve ajudar-me – menos ele. Agora, por exemplo, tomo refeições em casa de amigos, jornalistas. São do Jornal do Brasil. O Cesarion sabe, mas não se constrange. Enfim, isto não tem importância. (CANÇADO, 1967, s/p).

A autora mostra a sua indignação quanto ao fato de estar sendo ajudada pelos amigos jornalistas e não por seu filho, porém como nas outras citações sobre seu filho a

autora demonstra sentimentos ambíguos, pois no mesmo instante que reclama, afirma que tal fato não tem importância, para proteger Cesarion.

No conto intitulado Pavana, da obra *O Sofredor do Ver* Maura se refere à sua experiência de ser mãe:

Uma mulher, não chegando a ser ela mesma atraiu-a de tal forma que a confusão gerou em seu espírito. Não conseguindo julgá-la com impiedade pareceu-lhe tão próxima que não a distinguiu mais de si. Acostumada a se ver distante, não se reconheceu naquela. Acompanhou-lhe os passos debruçada sobre o papel: “Apesar de nenhum gesto de aprovação antecipar seu aparecimento você veio. Cômico de seus direitos, se permitindo tudo que se permite em sua condição: choro, fome de três horas, exigência aos berros da mamadeira. Mesmo, apareceu de boquinha salpicada por pontinhos brancos, e vim a saber que você estava com sapinhos. Como em desafio chegou mais forte e bonito do que já vi até hoje em minha vida. Não que me achasse de todo descrente. Havia ( já não importa negar) a esperança de alguém brilhante, comovente ao senti-lo mover-se quando me deixava imolar nos momentos cruciais... Enquanto as cinturas me pareciam cada vez mais finas, os ventres chupados dentro das saias justas, meu corpo se arredondava expandindo-se polpudo: árvore, fruto, lassidão e fome. (CANÇADO, 1968, p.82).

No trecho anterior a autora descreve como o fato de ser mãe tão jovem e inesperadamente alterou sua vida para sempre, da confusão inicial por não saber exatamente como agir diante daquele novo ser e diante das mudanças do seu próprio corpo, a autora se sente extasiada diante da beleza e força de seu filho.

Mesmo quando estava internada no hospício a autora demonstra sentir afeto pelo filho:

Da janela do meu quarto vi um garoto parecido com meu filho. Jogava bola. A todo o momento eu voltava à janela, como fascinada. Em minha ficha de hospital está escrito que pareço amar muito meu filho. Talvez um dia possa contar-lhe coisas que por enquanto nem eu mesma sei. Preciso deixar de ser filha para ser mãe. E o filme que vi ontem? Lindo, lindo. Gostaria de manda-lo para Cesarion. (CANÇADO, 1991, p.67).

Maura afirma que sente muito amor pelo filho, pois até na sua ficha de internação estava escrito sobre este amor, porém no mesmo trecho a autora afirma não poder lhe falar de coisas que ainda não compreendia, além disso, ela exprime um

sentimento de culpa por não ter aprendido a ser mãe, era apenas filha, e queria compartilhar com seu filho os momentos bons vividos, mesmo no manicômio.

## 2.5 A relação de Maura com sua escritura

Maura já era escritora antes da sua internação no Hospital Gustavo Riedel, quando escreve seu diário, o qual mais tarde seria publicado como a obra *Hospício é Deus* de acordo com Scaramella a autora:

... Depois de gastar sua parte na herança do pai resolveu viver no Rio de Janeiro e escrever. No Rio, seus escritos chegaram até Assis Brasil o SDJB. Maura conviveu nesse ambiente de grande efervescência cultural publicando contos e colaborando no jornal, entre 1958 e 1961. (SCARAMELLA, 2010, p.3).

Isso mostra que antes, durante e depois da segunda internação no Hospital Gustavo Riedel, quando escreve o diário, Maura era e continuou sendo escritora. Sobre o referido diário em uma de suas cartas a autora demonstra o seu desejo que a referida obra fosse publicada:

Amanhã irei ao “Sol” tirar cópias dos contos. Domingo, ou hoje mesmo, começarei o “Imbecil”. Minha máquina está empenhada. Há dois editores dispostos a publicar meu Diário. Vou propor a um deles tirar a minha máquina do penhor, pois preciso passar um terço do Diário a limpo. O José Álvaro editor, ou o João Luiz Medeiros, que é o dono da Editora, não quer publicá-lo porque considera uma temeridade lançar um livro contendo nomes de pessoas tão em evidência em situações inglórias. Ele é burguês e muito comprometido. Mas vai publicar um livro de contos, meus. Estou copiando os contos do Reynaldo Jardim, que os tem. Será para breve. Eu gostaria muito de escrever crônicas. Vou fazer uma porção e mandar-lhe. Se você gostar, talvez consiga aí uma coluna para mim. (CANÇADO, 1967, s/p).

Maura estava à procura de editora e de editores. Um deles citado José Álvaro, dono de uma editora de igual nome foi quem publicou o seu diário em 1965. Porém, há uma contradição quanto às datas desta carta enviada a Brant, pois está datada como treze de outubro de mil novecentos e sessenta e sete, e o diário foi publicado em mil novecentos e

sessenta e cinco como já citei anteriormente. Quanto a esta contradição, talvez a autora tenha se confundido nas datas ou Brant misturou as cartas e trocou as datas. Estas são algumas hipóteses a serem consideradas.

Maura afirma que consegue fazer literatura de momentos difíceis e contraditórios em sua existência, porém quando não conseguia pôr no papel todos os sentimentos e angústias tinha comportamentos de ‘louca’. Em uma das cartas ela assim escreve: “Escrevi um conto, [...]. “Colisão ou Espelho Morto”. Nele eu consigo falar de minha visão do mundo e na dificuldade em nele existir. É para mim meu melhor conto. Vou escrever um conto juntando toda essa loucura e vai sair lindo, quer apostar?” (CANÇADO, 1967, s/p).

Maura afirma no trecho a seguir ter aprendido ler muito cedo, afirma também ser muito inteligente, este discurso sobre sua inteligência como se pôde ver no capítulo anterior foi repetido pelos pesquisadores e amigos quando falam da referida autora:

O hábito de ler muito desde a infância prestou-me grande ajuda. Naturalmente jamais me foi possível tolerar minhas colegas, que constituíam para mim sempre rivais. Reinara em minha casa durante toda a infância, aquela nova situação era-me insuportável. Continuei tímida, introvertida, incomunicável. Sentia ciúmes de outras meninas maiores, que tinham mais acesso às freiras. Fui salva ao descobrirem minha inteligência. Passei a desempenhar papéis nas peças de fim de ano, escrevia poesias, discursos, muitas vezes para serem lidos por alunas de classe bem mais adiantada. Ainda assim, me julgava um blefe (em casa, sim, me afirmava deveras. Papai lia para todas minhas cartas). Achavam-me bonita nos colégios. Não sei se teria sobrevivido caso este detalhe fosse ignorado-ou negado. Minha necessidade de afirmação de dava nas vinte e quatro horas do dia. Aquela competição anulava-me diante de mim mesma. Não foi jamais de o meu feitio competir. Nos primeiros anos de colégio esperava que algum fenômeno se desse comigo (e me elevasse acima do comum), como voar, ou praticar milagres. Não seria, ou podia vir a ser santa (CANÇADO, 1991, p.22).

Maura se contradiz no trecho citado anteriormente ao afirmar que não gostava de competições, mas por outro lado afirma que sempre gostou de ser destaque entre as demais garotas de sua idade tanto por sua beleza quanto por sua inteligência que ela fazia questão de exaltar. O seu gosto pela leitura e pela escrita continuou a existir durante o período em que esteve internada no manicômio, ela afirmava que a sua escrita era o que de mais importante possuía:

Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas-depois rasgo a metade, respeitando apenas, quase sempre, aquelas em que registro fatos ou minhas relações com as pessoas. Justamente nestas relações está contida toda minha pobreza e superficialidade. Não sei como alguém, como eu, pode reagir da forma com que faço. Será deveras lastimável se este diário for publicado. Não é, absolutamente, um diário íntimo, mas tão apenas o diário de uma hospiciada, sem sentir-se com direito a escrever as enormidades que pensa suas belezas, suas verdades. Seria verdadeiramente escandaloso meu diário íntimo- até para mim mesma, porquanto sou multivalente, não me reconheço de uma página para outra. Prefiro guardar minhas verdades, não pô-las no papel. (CANÇADO, 1965, p. 122).

Conforme Foucault a construção da subjetividade do sujeito se baseia nas técnicas por meio das quais os homens, trabalhando a relação que os liga a si mesmos, se produzem e se transformam: no curso de sua história, os homens e mulheres jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que não nos colocam jamais diante de alguma coisa que seria o homem. (REVEL, 2002).

Outro ponto importante a se destacar é que suas escritas não ficaram retidas no manicômio como acontecia com muitos internos, possivelmente o fato de ser escritora fez com tais discursos em forma de narrativas tivessem uma circularidade maior, sendo até mesmo publicada em forma de livro.

Maura afirmava que em suas escritas ficavam impressas suas representações acerca das relações travadas no manicômio e que ocultava outras por prever um escândalo se caso escrevesse tudo o que pensava acerca de si, das suas relações com as internas, com os psiquiatras, enfim das suas percepções e representações acerca daquele espaço onde ela se encontrava o hospital psiquiátrico.

Conforme Artières, o arquivamento do eu é uma prática plural e incessante. Neste sentido, quando Maura escreve seu diário ela redige várias autobiografias. Pois não arquivamos nossas vidas de uma vez por todas. “Incessantemente, até o último momento, nossos arquivos estão sendo refeitos. Nossas intenções mudam em função de fatores pessoais, mas também externos.” (ARTIÉRES, p.31). Assim, o que pode ter ocorrido é que se inicialmente Maura não tinha intenção de publicar a sua obra em algum momento o qual não podemos afirmar com exatidão quando, isto ocorreu passou a ter tal intenção. Assim ao escrever a autora não apresenta apenas uma versão de si, são versões que se alteram no

decorrer da escrita, isto ocorre não somente pela sua subjetividade, por sua vontade própria, mas também por fatores externos conforme afirma Artéres, pois ao escrever Maura está pensando no possível leitor, por isso ela escolhe o que deve apresentar a este, e outras que ela supõe causem escândalo, a autora elimina do seu diário.

Artiéres destaca ainda que todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por alguma razão, se entrega ao exercício de escrever sobre si, seja em forma de um diário, livros ou pequenas anotações por vezes deixadas esquecidas em um canto qualquer. Ressalta também que “o arquivamento do eu não é, de forma alguma, uma prática neutra, pois é, muitas vezes, a única ocasião de um indivíduo se fazer ver como ele gostaria de ser visto pelos demais.” (ARTIÉRES, 1998, p.31).

Segundo o mesmo autor,

...arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo é reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Pois, “arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo”. (ARTIÉRES, 1998, p.31).

No trecho a seguir escrito por Maura Lopes Cançado na obra *Hospício é Deus*, ela expressa a sua preocupação quanto à eficácia e força de sua própria escrita:

Aqui estou de novo nesta “cidade triste”, é daqui que escrevo. Não sei se rasgarei estas páginas, se as darei ao médico, se as guardarei para serem lidas mais tarde. Não sei se tem algum valor. Ignoro se tem algum valor, ainda no sofrimento. Sou uma que veio voluntariamente para esta cidade, talvez seja a única diferença. Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio. Dizem que escrevo bem. Não sei. Muitas internadas escrevem. O que escrevem não chega a ninguém, parecem fazê-lo para elas mesmas. Jamais consegui entender-lhes as mensagens. Isto talvez não tenha a menor importância. Mas e eu: Serei obrigada a repetir sempre que não sei: é verdade: “NÃO SEI”. Estou no Hospício. O desconhecimento me cerca por todos os lados. Percebo uma barreira em minha frente que não me deixa ir além de mim mesma. Há nisto tudo um grande erro. Um erro: De quem: Não sei. Mas de quem quer que seja, ainda que meu não poderei perdoar. É terrível, deus. Terrível. (CANÇADO, 1965, p.31, 32).

De acordo com Artiéres, estudar a constituição pessoal de arquivos de vida é nesse sentido "exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e

manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância.” (ARTIÉRES, 1998, p.10). A rede de uma anti disciplina, ou seja, práticas de resistência sutis, mas que poderão adquirir mais tarde outro sentido, mais complexo. Entende-se por resistência, não a resistência ‘dura’ que vai de encontro ao poder manicomial, mas que resiste com pequenos gestos, como na escrita, por exemplo, mas que não é totalmente radical a ele muitas vezes se conforma com este como se pode perceber em algumas passagens do próprio diário de Maura e em outros momentos há uma denúncia mais severa como no trecho citado anteriormente.

Artiéres destaca ainda que,

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (ARTIÉRES, 1998, p.11).

Além de perceber a escrita de Maura como um processo de subjetivação e de resistência conforme formula Artiéres (1998), neste mesmo trecho da obra *Hospício é Deus* citado anteriormente, pode-se perceber também a situação diferenciada de Maura em relação às pacientes, ou seja, ela veio a se internar por livre e espontânea vontade o que não acontecia com as demais internas. Além disso, por ser escritora, suas escritas poderiam levar mensagens mais “compreensíveis” do manicômio onde se encontrava que ela chama de “mundo sombrio”, pois segundo a mesma, muitas internas escreviam, mas não para serem lidos, pois suas anotações eram para si mesmas e suas mensagens eram “incompreensíveis”. E a sua escrita é uma das poucas formas de romper a barreira que existia entre os “loucos” e o mundo fora do manicômio.

No trecho a seguir Maura reflete sobre a sua condição de interna manicomial:

Estranha a minha situação no hospital. Pareço ter rompido completamente com o passado, tudo começa do instante em que vesti este uniforme amorfo, ou, depois disto nada existindo- a não ser uma pausa branca e muda. Estou aqui e sou. É a única afirmativa, calada e neutra como os corredores longos. Ou não sou e estou aqui? - Cada momento existe independente, tal colcha formada de retalhos diferentes: os quadradinhos sofrem alteração, se observados isolados. Entanto, formam um todo. Agora escrevo. Antes fui ao banheiro, abri a torneira da pia e tomei água. Eu tomava água. Deitada, olhei longamente o quadrado branco do teto. O teto branco quadrado. De manhã bem cedo virei-me na cama, lenta: um momento. Mantive-me atenta e quieta durante muito tempo- olhos bem abertos. No corredor a guarda gritava com as mulheres. A guarda gritava. (CANÇADO, 1991, p.32).

Neste trecho a autora estabelece uma dobra sobre si mesma, processo de subjetivação conforme Foucault (2002), ela se questiona, se analisa, se reinventa percebe como o fato de estar internada alterou significativamente sua vida e a forma de entendê-la, bem como as suas atitudes, inclusive a própria escrita. No trecho anterior a autora analisa como sua vida foi transformada, ela percebe um rompimento com o seu passado, mas apesar de perceber os acontecimentos como quadradinhos separados, segundo ela estes formam um todo. Assim mesmo afirmando ter rompido com o passado Maura tenta estabelecer uma linearidade para sua existência, quiça para não perder-se de um todo naquele espaço 'branco e enigmático', ou seja, o manicômio que tornara-se sua nova morada.

## CAPÍTULO III

### DISCURSOS DE MAURA LOPES CAÑADO SOBRE A PSIQUIATRIA NO BRASIL

Neste capítulo os discursos de Maura presentes na obra *Hospício é Deus* são tomadas como um testemunho, discursos de alguém que viveu a experiência do internamento e deixou escritas sobre este suas impressões, sua forma de ver e entender aquele espaço. Tais escritas se podem considerar raridades, pois foram poucos os internos que tiveram suas escritas conservadas por muito tempo e mais raros ainda são os que puderam publicar, como é caso de Maura Lopes Cañado. O texto de Maura oferece elementos para nossa compreensão da configuração da assistência psiquiátrica nos anos finais da década de 50. Contraposto a outros discursos, através de uma bibliografia de referência sobre este tema, é uma forma de ampliar o conhecimento sobre relações e configurações, comumente descritas por discursos hegemônicos sobre a loucura, as instituições, as políticas, como as do saber psiquiátrico, do direito, dos representantes do Estado, entre outros.

#### 3.1 A organização da Assistência Psiquiátrica no Rio de Janeiro e o Hospital Gustavo Riedel

Maura apresenta e reflete sobre a condição dos internos. Ela retrata de maneira metafórica a situação dela e das outras loucas como seres despidos de direitos, descaso que fere a sua dignidade, e assim mostra como entende e percebe aquele espaço, do manicômio e as relações nele travadas:

Estou de novo aqui, e isto é. -Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? Dói. Será por isto que venho? – estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulos, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, súbitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é deus. (CANÇADO, 1979, p. 37-8).

O hospício a que Maura se refere é o Hospital Gustavo Riedel, onde ela se encontra internada pela segunda vez. A autora apresenta, metaforicamente, a sensação de estar internada, tenta buscar uma definição para o significado da palavra hospício, denomina o manicômio como ‘ deus, ’ por ser um lugar que lhe causa dor (branco infinito), onde até mesmo o coração das pessoas é controlado ‘arrancado’, mas mesmo assim ela procura, talvez como um refúgio para si, um ‘lugar para si.’

Esta interpretação se inspira em alguns trabalhos, tais como o de Wadi (2004), a qual a partir da análise das cartas de Pierina uma mulher internada no Hospício São Pedro de Porto Alegre, entre 1909 e 1911, mostra que alguns internos tais como a própria Pierina percebiam o manicômio como um lugar para si e não totalmente opressor. Em sua tese Borges (2010), ao analisar os discursos de e sobre Bispo do Rosário, entende também que possivelmente Bispo tenha encontrado no hospício um lugar para si, pois a instituição manicomial tanto para Pierina, como para Bispo e também para Maura não limitou totalmente suas ações, isto possibilitou que este espaço se tornasse um refúgio, um porto seguro como define Borges (2010), que outros lugares (instituições) não podiam oferecer naquele momento da vida dos referidos internos.

Sobre a loucura e sobre os loucos, Maura busca uma compreensão, uma definição, o que se percebe é que ela possui sentimentos paradoxais em relação a ambos:

O que me assombra na loucura é a distância-os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo, possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. Diante da morte não sabia para onde voltar-me: inelutável, decisiva. Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte: cava, subterrânea, desintegração, fim. [...] O louco é divino na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno. (CANÇADO, 1991, 26).

Conforme Maura a loucura e os loucos possuem a marca da eternidade e isto assusta a autora, mas ao mesmo tempo a fascina, pois apesar do esquecimento que amedronta há também um sentimento de divindade, de eternidade e liberdade que, conforme Maura, somente os loucos podem sentir:

Sim, digo para mim mesma- má e sem sofrimento- o refeitório de loucas. Mas sim, por que não dizer? E meus lábios gastos se contraem num ríctus, que não é dor, mas de quase maldade. Aqui estamos nesta sarabanda alucinada. Nós, mulheres, despojadas, sem ontem nem amanhã, tão livres que nos despimos quando queremos. [...]. Nós, mulheres soltas, que rimos doidas por trás das grades- em excesso de liberdade. (CANÇADO, 1991, p.26).

A liberdade que Maura tanto buscava a qual foi negada por toda uma sociedade que não aceitava certas 'atitudes' para as mulheres, negando o direito de fazer suas próprias escolhas, Maura encontrou no hospício, que mesmo atrás das grades era mais livre do que quando estava longe dali, e ela afirma isto com um jeito irônico, quase maldoso, questionando o poder que havia naquele período em sua sociedade entre os gêneros, no qual a mulher era reprimida em seus sentimentos e em suas ações. No manicômio de certa forma este poder não as alcançava, pois afinal de contas podiam até mesmo se despir, pois eram 'loucas'.

Oliveira (2008) afirma que no Brasil na década de 50 continuava-se a acreditar que ser mãe e dona de casa constituía o destino fundamental das mulheres. As filhas de classe média eram educadas para o casamento, consumindo uma série de discursos

destinados a moldar a imagem da mulher ideal como delicada, submissa ao homem, bela e devotada à maternidade.

Oliveira cita um trecho de uma revista de grande circulação no referido período, (ela não cita o nome desta revista):

... lugar de mulher é o lar a tentativa da mulher moderna de viver como um homem durante o dia e como uma mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destroçados. Felizmente, porém a ambição da maioria das mulheres ainda continua a ser o casamento e a família. Muitas no entanto, almejavam levar uma vida dupla no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que frequentemente as leva a um eventual repúdio de seu papel feminino. Procura ser à noite, esposa e mãe perfeitas e funcionária exemplar durante o dia, requer um esforço excessivo, o resultado é geralmente a confusão e a tensão reinante no lar, em prejuízo dos filhos e da família. (BASSANEZI In: DEL PRIORE, 2002, apud OLIVEIRA, 2008, p.92).

É interessante observar como o discurso machista propagado pela revista da época, usava do recurso persuasivo de forma a suavizar a diferença entre os gêneros, ao afirmar qual era o tipo ideal de mulher, qual era o seu ‘papel’ a ser cumprido na sociedade e condenando as que trabalhavam fora do lar, pois de acordo com este discurso a mulher deveria ser protegida, não ter que se sacrificar a ser mãe, mulher e profissional ao mesmo tempo, pois isto seria muito desgastante para elas e assim além da família elas mesmas sofreriam com uma sobrecarga de funções. Maura destoava deste ‘ideal’ de mãe e mulher e sofria suas consequências, pois a sociedade não aceitava uma mulher divorciada, mãe que não cuidava diretamente de seu filho e, além disso, profissional, escritora.

A partir da década de 1940, a assistência psiquiátrica no Rio de Janeiro, então capital federal, foi centralizada em um único órgão, o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM). Este serviço havia sido criado pelo governo federal pelo decreto-lei de 2 de abril de 1941, sendo composto por órgãos centrais e locais. Mas somente o decreto no. 17.185, assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema, no dia 18 de novembro de 1944, aprovou o regimento do SNDM do Departamento de Saúde do Ministério da Saúde. Nesse decreto o SNDM tinha no centro as seções de administração e de cooperação e como órgãos locais o Centro Psiquiátrico Nacional (CPN), a Colônia Juliano Moreira (CJM) e o Manicômio Judiciário (MJ). Em 1944, o CPN compreendia o Bloco médico-cirúrgico, o

Instituto de Psiquiatria, o Hospital Pedro II, o Hospital Gustavo Riedel, o Hospital Neuropsiquiátrico Infantil, o Hospital de Neurosífilis, entre outras unidades. (DIAS, 2003).

Conforme o *Guia de fontes e catálogo de acervos e instituições para pesquisas em saúde mental e assistência psiquiátrica no Estado do Rio de Janeiro*/ Fundação Oswaldo Cruz (2004):

O centro Psiquiátrico Pedro II foi criado em 1911 como Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, destinada a receber principalmente as alienadas indigentes que não poderiam ser internadas no Hospício Nacional de Alienados. Este último que havia sido criado por D. Pedro II em 1841 e inaugurado em 1852, na Praia Vermelha, e que originalmente denominava-se Hospício de Pedro II, foi transferido para o bairro de Engenho de Dentro em 1944, a partir da ampliação e reforma da antiga Colônia de Alienados, passando a denominar-se Centro Psiquiátrico Nacional e, posteriormente Centro Psiquiátrico Pedro II. Em 2001 recebeu o nome de Instituto Municipal Nise da Silveira. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2004).

Constituído por seis estabelecimentos hospitalares e seções especializadas, o CPN tendia desde a sua criação, a ampliar suas atividades:

Era composto na segunda metade da década de 1950, por 14 seções para alojamentos de doentes mentais, uma seção para tratamento ambulatorial dos pacientes egressos, gabinete dentário, várias dependências médico-administrativas, uma secretaria e uma portaria. Conforme já descrito, tinha como competência receber, sob o regime de internação mista, para observação e tratamento, psicopatas de ambos os sexos, com perturbações mentais agudas. (BRAGA, 2013, p.125).

Conforme o mesmo autor, o IP, órgão de internação para todos os hospitais públicos destinados a psicopatas na cidade, onde eram feitas as admissões e triagens, tinha a competência de receber os doentes, observá-los e tratá-los imediatamente, transferindo-os posteriormente aos diversos órgãos do CPN, ou diretamente para a Colônia Juliano Moreira, conforme o caso. (BRAGA, 2013).

Além de escrever sobre os hospitais nos quais esteve internada, especialmente sobre o Gustavo Riedel, Maura teceu comentários em seu diário sobre outras instituições como a Colônia Juliano Moreira, de qual possuía uma visão completamente negativa

daquele espaço manicomial, se referindo como um lugar terrível, lugar onde maltratavam os doentes, inclusive espancando-os:

A Colônia Juliano Moreira, para onde vão os casos incuráveis, é o terror das internadas. Ficam em Jacarepaguá e contam atrocidades acontecidas lá. Algumas guardas daqui trabalharam na Colônia. Elas dizem que é preferível morrer. Cercada de matas espessas, as doentes fugitivas são comidas por animais ferozes, contam. Composta por vários hospitais- homens e mulheres- velhos, imundos, comida infame, camas sujas com percevejos e outros bichos, muitas doentes dormem no chão- sobretudo apanham muito. [...]. (CANÇADO, 1991, p.57).

Segundo Braga (2013), a Colônia Juliano Moreira, servia como uma válvula de escape natural e regimental do CPN, pois era para este local que eram transferidos os doentes crônicos, (sem cura). Talvez seja esta uma das causas do temor tão grande de Maura em ir para a Colônia. Caso a Colônia apresentasse um quadro de superlotação ou déficit grave de profissionais técnicos, poderia impossibilitar a transferência de doentes crônicos do CPN, como ocorreu em 1957. Tal fato acarretaria por consequência na sua superlotação ou na impossibilidade de realizar novas admissões no complexo hospitalar-psiquiátrico do Engenho de Dentro, prejudicando diretamente o trabalho do IP e dos órgãos que atendiam aos sub agudos (HGR) e agudos (HP II), que observariam a cronificação de seus pacientes, e estes misturando-se aos agudos, prejudicaria, sobremaneira, as ações terapêuticas. (BRAGA, 2013).

O relato de Maura indica que muitas vezes o fato de ir para a Colônia era usado como ameaça pelos próprios funcionários do CPN para controlar as pacientes, como se pode perceber no relato a seguir:

-Maria Lúcia vai agora para a Colônia Juliano Moreira. Fiquei lívida. Que homem hipócrita. Ainda ontem pareceu ouvir-me com tanto interesse quando falei-lhe dela. Colônia que horror. Todas as doentes a temem ficam boazinhas se ameaçadas de transferência para lá. É para onde vão os casos crônicos, de onde não se volta. (CANÇADO, 1991, p.89).

No trecho anterior Maura demonstra ter intercedido por outra interna, em outros trechos ela afirma também que geralmente intercede por outras internas, que segundo ela não eram ouvidas por serem consideradas dementes e não conseguirem se expressarem

como a autora conseguia, por ser mais instruída e por ter algumas regalias junto aos médicos do manicômio.

Em outro trecho a autora destaca novamente os ‘absurdos’ que conforme ela acreditava ocorriam na Colônia Juliano Moreira:

[...]. Não se faz tratamento nas doentes por se considerá-las irrecuperáveis. Várias aparecem grávidas, os pais das crianças são geralmente os próprios funcionários. Dona Mercedes trabalhou lá. Contou-nos coisas escabrosas. Fico gelada: dona Júlia já indicou-me como irrecuperável. Dona Dalmatie não compreende minha sorte em não ser transferida, pois dona Júlia consegue sempre o que deseja. (CANÇADO, 1991, p.57).

Tudo o que Maura afirmava sobre a Colônia era de relatos de funcionárias que lá haviam trabalhado. Além disso, se pode perceber que a autora possuía um tratamento diferenciado, certa ‘proteção’ possivelmente por ser escritora, pois apesar de ser indicada pela enfermeira Júlia, que possuía influência no hospital para ser transferida para a Colônia Juliano Moreira como irrecuperável, nunca fora transferida para lá.

O Hospital Gustavo Riedel (HGR), no qual Maura estava internada pela segunda vez quando escreve o diário, fazia parte do Centro Psiquiátrico Nacional. O Hospital Gustavo Riedel, era destinado à internação mista, realizava exames e tratamentos aos doentes mentais em estado subagudo, inclusive os enviados pelas instituições de previdência, sendo “composto por seções e enfermarias para ambos os sexos, serviço de terapêutica ocupacional, gabinete dentário e outras dependências médico administrativas, além de uma Zeladoria.” (BRAGA, 2013, p.125).

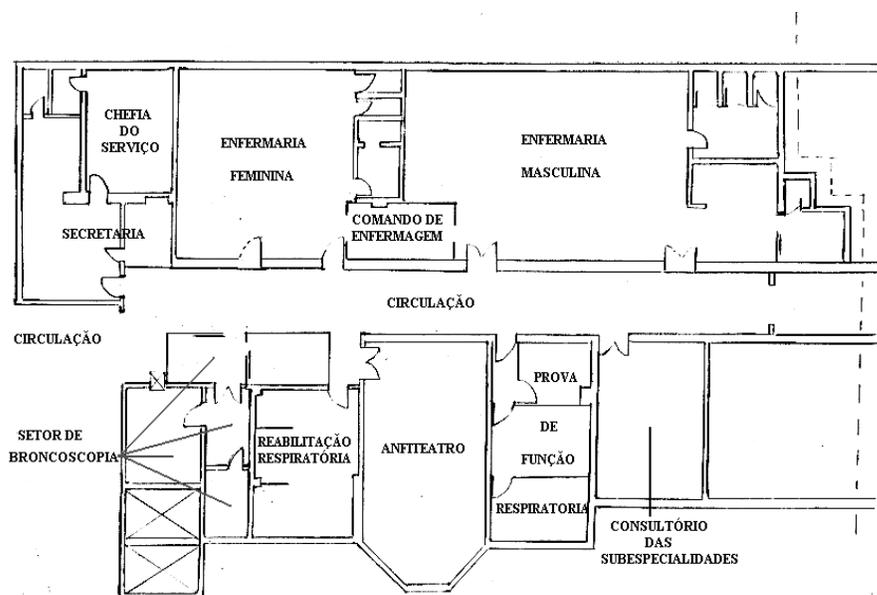
De acordo com o mesmo autor:

Sua lógica assistencial [...], determinava que cada indivíduo ao dar entrada no Centro Psiquiátrico Nacional era encaminhado primeiramente ao Instituto de Psiquiatria, uma espécie de pronto socorro psiquiátrico, ou aos ambulatórios de Higiene Mental. Ao todo eram cinco ambulatórios espalhados pela cidade, os quais apresentavam um modelo híbrido de funcionamento, contemplando ações de prevenção ao realizar serviços de higiene mental no Distrito Federal; pesquisas em colaboração com a Seção de Cooperação e os órgãos federais de ensino da psiquiatria sobre as causas das doenças nervosas e mentais, com objetivos sociais e eugênicos; e prestavam assistência, ao observar, examinar e tratar os recém-chegados e egressos, ou mesmo realizando a triagem para outra unidade dentro do próprio CPN logo após a identificação de sua moléstia. A partir daí, o paciente

poderia ter um dentre vários possíveis destinos no próprio CPN: se a sua moléstia fosse derivada da sífilis era encaminhado para o ambulatório de Neuro-Sífilis (AHM-NS) ou ao Hospital de Neuro-Sífilis, que tinha como função o tratamento, a profilaxia e a realização de estudos e pesquisas no domínio das doenças nervosas e mentais causadas pela sífilis. (BRAGA, s/p).

Para os casos subagudos o destino era para o referido hospital, sob o regime de internação mista, onde os pacientes eram examinados e tratados. Entretanto, o HGR durante o ano de 1957, detinha sob seus cuidados 250 enfermos crônicos, antigos pacientes do Hospital da Praia Vermelha.

**Figura 3 - Estrutura interna do hospital Gustavo Riedel**



22

<sup>22</sup> Esta imagem mostra a estrutura interna do hospital Gustavo Riedel logo após a sua construção está disponível em:

[https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+centro+psiquiatrico+nacional+gustavo+riedel&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r\\_FWUoDLMtKyygH5v4D4BQ&ved=0CAkQ\\_AUoAQ&biw=1440&b775&dpr=1#im](https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+centro+psiquiatrico+nacional+gustavo+riedel&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r_FWUoDLMtKyygH5v4D4BQ&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1440&b775&dpr=1#im). Acesso em 10 de outubro de 2013.

Na imagem acima se pode observar a organização interna do Hospital Gustavo Riedel em 1944, importante para compreender as referências feitas por Maura às instalações, como na passagem abaixo:

O hospício é árido e atentamente acordado. Em cada canto, olhos côm de rosa e frios espiam sem piscar. Os dias neutros. As tardes opacas, vazia, quando um ruído assusta, como vida, surgida rápida, logo apagada – extinta. As mulheres prêsas no pátio deixam as seções quase sempre vazias; poucas permanecem, como eu, aqui dentro o dia todo. Não freqüento o pátio e isto me dá, ainda aqui, e usando o uniforme do hospital, a sensação de estar à margem. Algumas mulheres sonâmbulas andam vagas pelos corredores cinzentos. Outras sentadas no cimento fresco olham nada, perdendo-se em distancias incomensuráveis – brancas (CANÇADO, 1979, p. 105).

Os dormitórios vazios e impessoais são cemitérios, onde se guardam passado e futuro de tantas vidas. Cemitérios sem flor e sem piedade: cada leito mudo é um túmulo, e eu existo entre o céu esta demência calada (CANÇADO, 1979, p.106). A hora do almoço o refeitório vibra, frenético e nauseante. Uma, rasgada, dança com o prato na cabeça. Outra come ávida, mastigando de boca aberta, gordura escorrendo-lhe pelo queixo. Falam, cantam, brigam, riem. A guarda grita. As mulheres por um instante mantêm-se assustadas e despertas; logo recaem no sono lerdo – movimentado e denso onde vozes brotam pesadas, cheias de esquecimento. O refeitório sacudido sustenta-se fantástico. Me movo longínqua, tragada pela irreabilidade que a todas confunde (CANÇADO, 1979, p. 106-7).

Assim como Lima Barreto, que ao registrar sua experiência de internação no Hospital Nacional de Alienados, denominou-o de cemitério dos vivos. (HIDALGO, 2007, p.7), Maura também percebeu o hospício como um cemitério, onde o esquecimento e a inércia mantêm as internas cada vez mais distantes da realidade e mais próximas do silêncio da morte que prevalece na maior parte do tempo naquele lugar.

A autora afirma não descer ao pátio juntamente com as demais internas. Se o pátio era um lugar temido e Maura poucas vezes ia lá provavelmente possuía certos privilégios em relação às demais doentes. Talvez por possuir amigos influentes que vinham em sua defesa, sendo que as outras muitas vezes eram esquecidas pela própria família, ou porque ela não estava ‘louca’ como as demais e assim se sentia à margem, pois nem ali conseguia se identificar com as demais pessoas, se integrar totalmente naquele microsso.

Em outro trecho, em um tom de denúncia a autora afirma que os loucos não deveriam ser esquecidos nos pátios, e mesmo os médicos deveriam expor às demais pessoas as situações vivenciadas pelas internas, além disso, Maura acredita que a sociedade

(humanidade) seria a responsável pela loucura das pessoas, por isso deve-se lutar contra as causas de enlouquecimento e mesmo contra o tratamento e esquecimento imposto à aqueles que enlouquecem.

Não continuarei. Sairei louca gritando. Até quando haverá pátiós? Mulheres nuas, mulheres vestidas- mulheres. Estando no pátio não faz diferença. Mas esta mulher rasgada, muda, estranha, um dia teria sido beijada. Talvez um bebê lhe sorrisse e ela o tomasse no colo, por que não? Não aceito nem compreendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátiós dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade lutando contra ela. (CANÇADO, 1991, p.147).

Maura descreve também a organização hierárquica do Hospital Gustavo Riedel:

Mas eis o que concluí: naturalmente o hospital conta com um diretor, autoridade máxima de quem se ouve falar raramente. A pessoa que fala aguça o corpo e se arma de uma dignidade terrível: “- O diretor quer assim. Ordens do diretor”. Sôa cavo, ameaçador. Ameaçador, cavo e terrível vão por conta de quem fala, arauto do rei. As doentes, não o conhecendo, não chegam a temê-lo – e nenhuma lhe quer bem. Funcionarias se referem a êle com leviandade, dando passinhos engraçados, ao som das músicas do alto-falante e gingando os corpos mal feitos dentro do avental branco. As internadas, quase todas, duvidam um pouco da sua existência: “- Diretor? Quem é êle? É dr. J? Não? Então, é dr. A?” Mesmo quando dona Júlia quer se mostrar muito assanhada e importante: “- O diretor quer assim”, as doentes se encolhem medrosas: “- Dona Júlia quer assim”. Já falei três vêzes com êle. Na segunda vez em que estive internada, falei-lhe uma vez depois de várias tentativas. Inclusive fui nua a seu gabinete. Queria protestar pelos maus tratos que me faziam. Não consegui. Quando falei-lhe foi bem tempestuoso, ainda mais que eu contava com a presença de Carlos Fontes de Almeida (quase médico e poeta, amigo meu), para quem telefonara na véspera, depois de fugir daqui. (CANÇADO, 1979, p. 126-7).

Maura apresenta a hierarquização do Hospital Gustavo Riedel, como tudo era estruturado. Nas palavras de Foucault (2012), redes de poder, micro poderes, distribuídos desde o diretor, médicos, guardas, exercendo poder sobre as doentes. Porém, este poder não era absoluto, as internas apresentavam resistência, burlando muitas vezes a ordem, o tratamento ou evadindo- se do manicômio sem permissão dos psiquiatras, como acontecia com a própria autora.

Conforme Foucault:

A vigilância hierárquica organiza-se como um poder múltiplo, automático e anônimo (...) seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados (...) funciona como uma máquina (...) é o aparelho inteiro que produz “poder” e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (Foucault, 1999, p.148).

Vale ressaltar que as redes de poder não são apenas exercidas pelos médicos e funcionários do hospital, pois o poder circula também entre os pacientes, o poder se manifesta também através de diversas atitudes dos internos, tais como: fugas, aparecer na sala do diretor, escrever cartas publicar livros como a própria Maura o fez, neste sentido se pode afirmar que o poder também é exercido através e pelos pacientes.

Maura afirma que o doente mental ainda não desvencilhado do mundo lá de fora, sofre e quando maltratado reage. Neste trecho Maura contradiz passagens anteriores quando referiu-se a loucura como uma forma de total ‘liberdade’ e desapego e até mesmo como divina por ser ‘eterna’. Aqui a autora demonstra que o maior medo dos doentes mentais é ‘enlouquecer’ e perder sua própria identidade, sua subjetividade, por isso que muitos se apegam ao passado como referência para sua vida e como compreensão e constituição de seu próprio eu.

### 3.2 Os psiquiatras e as práticas terapêuticas no Gustavo Riedel

Em algumas passagens da obra, Maura traz suas interpretações e impressões dos psiquiatras e das práticas terapêuticas por eles trabalhadas, no Hospital Gustavo Riedel, no período em que ela estava internada:

Conheci o médico e hoje falei com ele pela terceira vez. O tratamento que me faz tem o nome de psicoterapia. Não sei ainda quem é este homem de boas maneiras que me analisa. Preciso ganhar sua confiança. Deve estar tentando o mesmo comigo. Quando entrei a primeira vez no consultório disse-me: “- Estou às suas ordens”. Achei-o sofisticado, olhei-o com ironia e respondi: “- Sou eu quem está as suas ordens.” Ele ignora que manjo um pouco de psicanálise, já comecei um

tratamento com outro médico e a primeira frase que ouvi foi esta: “- Estou as suas ordens”. Doutor A. deve estar muito prevenido contra mim. Fiz e sofri misérias, aqui dentro [...]. Ele é correto e cerimonioso. Mostro-me petulante e cínica. [...]. Preciso desarmar-me, ficar curada, deixar para sempre o hospital. (CANÇADO, 1991, p.31).

Aqui, Maura demonstra entender sobre os tratamentos ministrados naquele manicômio, pois, como ela relata, não é apenas o médico psiquiatra que a analisa, mas ela também o analisa. Ela está consciente de sua rebeldia, e sente que precisa se desarmar para que o tratamento psicoterápico<sup>23</sup> faça o efeito desejado por ambos, para que ela, curada, possa então sair do hospital.

Se em alguns momentos Maura acredita na eficácia do tratamento em outros momentos ela demonstra não acreditar ou mesmo não precisar dele, como se pode perceber, neste trecho quando ela traz suas impressões sobre a psicanálise e o seu psicanalista doutor A:

Qualquer reação se estamos diante de um analista (ou com pretensões a), é sintomática, reveladora de conflitos íntimos, ponto de partida para as mais variadas interpretações. Em se tratando de simbologia, somos traídos a cada instante (ignoro se sobra algum prazer na vida para estes interpretativos analistas). Jamais expressamos a verdade- que passa por caminhos sinuosos, apenas conhecidos do “monstro” à nossa frente, o analista, único que não se deixa enganar. Em relação ao sexo a coisa é um desastre: lápis, caneta, dedo, nariz, são símbolos fálicos. É irritante: tenho o inocente hábito de estar sempre com um dedo ou lápis na boca. Não compreendo como um simples lápis. -Mas o tal de analista compreende. E julga flagrar-nos quando fazemos observações puras e autênticas. O tal de analista sabe. Uhhhhhhhhhhhh! Diante das denúncias que nos são feitas procuramos burlar o médico, confundí-lo, anarquizá-lo. Assim passamos a analisa-lo, colocando-nos em guarda (dizem chamar isto Resistência). Eu me vejo em ação: busco sem piedade os pontos vulneráveis do homem a minha frente. Sim, antes de mais nada considero-o um homem. Me encara com desconfiança. Não sei se é natural. Procura com obstinação se afirmar perante mim, percebo. Deve saber que sou muito inteligente. Ainda não pode ser chamado de Psicanalista, ele disse, porque está em formação psicanalítica. Isto quer dizer: estamos ambos sendo submetidos a tratamento. [...]. Sou demais deficiente, mas não sei até onde isto me incomoda. Faz parte quem sabe da minha maneira de ser. O senhor é a pessoa que no momento me preocupa. Assim está sendo e sou obstinada. Julgo-me demais vaidosa para admitir-me uma derrota. Francamente, se posso usar essa expressão uma vez na vida, não me interessa sua

---

<sup>23</sup> Sobre o tratamento psicoterápico Silva destaca que enquanto a medicação neuroléptica pode reduzir os sintomas positivos e prevenir recaídas psicóticas, o apoio psicoterapêutico e o treinamento de estratégias de enfrentamento e manejo de situações de vida ajudam o paciente a adaptar-se ao ambiente e a enfrentar o estresse, sendo que as intervenções familiares e sócio profissionais modificam fatores ambientais de acordo com a capacidade do paciente. (SILVA, 2006).

capacidade de analista. Não creio nela, ou, prescindindo dela. (CANÇADO, 1991, p.38).

O que se percebe na fala de Maura é ao saber que está sendo analisada até mesmo nos pequenos gestos e na sua fala, ela busca confundi-lo, resistir ao analista. “Assim jogando com as palavras, os pacientes pareciam, em certos momentos, ter por objetivo seduzir, captar, ou inverter a posição linguística do destinatário.” (DE CERTEAU, 2003, apud BORGES, 2007, p. 143).

Em outra passagem Maura descreve o que realmente busca em um médico:

[...] Quando juntos no consultório somos, um para o outro, as mais importantes criaturas do mundo. Se pudesse encará-lo como médico. Tenho grande curiosidade pelo que me diz respeito- como se fosse cega. Doutor A. carece de magia. Todo médico precisa impor-se, apresentando-nos, embora falsa, sua presença mágica. Isto nos torna crédulos e ainda mentirosos. Doutor Castro era belo, parecia seguro de si e possuía magia. (CANÇADO, 1991, p.39).

Nesta fala, Maura demonstra estar ciente da imperfeição dos psiquiatras, mesmo assim o que ela buscava neles era a segurança, uma voz autorizada de que o tratamento seria eficaz, e para isso o médico deveria impor-se, mostrar autoridade, o que ela não sentia em doutor A., como outrora havia percebido em doutor Castro. Isso demonstra que Maura percebia que a ciência psiquiátrica, representada na figura do médico, tinha imperfeições, mas apesar disso a ‘magia’ de ser uma voz autorizada a seduzia e lhe dava segurança como nenhuma outra instituição lhe poderia dar naquele momento, fosse familiar ou profissional.

Conforme Dias, há uma ênfase na época em que Maura esteve internada, e muitas vezes um entusiasmo, que envolvia os psiquiatras com relação aos métodos biológicos, notadamente a insulino-terapia, a eletroconvulsoterapia e as psicocirurgias. Estes métodos são derivações das técnicas biológicas de choque, que fizeram parte das terapêuticas mais utilizadas pelos psiquiatras para o tratamento das doenças mentais, até pelo menos as décadas de 1950 e 1960. Além das técnicas biológicas de choque, esses métodos também compreendiam a malarioterapia e a leucotomia <sup>24</sup>, posteriormente

---

<sup>24</sup> A malarioterapia consistia na inoculação de sangue contaminado por malária para ocasionar febres altas nos pacientes, acreditava-se que com o estado febril diminuiria os sintomas dos distúrbios mentais. A leucotomia

conhecida como lobotomia. Por outro lado, era nítida a pouca importância atribuída ao *método ocupacional* pelos psiquiatras da época, apenas pelo fato de pouco se dedicarem a escrever especificamente sobre o tema ou mesmo em associação a outras terapêuticas. (DIAS 2003).

Maura relembra os comentários de uma enfermeira do Hospital Gustavo Riedel a respeito de um episódio de lobotomia com uma paciente daquele hospital:

Dona Dalmatie contou-me: Mercedes Rainha levou Madruga, moça internada aqui, à Praia Vermelha, ao Hospital de Neurocirurgia, para um exame. Foram de carro. A família de Madruga é muito rica, veio buscá-la um chofer no carro de seu irmão, Cadillac último tipo. Madruga devia ser examinada, a fim de se submeter a uma operação no cérebro, lobotomia. Devia ter mais ou menos uma ideia do que fosse (dizem que a família queria se livrar dela de qualquer maneira, não hesitando em recorrer à lobotomia). Li que essa intervenção neurocirúrgica traz uma degenerescência, inutiliza o operado e nunca dá resultado satisfatório. Já não se pratica mais a lobotomia em países mais adiantados, parece-me. Madruga já foi operada, está completamente imbecilizada, segundo me disseram. Era inteligente, expressava-se com facilidade. Afinal a família conseguiu o que desejava. (CANÇADO, 1991, p. 88).

Pode-se perceber, a partir desta fala, que Maura conhecia a grande maioria das formas de tratamento, de terapêuticas vigentes naquele período. Entre as quais se encontrava a lobotomia, a cirurgia no cérebro dos pacientes. A autora faz uma crítica feroz à lobotomia e à forma como esta era executada. No caso que ela cita, pode-se deduzir que a família que era rica, possivelmente havia interditado a paciente e influenciava também no tratamento da interna, pois havia disponibilizado do próprio carro da família para que a cirurgia<sup>25</sup> fosse realizada.

Conforme Dias, a ideia de modificação dos sintomas psicóticos, através de lesões cerebrais localizadas, foi saudada por muitos médicos brasileiros que viam nessa intervenção cirúrgica um novo momento da medicina psiquiátrica, pois, conforme afirmou Abraham Akerman, em 1950, na revista *Medicina, Cirurgia e Farmácia*, pela primeira vez,

---

praticada pela psiquiatria no Brasil a partir de década de 30, consistia em um intervenção cirúrgica no crânio do paciente, a partir de 1940 esta prática é aprimorada pelo neurologista português Egas Moniz, tal técnica danificava os lobos frontais do cérebro. A justificativa para tal prática era a de que distúrbios acontecem porque pensamentos patológicos fixam-se nas células cerebrais especialmente nos lobos frontais, assim tais células deveriam ser destruídas para que houvesse a cura do doente mental. (OLIVEIRA, 2009).

<sup>25</sup> Sobre o fato de a lobotomia ter sido feita em outro hospital e não no HGR, não encontrei informações a respeito se isto era frequente ou temporário ou se não havia equipamentos adequados para tal prática, possivelmente tais informações estariam nos documentos do hospital os quais não tive acesso, pois a documentação daquele período segundo Daniela Ribeiro ainda não foram catalogadas para pesquisa.

cientificamente, no homem, procurava-se não somente corrigir o funcionamento do cérebro, mas transformá-lo (AKERMAN 1950, *apud* DIAS 2003). A lobotomia pré-frontal adquiriu, então, grande importância para a neurologia e para a psiquiatria, sendo aplicadas amplamente como método de tratamento das desordens mentais, principalmente nos casos considerados incuráveis.

Oliveira (2009) afirma que a relação entre a prática da lobotomia, pretensiosamente capaz de modificar comportamentos inadequados e a docilização do corpo do animal. Em seres humanos o resultado não seria diferente, a lobotomia serviria como uma forma de manter sob controle os corpos dos doentes. “A lobotomia, nesse sentido, serviu mais como um mecanismo de controle de corpos ‘desbaratinados’ e sem normas que um meio de tratamento e cura.” (OLIVEIRA, 2009, p.100). Apesar dos resultados não muito satisfatórios isto não promoveu a abolição das práticas utilizadas, a lobotomia foi praticada até a década de 50 no Brasil.

Outra forma de tratamento para doentes mentais na década de 1950 era o eletrochoque, Maura estava ciente de que este tratamento era bastante recorrente naquele período e não duvidava da sua eficácia. Porém, ela percebia que o eletrochoque estava sendo usado para amedrontar e castigar as doentes:

Sentia-me aborrecida, tinha centenas de problemas para expor a doutor A. Então resolvi agredir doutor J., sabendo que ele não me daria confiança [...]. - O senhor é arbitrário e irresponsável. Deu-me um eletrochoque quando fui sua paciente, sei que há contra indicação no meu caso. Possuo dois eletroencefalogramas anormais, fui vítima de crises convulsivas até quinze anos. Um dos eletros está dentro da minha papeleta, ou ficha. Como meu médico, o senhor devia ter-se inteirado antes, e o respeitado. Fez o eletrochoque por vingança e para castigarme. Este método é muito usado pelos psiquiatras sei. Eletrochoque devia ser tratamento, e não instrumento de vingança em mãos de irresponsáveis. Mas aqui até as guardas ameaçam doentes com eletrochoques, trazendo-as em constante estado de tensão nervosa. (CANÇADO, 1991, p.42).

De acordo com Oliveira (2009) dentre as terapêuticas ditas modernas a mais utilizada no Brasil e no mundo foi a terapia por eletrochoque. Criado pelos italianos Hugo Cerletti e Bini, este método consistia, na promoção de eletroconvulsoterapia no paciente através de correntes alternadas de choques elétricos na têmporas ou em outras partes da cabeça, muito utilizado no tratamento da esquizofrenia. “A contenção do paciente era feita através do uso da força, pois era um método doloroso e invasivo, o paciente apresentava

grande resistência e era então amarrado a cama com correias de borracha.” (OLIVEIRA, 2009, p.103).

Oliveira (2009) afirma que no interior das instituições psiquiátricas eram utilizadas todas as formas para que o controle fosse mantido a todo custo. Seja de caráter coercitivo ou corretivo, essas práticas visavam, sobretudo, a manutenção da disciplina em todos os setores. “Dentre estas práticas o eletrochoque é o melhor exemplo, tais práticas eram criticadas pelos antipsiquiatras por apresentarem um caráter mais punitivo, disciplinador que curativo.” (OLIVEIRA, 2009, p.105).

Weinreb (2003), afirma que o poeta e dramaturgo Antonin Artaud esteve internado em um hospital psiquiátrico de Rodez, por nove anos com o diagnóstico de esquizofrenia. Neste período escrevia cartas aos médicos se referindo ao uso do eletrochoque naquele hospital:

O eletrochoque me desespera. Apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe e se vê durante semanas na busca do seu ser, como um morto que caminha ao lado de um vivo que não é mais ele... Na última série eu fiquei durante os meses de agosto a setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir. (ARTAUD In: SILVEIRA, 1981 apud WEINREB, 2003, p.49-50).

Segundo Weinreb (2003), Artaud falava do desejo de escrever um livro que causasse muita perturbação. Essa perturbação terminaria abrindo uma porta para outras realidades, um livro que servisse de denúncia assim como o diário de Maura que percebia que suas escritas poderiam ir além dos muros do manicômio e mostrar que ainda havia muito a se modificar para que os pacientes fossem tratados dignamente.

Dias (2003) ressalta que o uso do eletrochoque trazia para os doentes inúmeras reações adversas como: fraturas, luxações, rupturas fibrilares dos músculos e dos tendões, hemorragias capilares, apneia prolongada, dores físicas. Estas eram algumas das intercorrências, possíveis. Mas, a principal intercorrência conforme destaca Dias, era o terror que tais métodos geravam nos pacientes: a consciência da crise convulsiva gerava uma angústia e um estado de pavor no doente ante a possibilidade de sua aplicação, que dificultava extremamente o prosseguir do tratamento. É provável que tenha sido no sentido de diminuir essas dificuldades e inconvenientes que apareceram outros recursos, tais como narcóticos e sedativos, para auxiliar o tratamento convulsivante. A narco-análise foi um

termo forjado por Stephen Horsley, nos anos 30, para designar a ação de todos os produtos farmacêuticos incluídos no grupo dos narcóticos, com o objetivo de vencer a resistência dos indivíduos, levando-os a revelar a verdade (DIAS 2003).

Ao utilizar a técnica, do eletrochoque o médico objetivava induzir um estado crepuscular no indivíduo, ou seja, produzir uma obnubilação de consciência, com supressão de certas inibições, aumento aparente da memória e afloramento ao campo da consciência de complexos emocionais reprimidos. Esse estado crepuscular induzido era tido como semelhante ao hipnotismo terapêutico. (DIAS 2003).

### 3.2.1 Terapêutica Ocupacional

A terapêutica ocupacional desenvolvida no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, é um tema que interessa a Maura, que se refere a este tipo de ‘tratamento’ no trecho abaixo:

A Ocupação Terapêutica do Centro Psiquiátrico Nacional toma todo um pavilhão. Compõem-se de sala de música, sala de tecelagem, pintura, encadernação, bordados, salão de beleza- e o museu: onde estão expostos, ou guardados, quadros pintados por alguns pacientes daqui que se comparam aos maiores pintores do mundo. Futuramente, Rafael, Emídio, Isaac, Adelina, Carlos e outros terão seus nomes citados com o mesmo respeito com que se citam Van Gogh e os monstros das artes plásticas. Mesmo já se fala nestes artistas e o Suplemento Literário do Jornal do Brasil tem se interessado por eles. É deveras impressionante o poder plástico de expressão no doente mental. Perdidos no seu mundo indevassável, incapazes de comunicação verbal, totalmente dissociados, alcançam, através da pintura, o que centenas de milhares de artistas do mundo todo tentam em vão. Os artistas daqui jamais falam- a não ser através de traços e de cores. Rafael foi considerado por Júlio Braga, crítico um dos maiores desenhistas do mundo ocidental. Aragão chegou ao concretismo sem nenhuma comunicação com o grupo de artistas concretistas. Temos lá também a recreação: joga-se pingue-pongue, se ouve música. Não me agrada. Costumo ir fazer minhas unhas ou encontrar-me com alguns amigos, internados em outros hospitais. Hélio, Aragão e outros. Seria nosso clube não fora a ineficiência das funcionárias, a má vontade que demonstram ao vir apanhar doentes nos hospitais. São antipáticas, estragam o que podia ser tão eficiente como terapêutica e por que doutora Nise tanto tem lutado. Gostaria de alertar a doutora para muitas falhas que reconheço. Mas como fazer-me ouvir por ela? Pode julgar que ando com mania de perseguição. Não é verdade: prescindindo das funcionárias, vou sozinha porque tenho ordens do médico. Preocupo-me com as outras, presas o dia todo no hospício. As funcionárias de lá conversam fiado durante o expediente, falam mal umas das outras, citam seus “casos” ( são quase todas adúlteras, investidas em funções públicas- é o que escuto diariamente), nada entendem de psicologia e

nenhuma é inteligente. Pronto. É muito chato falar de gente chata. (CANÇADO, 1991, p. 82).

Maura se refere com entusiasmo ao trabalho que Nise da Silveira realizava no Centro Psiquiátrico Nacional, e exalta os artistas que faziam parte da Ocupação Terapêutica. Ela os compara aos maiores artistas do mundo, pois estes quase não se expressavam verbalmente e encontraram uma forma única e incrível de expressão através dos traços e das cores. Alguns eram considerados grandes pintores concretistas sem nunca ter convivido com outros artistas concretistas. Maura parece acreditar na eficácia do tratamento da terapia ocupacional.

Porém, ao mesmo tempo critica as funcionárias que ali trabalhavam, considerando-as despreparadas para aquele trabalho, antipáticas e nada entendiam de psicologia. Conforme a autora estas acabavam estragando um trabalho que poderia ser eficiente como terapêutica. Ela se abstém de expor estes problemas a Nise da Silveira, por temer que suas denúncias sejam percebidas como mania de perseguição, ou seja, como mais um sintoma de “sua” esquizofrenia, aqui novamente a ideia de circuito de Goffman (2010), pode ser aplicada, pois as denúncias que ela se abstém de fazer poderiam gerar outras ações que não a esperada pela autora.

O “circuito”, descrito pelo referido autor é entendido “como uma perturbação na relação usual entre o ator individual e seus atos”, permite os aspectos mais tênues do comportamento, inserindo o indivíduo num universo punitivo e persecutório. No “circuito”, uma agência cria uma resposta defensiva no internado e depois utiliza essa resposta para seu ataque seguinte. “O indivíduo descobre que sua resposta protetora diante de um ataque a sua pessoa falha na situação, pois não se pode defender da forma usual ao tentar estabelecer uma distância a situação mortificante e o seu eu.” (GOFFMAN, 2010, p.40).

De acordo com Dantas (2006), em 1946 foi criado no Rio de Janeiro o Serviço de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional, cuja direção ficou a encargo da Dra. Nise da Silveira.<sup>26</sup>A finalidade deste serviço era a de beneficiar o doente

---

<sup>26</sup> Aos quinze anos de idade a jovem alagoana Nise da Silveira chegava a Salvador para cursar a Faculdade de Medicina, era a única aluna mulher em uma turma de cinquenta e sete homens. Na época sua escolha seria considerada uma extravagância, não era muito comum as moças optarem por uma profissão, mas Nise tinha

com uma ocupação livremente escolhida, metodicamente dirigida e só eventualmente útil ao hospital. Nise da Silveira guiava a produção dos internos no atelier pela criatividade e livre expressão com a ajuda de um monitor. (DANTAS, 2006, p.58).

Conforme Finzer “a terapia ocupacional é a arte de ensinar através das atividades e é um estudo integrado dos fatores psicológicos, físicos e sociais.” (FINZER, 1986, apud DANTAS, 2006, p.36).

Segundo Dias (2003), para Nise da Silveira a inspiração artística vinha das mais profundas camadas do inconsciente, este era a fonte da criação poética e pictural. A inspiração artística podia ser atribuída a uma espécie de visão interior do artista como se este estivesse sonhando acordado. A criação e inspiração no âmbito das artes possuíam analogias com a formação dos sonhos ou de atos psíquicos subconscientes para a psiquiatra paulista. (DIAS 2003).

Nise da Silveira observou que, além da significação pessoal que podia ser atribuída a cada símbolo encontrado nas obras de arte, também podiam ser encontradas, nessas mesmas produções plásticas, símbolos eternos da humanidade. Esses símbolos, que se repetiam como se fossem padrões entre homens de diferentes partes do mundo, formavam a parte impessoal do inconsciente. Nesse caso, símbolos e arquétipos seriam os conteúdos do inconsciente coletivo proposto por Jung e adotado por Nise da Silveira logo que esta psiquiatra se deparou com as mandalas pintadas por esquizofrênicos brasileiros completamente desconhecedores do símbolo religioso oriental. (DIAS, 2003).

Em outro trecho da sua obra Maura apresenta com detalhes o trabalho de ocupação terapêutica desenvolvido pela enfermeira Dalmatie no Hospital Gustavo Riedel que era um trabalho mais tímido, com menos recursos do que aquele desenvolvido por Nise da Silveira:

Foi criado neste hospital um Serviço de Ocupação Terapêutica dirigido por dona Dalmatie (não me refiro à ocupação terapêutica de todo o centro psiquiátrico que

---

apoio da família, especialmente de seu pai. Ao concluir o curso de medicina, preocupava-se com a condição social da mulher e sua segregação, engajando-se na União Feminina do Brasil. Após a morte de seu pai vem morar no Rio de Janeiro, quando é então aprovada no concurso para psiquiatra da Antiga Assistência a Psicopatas. Em 1936 foi presa por posse de literatura suspeita, livros sobre marxismo. Um ano depois é libertada. Ao findar os oito anos de afastamento do serviço público é novamente reintegrada para trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II. (WEINREB, 2003, p. 41).

atende doentes de todos os hospitais, ou devia atender). Falo de um serviçozinho criado aqui, para as internas do Hospital Gustavo Riedel. Dona Dalmatie está lutando bravamente para conseguir mantê-lo, desapontando todo o pessoal do hospital, que, evidentemente, esperava vencê-la desta vez. Ela é a funcionária mais desajustada em todo o Serviço Nacional de Doenças Mentais. É a enfermeira mais criticada e combatida do Brasil. Seu crime é digno de pena máxima num tribunal de justiça: ama sua profissão, ama os doentes e luta por eles. Jamais se alia a seus colegas, e sempre entrando em choque com funcionários, até médicos. Aponta o que reconhece ser injusto, arbitrário e SÁDICO. Defende o pouco que ainda resta de direitos humanos nos psicopatas ou como tais considerados. Dona Dalmatie é adorada pelas internas. Trabalha há vários anos nesse serviço, e, se médicos, enfermeiras e guardas não a apreciam, desconheço uma doente que não lhe queira bem [...]. Não havia verba nem colaboração nenhuma. Assim, esta mulher extraordinária partiu da estaca zero, contando com a amizade das doentes e realizando o que de melhor já se fez neste hospital em matéria de terapêutica. Trouxe todo o material de casa: sacos desfeitos, linhas, tesouras, até máquina de fazer café. No pátio que lhe foi dado para o serviço, numa espécie de galpão, iniciou os trabalhos sob a zombaria dos colegas. As internadas bordam, fazem tricô e crochê, sobretudo conversam. Dona Dalmatie atende a todas com carinho e compreensão. É uma ocupação terapêutica muito humilde, mas prefiro-a à do Centro. Lá tem música, muito material para trabalho, pintura, museu, mas as funcionárias não possuem nenhum preparo para lidar com os pacientes. Tratam todos como se tivessem os mesmo problemas, não indagam o grau de instrução de nenhum, tentam obrigar-nos a fazer trabalhos chatíssimos [...], (Doutora Nise da Silveira é a fundadora e diretora da Ocupação. O que se sabe dela é francamente positivo, dizem ser uma mulher excepcional. Não creio que tenha conhecimento de como se portam suas auxiliares. Mas não ignoro que estas se portem de maneira diferente na sua presença.) (CANÇADO, 1991, p.54).

Maura mostra a sua preferência pela terapia ocupacional e elogia a enfermeira Dalmatie por lutar contra todos para manter o serviço de ocupação terapêutica no Hospital Gustavo Riedel, que era bem menor e menos estruturado que aquela (de todo o centro psiquiátrico), criada pela doutora Nise da Silveira, à quem ela também elogia, porém criticando o despreparo das funcionárias que, quando distantes dos olhares de sua coordenadora, tratavam os doentes de forma a não perceberem suas especificidades e, além disso, os obrigavam a fazer atividades que elas não gostavam. Pelas descrições de Maura ela participava pouco do ateliê de Nise, por não gostar das funcionárias, mas em vários trechos da obra, ela se refere ao trabalho da enfermeira Dalmatie que também desenvolvia um trabalho de ocupação terapêutica que se restringia apenas ao HGR no qual ela participou muitas vezes.

Conforme Braga (2013):

Muitos doentes eram ocupados em trabalhos braçais, serviços de limpeza das enfermarias e das instalações sanitárias, sendo que pequenas verbas eram destinadas para gratificá-los. Apenas em 1944, na Seção Waldemar Schiller do Hospital Pedro II (posteriormente Seção Odilon Galotti), que a terapêutica ocupacional fora introduzida de forma sistemática no CPN, pelo Drº Fábio Sodré. Neste primeiro momento, a psiquiatra Nise da Silveira participou como auxiliar deste projeto. Apenas dois anos depois, ela passou a ser a responsável pela organização das atividades de terapia ocupacional no CPN, e agora, sendo lhe oferecida verba destinada a remuneração de alguns internos que prestavam serviços à economia hospitalar. Ao assumir o Setor de Terapia Ocupacional, Nise da Silveira introduziu uma nova dinâmica de trabalho a partir da produção artística. O primeiro setor foi instalado em maio de 1946 e era de trabalhos aplicados manuais femininos (crochê, bordados, tricô e tapeçaria). Em setembro do mesmo ano, foi a vez da criação do ateliê de pintura, e no decorrer dos anos seguintes foram abertos mais setores de terapia ocupacional, ao ponto de 1961 estarem em atividades 19 setores diferentes. (BRAGA, 2013, p.127).

Durante o governo de Juscelino Kubistchek, na década de 50 houve ampliação dos hospitais psiquiátricos, assim como a manutenção dos serviços assistenciais estaduais, também foram realizados convênios destinados ao desenvolvimento dos serviços de praxiterapia nas instituições locais. Em 1955, o SNDM havia planejado um Serviço Central de Praxiterapia no órgão, que em contato técnico com todos os setores de praxiterapia nos estados tinha como objetivo o desenvolvimento de ações uniformes em todo o Brasil. (BRAGA, 2013).

Em outra passagem Maura dá ênfase novamente aos trabalhos executados pela enfermeira Dalmatie:

Ignoro completamente como dona Dalmatie pretende sair desta enrascada: prepara a exposição de bordados para o fim do próximo mês, não conta com a colaboração de ninguém, a não ser das pacientes, que só fazem bordados, tricô, etc. E o que de mais se necessita no momento é dinheiro, já que não se tem material para os trabalhos. Ninguém acredita nessa exposição, eu mesmo tenho dúvidas: onde buscar dinheiro? Todas pedem linha, lã, agulha, o essencial para qualquer trabalho manual. Dona Dalmatie tem comprado com seu próprio dinheiro e até cigarros para as doentes. Quase todas as internadas fumam, sentem-se inquietas com a falta de cigarros. Dona Dalmatie não se dá por vencida. Pretende organizar a exposição, talvez o faça. Doutor J. cedeu-lhe uma sala da seção M.B. cuja janela dá para o pátio onde se trabalha. Na sala dona Dalmatie guarda todo o material de trabalho. [...]. Estou sempre preocupada com a campanha contra o serviço de dona Dalmatie. Dona Júlia já disse que isto vai dar em nada, porque dona Dalmatie é louca. Jamais percebi um pouquinho de felicidade nas doentes deste hospital. O que se passa agora é inédito: quando

estão trabalhando, não parecem estar num hospital de doentes mentais: alegres, rindo, trabalhando. Creio ter sido a melhor coisa que já se fez aqui em matéria de Terapêutica. (CANÇADO, 1991, p. 66-67).

Maura afirma veemente que este trabalho desacreditado pela grande maioria dos médicos e funcionários, é a melhor terapêutica desenvolvida naquele hospital, pois quando estavam trabalhando as doentes se mostravam muito felizes nem pareciam estar em um manicômio.

O descrédito quanto à eficácia desta terapêutica não foi sentida somente por Dalmatie, pois conforme Weinreb (2003), Nise da Silveira também enfrentou comentários preconceituosos de seus colegas, dizendo que intencionava curar doentes mentais com garatujas. Outra crítica era referente aos bailes para os internos do hospital, chamados de gafieira da Nise. Entre os teóricos da época “havia muita desconfiança quanto a utilização da arte como atividade nos manicômios. Meyer Gross afirmava que a livre expressão afundaria o indivíduo ainda mais na sua doença.” (WEINREB, 2003, p. 42).

Ao invés de desestimularem Nise, as críticas a estimularam ainda mais a estudar a arte como linguagem, como uma nova compreensão da esquizofrenia e de outras doenças mentais. (WEINREB, 2003).

Em outro trecho Maura reafirma novamente gostar muito de realizar os trabalhos manuais na ocupação terapêutica, organizados pela enfermeira Dalmatie que ela apresenta como modelo de dedicação e trabalho na enfermagem daquele hospital:

Estou gostando do hospital. Passamos parte da manhã e da tarde trabalhando entusiasmadas, em meio a montes de lãs, tapetes, coisas e coisas: Sinto-me útil. Depois de duas horas, quando dona Dalmatie vai para casa, continuamos trabalhando. Se me canso e ameaço subir para a seção, todas protestam: “- Se for eu vou também”. É agradável para mim e fico até a hora do jantar. Gosto de todas. Gasto mais de três carteiras de cigarros com elas. Nestas horas parece mentira que estejamos em hospital de doenças mentais: conversam, fazem brincadeiras, ninguém briga. (CANÇADO, 1991, p. 91).

Em relação às enfermeiras que trabalhavam no Hospital Gustavo Riedel a autora apresenta aquela que tinham amor ao seu trabalho e às doentes e outras que não se importavam com o tratamento e com a cura das pacientes:

O réptil é dona Júlia, a enfermeira-chefe. Mal chego ao hospital essa mulher começa a perguntar-me quando vou deixá-lo. Precisarei tornar-me demente para provar minha necessidade do hospital? Dona Júlia mora no hospital, nesta seção, como em sua própria casa. Detesta as doentes que retornam [...]. Irrita-se com as doentes que não trabalham, não limpam os corredores, encera-os, lavam roupas e outras coisas. Costuma espancar algumas, e da última vez em que estive aqui bateu em Margarida com o molho de chaves [...]. (CANÇADO, 1991, p.36).

No trecho anterior é possível perceber que provavelmente as funcionárias do HGR não percebiam Maura como uma doente mental e desta forma não entendiam o motivo dela estar internada e a enfermeira Júlia citada por Maura seria uma delas.

Sobre o trabalho das enfermeiras do referido hospital, Maura ressalta ainda,

Doutor A. confessou-me a dificuldade que têm os médicos com esta raça. O médico exige que se tome a temperatura do paciente três vezes ao dia e verifica que não foi tomada nem uma vez, chama a atenção da enfermeira; ela se justifica, dizendo que o termômetro foi quebrado. Não podia ter ido a outra seção, pedido emprestado? E quem pode assegurar que não o quebrou de propósito, ou não está sequer quebrado? Eu pessoalmente, só conheço uma enfermeira que não é má, estúpida, preguiçosa: dona Dalmatie. (CANÇADO, 1991, p. 93).

Os problemas indicados por Maura parecem estar ligados pelo menos em parte pelo déficit de pessoal qualificado num momento,

Ao longo de 1955, os problemas de pessoal qualificado foram potencializados porque o déficit ocorria logo no momento em que o SNDM se preparava para por em funcionamento novas unidades no Distrito Federal: o Pavilhão de Administração do MJHC, 400 novos leitos no Instituto de Psiquiatria do CPN e os Pavilhões de Administração, de Triagem (masculino e feminino, 100 leitos cada) e de Adolescentes (masculino e feminino, 100 leitos cada) na CJM. O relatório anual de 1955 chegou a citar estudo feito com os diretores dessas instituições<sup>192</sup>, que concluiu sobre a necessidade de cerca de 300 servidores novos (entre médicos, técnicos, mas principalmente guardas, atendentes e trabalhadores). (BRAGA, 2013, p.149).

Além das contratações em número insuficientes de profissionais para trabalharem nos estabelecimentos psiquiátricos do SNDM, o déficit de profissionais qualificados era atribuído a formação de psiquiatras em número insuficiente, embora a medicina psiquiátrica vivesse na década de 1950 um período de expansão da sua atuação no país. As cátedras de clínica psiquiátrica no ano de 1955 somavam 20, entre as faculdades de medicina no Brasil, e

utilizavam-se das sedes dos hospitais psiquiátricos, procurando ministrar o ensino prático aos seus alunos. (BRAGA, 2013).

Conforme o mesmo autor,

O DNS, por sua vez, realizava todos os anos, cursos de especialização em psiquiatria destinados a médicos que já concluíram sua graduação. As pesquisas psiquiátricas, e também psicanalíticas, eram alvo de interesse de especialistas e dos serviços oficiais: o projeto para instalarem em São Paulo e no Rio de Janeiro, verdadeiros centros de pesquisas psiquiátricas era exemplo disso, ainda que, no Rio de Janeiro, tal centro parece não ter sido instalado... Ainda em 1951, a oferta de mão de obra não era suficiente para acompanhar o ritmo da oferta e demanda por leitos. Neste ano, somente na capital o SNDM carecia de no mínimo mais 150 serventes, 100 guardas, 200 auxiliares de enfermagem, 100 enfermeiros e 50 médicos, além de artífices, trabalhadores, auxiliares de praxiterapia, dentistas, farmacêuticos, inspetores e professores. Dessa forma, já se alertava para o fato de que as novas unidades não poderiam funcionar por falta de pessoal. Quatro anos depois, em 1955 uma análise realizada pelo próprio SNDM confirmava esse panorama. (BRAGA, 2013).

Embora os estudos sobre a assistência aos doentes mentais se desenvolvesse rapidamente no Brasil, a formação de mão de obra qualificada não acompanhava este mesmo ritmo, “o que somado com os poucos recursos materiais e técnicos, impossibilitavam o alcance da excelência na assistência prestada a sua população mais necessitada que dependiam dos serviços públicos psiquiátricos.” (BRAGA, 2013, p.149).

### 3.2.2 Diagnósticos

Em algumas passagens de sua obra, Maura reflete sobre os diagnósticos que lhe são atribuídos, e que para ela não estavam bem claros e definidos:

Desconheço até mesmo meu diagnóstico. Creio haver divergência a este respeito. Os médicos são tão complicados. Costumam discordar uns dos outros e acabam nos pondo loucas. Alguns me julgam epilética. São categoricamente desmentidos por outros. Estes afirmam que tenho uma personalidade psicopática e creio que devo ser também esquizofrênica. Às escondidas andei lendo a minha ficha aqui no hospício. Diz mais ou menos isto: “Extremamente sensível, nota-se nela grande necessidade de afeto- que procura, se insinuando com muito tato e inteligência. Esta busca de amor é denunciada em todos os seus atos”... (CANÇADO, 1991, p.83).

Mesmo não lhe sendo atribuído o diagnóstico de esquizofrênica pelos psiquiatras, Maura se reconhece como tal, e ela sentiu-se mais aliviada quando as suas escritas são reconhecidas como de um esquizofrênico, a impressão que ela passa através do trecho a seguir é que ela se sente mais segura ao saber que suas angústias tinham uma denominação, era uma doença, e não apenas fraqueza sua:

-Mas isto é esquizofrenia pura. Um clarão iluminou o que estava nebuloso e difícil. A frase esclarecia tantos anos de dúvida. Foi tão certo que doeu-me em alívio e desgraça- e eu continuava ainda viva. Por que doutor A. não me disse, ele que sempre soube a verdade? Aconteceu hoje na redação do Jornal do Brasil onde me encontrei com Amílcar de Castro: -Leia, Amílcar. Vê se gosta. Não ligue aos rabiscos, que são de dona Auda. Era a página do meu diário em que converso comigo mesma. Ele leu atentamente, e: - Mas isto é esquizofrenia pura. Foi dona Auda quem escreveu? - Não, eu. [...]. (CANÇADO, 1991, p. 145).

Conforme Silva, Bleuler (1857-1939) criou o termo “esquizofrenia” (esquizo = divisão, phrenia = mente) que substituiu o termo demência precoce na literatura. Bleuler conceitualizou o termo para indicar a presença de um cisma entre pensamento, emoção e comportamento nos pacientes afetados. Para explicar melhor sua teoria relativa aos cismas mentais internos nesses pacientes, este descreveu sintomas fundamentais (ou primários) específicos da esquizofrenia que se tornaram conhecidos como os quatro “As”: “associação frouxa de ideias, ambivalência, autismo e alterações de afeto. Bleuler também descreveu os sintomas acessórios, (ou secundários), que incluíam alucinações e delírios.” (SILVA, 2006, p.265 grifos do autor).

Segundo Weinreb (2003), em artigo do poeta e dramaturgo Antonin Artaud, na revista Cahiers d’ Art, Nise da Silveira encontrou a frase o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos, que a levou a pensar em substituir a palavra esquizofrenia pela expressão ‘os inumeráveis estados do ser’. Alegava que a psiquiatria não tinha encontrado uma descrição exata para os dramas que vivem os doentes mentais. Dizia que a esquizofrenia não era propriamente uma doença, mas uma manifestação destes estados do ser, referindo que uma pessoa está psicótica e não é psicótica.

Maura institui um diagnóstico para si mesma,

[...] Estou todo dia lendo e relendo um livro que apanhei emprestado na mesa de doutor A.: *Psiquiatria clínica e forense* de A. C. Pacheco e Silva. (a parte em que fala sobre esquizofrenia). “Se verifica certa tendência do paciente permanecer imóvel durante horas inteiras numa só posição”. Foi por isso que escrevi No quadrado de Joana. Em casa, quando brigava com os outros, passava todo dia numa só posição, geralmente deitada. [...]. Muitos esquizofrênicos revelam já na infância as suas tendências. São crianças que não têm prazer na convivência com outras, mostrando-se tristonhas, esquivas e meditativas. Preferem viver isoladas, entregues aos seus devaneios, um mundo imaginário por elas criado”. Aí estou eu retratada. Mesmo na infância fui uma menina estranha [...].(CANÇADO, 1991, p. 145).

A autora comenta sobre o fato de ter emprestado o livro do doutor, mostrando que ela tinha mais privilégios no hospital, é o discurso que perpassa o seu diário, ela o tempo todo se auto afirma como diferente das demais internas, e tenta demonstrar que possuía um tratamento diferenciado, pelo menos por alguns médicos como é o caso do doutor A.

A autora demonstra ter uma necessidade de lhe ser atribuído um diagnóstico, e para tanto busca sintomas na literatura psiquiátrica sintomas e os apresenta, mostrando que os mesmos sintomas fizeram parte de sua vida desde a infância, e a encaixavam perfeitamente como esquizofrênica e apresenta suas conclusões ao médico,

Li para doutor A. o que escrevi ontem Tomou-me o livro de volta, arrependeu-se por o ter emprestado. – Você não é esquizofrênica. Chame dona Marina, pergunte-lhe se é esquizofrênica. Naturalmente dirá que não. Entretanto ela o é. – Loucura é grau. Dona Marina está muitos graus adiante de mim, mas somos ambas esquizofrênicas. O senhor não vai dizer-me: você é esquizofrênica. Seria falta de ética profissional. (CANÇADO, 1991, p.45).

Durante a maior parte do seu diário Maura busca instituir um diagnóstico para si mesma, se achava diferente das outras pessoas, um ‘peixe fora d’água’, porém não conseguindo encontrar outra saída busca na loucura tal aceitação e mesmo não sendo lhe atribuído nenhum diagnóstico, busca a todo momento apresentar o discurso sobre si mesma, se instituindo como louca esquizofrênica, apesar dos próprios médicos não concordarem com tal conclusão e diagnóstico, se ela era de fato esquizofrênica não se pode afirmar, mas é claro o seu discurso constante em se afirmar como tal.

### 3.2.3 Violências contra as internas...

Além das formas de tratamento Maura comenta em grande parte do seu diário acerca da violência sofrida pelas internas no Hospital Gustavo Riedel, no período em que ela encontrava-se internada:

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. Em prejuízo de um considerado “não psicopata”. Que é um caso a estudar: as guardas deste hospital são quase todas loucas. Ou oligofrênicas. (CANÇADO, 1979, p. 69).

Borges (2007), afirma que os nas narrativas dos loucos muitas vezes estes se utilizam de movimentos retóricos, pelos quais procuram inverter as posições usuais, dizendo que eram os médicos os responsáveis pela sua doença e não pela sua cura. (BORGES, 2007). Maura questiona sobre a definição de quem era louco dos que não eram, sugerindo que até mesmo os médicos poderiam ser loucos, quanto às enfermeiras além de apresentar como corresponsáveis pela doença e não pela cura das internas as coloca no mesmo patamar das doentes ao afirmar que quase todas são loucas ou oligofrênicas, isto mostra também que ela se valia dos diagnósticos da medicina psiquiátrica para fazer o jogo do ataque para se defender.

Em outro trecho ela novamente acusa os médicos de serem tão ou mais doentes que as internas:

Dona Dalmatie falou-me: - Não dão ao louco nem o direito de ser louco. Por que ninguém castiga o tuberculoso, quando é vítima de uma hemoptise e vomita sangue? Por que os “castigos” aplicados ao doente mental quando ele se mostra sem razão? Compreendi: o absurdo disto. É monstruoso. Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os “castigos”, aprovam-nos ou mandam até mesmo aplicá-los. É necessário levar em consideração que são estes mesmos médicos que classificam os doentes, “acusando-os” (é importante) de irresponsáveis. Mas esta responsabilidade de afirmar se o indivíduo é ou não responsável parece terminar no momento em que é feito o diagnóstico. Como punir a inconsciência é o que não entendo.

Entretanto, o médico depois de rotular um indivíduo de irresponsável, inconsciente, exige deste mesmo indivíduo a responsabilidade de seus atos, ao mandar (ou permitir que se faça) castigá-lo. De que falta pode um louco ser acusado? De ser louco? É o que venho observando e sentindo na carne. Doutor A. afirma que as guardas são ignorantes, têm muitos problemas, são também neuróticas e loucas. Naturalmente os médicos também têm problemas, são neuróticos. E loucos. Mas não foram ainda isentos, de responsabilidades perante a sociedade com a alegação de insanidade. Estes homens de aventais brancos que decidem quanto à responsabilidade ou não de tantas pessoas, deviam ter o dever de se mostrar conscientes. Não poderiam jamais exigir de alguém aquilo que lhe negam. Como seja, a responsabilidade. Mas o fazem, afirmo. (CANÇADO, 1991, p.78).

Neste trecho Maura ao comentar sobre a fala da enfermeira Dalmatie assume o discurso da psiquiatria, se eram loucos deveriam ser tratados como tal, e não responsabilizados e castigados por atos de ‘loucos’. Borges (2007), ressalta que algumas vezes “o paciente valia-se, pois, do discurso médico que o classificava como louco para justificar seus atos, recriando sua individualidade a partir das possibilidades oferecidas pelo próprio Hospital e pela psiquiatria.” (BORGES, 2007, p.148).

### 3.2.4 Quarto-forte

A autora faz referência também ao uso do quarto-forte no Gustavo Riedel:

Durvaldina tem um olho roxo. Está toda contundida. Não sei como alguém não toma providência para que as doentes não sejam de tal maneira brutalizadas. Ainda mais que Durvaldina se acha completamente inconsciente. Hoje fui ao quarto-forte vê-la. O quarto-forte fica nos fundos da seção M.B., onde Isabel está. Isabel é considerada “doente de confiança”, carrega as chaves da seção, faz ocorrências e tem outras regalias. Abriu-me o quarto para que eu visse Durvaldina. Durvaldina abraçou-me chorando, pediu-me que a tirasse de lá. O quarto é abafadíssimo e sujo. Fiquei mortificada, perguntei-lhe se sabia quem lhe batera, e ela: “- Não. Alguém me bateu”? Dona Dalmatie disse que o professor Lopes Rodrigues, diretor-geral do Serviço Nacional de Doenças Mentais, proferiu, aqui, um discurso, na porta (nas portas, porque são três) do quarto-forte, dizendo mais ou menos isto: “- Este quarto é apenas simbólico, pois na moderna psiquiatria não o usamos”. – Por que então estes quartos nunca estão vagos? (CANÇADO, 1991, p.117).

Maura relata a violência sofrida pelas internas inclusive o uso do quarto-forte que segundo os discursos, do próprio diretor-geral do Serviço Nacional de Doenças Mentais, o

professor Lopes Rodrigues, o qual afirmou que o uso do quarto-forte estava em desuso, sendo apenas simbólico na psiquiatria moderna, porém não era isso que ela e a enfermeira Dalmatie viam, pois segundo a mesma os quartos estavam sempre cheios. Com isto ela queria demonstrar que o discurso se diferia da prática, pois ao mesmo tempo em que se tentava mostrar as inovações na área da saúde mental, práticas consideradas ultrapassadas continuavam a existir no HGR.<sup>27</sup>

### 3.3 Omissões nos livros de ocorrência

Maura relata sobre as ocorrências relatadas nos livros de registros do hospital:

Isabel e eu roubamos o livro de ocorrências da Seção M.B., arranquei-lhe várias páginas. Li e reli estas páginas. Constatei a desonestidade das guardas, enfermeiras e médicos. Não registraram o que podia comprometê-los. Carmelita não registrou me haver jogado no quarto-forte, com uma caixa de fósforos na mão, quase me deixando morrer sufocada: incendiei as vestes e a fumaça não tinha saída. Também não registrou que estive nua, sem alimento nem água, durante vinte quatro horas neste quarto. As páginas que contém referências a mim estão comigo. Vou mostrá-las a Reynaldo, Heitor Saldanha e Maria Alice Barroso. É triste saber que nossos dramas são encarados com tamanha indiferença: apenas uma a mais que toma eletrochoque, sofre no quarto-forte, e outras coisas. “Ocorrência do dia 3 para o dia 4-4 de 1959. A doente Maura Lopes Cançado tomou dois centímetros cúbicos de Promazionon por ordem do doutor João Carlos Teixeira Brandão. As doentes passaram bem. Só esteve alterada Maura Lopes Cançado. Ass. Augusta.” Ela não registrou que passei a noite no quarto-forte, infecto e cheio de baratas. “Ocorrência de 6-4-59. Recebemos o serviço com ordem de não tirar “ninguém” do quarto-forte. A paciente Maura Lopes Cançado está no quarto-forte desde ontem. Enfermeira Dalmatie Lannes Pereira”. “Ocorrência de 7-4-59. Plantão calmo. Nada de anormal. A paciente Maura aceitou o remédio. Ass.Nazaré”. “Ocorrência de 6-4-59. Foi feito dois centímetros cúbicos de Promazionon na paciente Maura Lopes Cançado que se achava no quarto-forte. Dados dois comprimidos de fenobarbital à mesma. Ass. Augusta”. A senhora não anotou em que circunstâncias me aplicou a injeção, mas lembro-me bem. Devia ter anotado: encontrei a paciente Maura Lopes Cançado no quarto-forte inteiramente despida e sem colchão[...]. (CANÇADO, 1991, p. 173-174).

<sup>27</sup> Quanto ao uso do quarto-forte no HGR, no período em Maura esteve internada não encontrei nenhuma referência sobre isto, além do discurso de Maura sobre o uso deste, como castigo às doentes.

Maura afirma que ela e sua colega de internação roubaram o livro de ocorrências, neste discurso ela quer mostrar a sua ‘rebeldia’ ao contestar, burlar as normas vigentes naquela instituição:

Borges (2007):

...afirma que na tentativa de manter a individualidade, alguns pacientes contestavam as normas, procurando não se deixar dominar por um cotidiano repleto de “rotinas” a serem seguidas. Tais reações parecem espontâneas como se estivessem sempre presentes nas regiões remotas do ser vivo à espera de uma ocasião própria para se manifestarem. Estes gestos hábeis do fraco na ordem estabelecida pelo forte ocorriam por motivos diversos, mas quase sempre, ainda que de forma indireta, contestavam a ordem imposta, ocasionando práticas que variavam da agressão à sutileza, repletas de significados. Neste sentido, as atitudes diante das imposições manifestavam-se em gestos carregados de subjetividade, os quais são percebidos como diferentes maneiras de resistir, de manter a singularidade. (DE CERTEAU 2003 apud BORGES, 2007, p. 131).

Maura se refere novamente aos castigos sofridos pelas internas, como o uso do eletrochoque como forma de punição. Suas escritas ela tinha intenção de mostrar estes relatos aos seus colegas de trabalho do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil se chegou a mostrar isso não se sabe, pois ela não comenta sobre isso posteriormente, nem mesmo se ela realmente rasgou as páginas, pois em uma procura feita aos prontuários da mesma por Daniela Ribeiro responsável pelos arquivos do Instituto Nise da Silveira, no final de 2013 e início deste ano, nada do prontuário de Maura foi encontrado até o presente momento, impossibilitando de verificar e contrapor ao que ela afirma sobre o mesmo e seu conteúdo.

### 3.4 Hospitais públicos e particulares

Maura faz algumas comparações entre os sanatórios públicos e privados nos quais esteve internada. São considerações acerca do tratamento e dos castigos sofridos ou não nos manicômios onde passou algum tempo de sua vida:

Reli umas páginas do meu diário em que falo da minha internação na Casa de Saúde do Alto do Boa Vista. Comparação entre o tratamento de lá e o daqui: lá nunca fui “castigada” e, aqui, por uma palavra desagradável de nossa parte,

guardas e médicos tomam verdadeiro ódio da gente. Minha sorte em possuir dinheiro para comprar a tolerância dos que lidavam comigo naquele tempo. Transferida no sanatório do Alto da Boa Vista, no estado em que já descrevi, o outro sanatório pareceu-me mortal. Estivera cercada de carinho e luxo, via-me agora presa, sem a menor possibilidade. Meu quarto modesto, uma cama e uma mesa-de-cabeceira. Também meus vestidos elegantes ficaram no outro sanatório. Achava-me maltratada, mal vestida. A seção permanecia constantemente trancada, guardas e enfermeiras grosseiras, sobretudo não me conformava em estar presa. Foram-me proibidas as visitas, nenhum médico me dava atenção. Depois de sair do primeiro choque de insulina, quis ver-me no espelho. Aproximei-me de uma moça para pedir-lhe um emprestado. Ela correu assustada. Corri-lhe atrás e perguntei: “- Por que correu, tem medo de mim?” Respondeu-me: “- Tenho”. Olhei-me, constatei estar vestida apenas com uma belíssima camisola transparente. Simultaneamente, olhei para a varanda e vi grades. Consciência imediata da minha situação: estava louca, ou sendo tratada como tal. Era uma prisão. Gritei com desespero. Pus-me a jogar cadeiras no chão, agarraram-me, levaram-me para meu quarto. (CANÇADO, 1991, p.138-139).

Em certos momentos a resistência do doente ocorria de forma sutil como apresentado em trechos anteriores deste mesmo capítulo, em outros a resistência era mais violenta, mas algumas vezes a reação dos médicos e dos funcionários do manicômio a tais resistências não era a mais esperada, que alguém ouvisse suas queixas ao contrário gerava outro efeito a ideia do circuito descrito por Goffman (2008), é o que ocorre conforme a descrição de Maura no hospital da Tijuca onde ela esteve internada por um período curto de tempo até a chegada de sua mãe a qual tirou ela do referido manicômio, como afirma no trecho a seguir:

Estava irremediavelmente sozinha. Meu médico, diretor da Casa de Saúde do Alto do Boa Vista, só aparecia às vezes, na parte da manhã, quando me achava sob efeito de insulina-portanto não podia falar-lhe (as visitas me tinham sido proibidas, soube depois). Sabia de casos em que se abandonam doentes nestes hospitais para sempre. Não me era possível fugir. Pensava em matar-me, faltavam-me meios. [...]. Mamãe veio de Belo Horizonte, tirou-me imediatamente do sanatório. Foi muito chocante para ela quando, ao abrir-lhe a porta, corri para seus braços, despenteada e mal vestida. Antes da sua chegada, meu médico veio, muito cordialmente, avisar-me de que ela já se achava no aeroporto. Encontrou-me deitada no chão do corredor, chorando. Falou carinhosamente comigo (foi a primeira vez que o vi depois de estar ali), gritei-lhe todos os desaforos que armazenara durante aqueles dias, dei na cara de uma guarda, atirei-lhe um copo d'água, acusei o médico que mandara derrubar-me ao chão. Ninguém reagiu. Ninguém me fez mal. Por que a chegada de minha mãe me permitia agredi-los? Se a terapêutica era pancada, que se desse pancada sem receio da família. Mas os psiquiatras são piores do que os policiais. (CANÇADO, 1991, p. 140-141)

No trecho citado anteriormente, Maura sente-se revoltada e questiona o fato de a psiquiatria e os psiquiatras apresentarem um discurso perante os familiares e a

sociedade, mas na prática destoarem muito do mesmo não tendo o cuidado que apresentavam aos que estavam além dos muros do manicômio.

Porém, mesmo estando em um manicômio privado, Maura sentia-se muito angustiada:

[...]. Fui a um psiquiatra, pedi-lhe para internar-se num sanatório. Concordou e fui. Internei-me na Casa de Saúde do Alto da Boa Vista de onde meu médico era diretor. Frequentada por pessoas agradáveis, a Casa de Saúde era belíssima, elegante. No grande hall jogávamos sinuca, bilhar, pingue-pongue e cartas. Eu me vestia com muita elegância. A princípio pareceu-me divertido. Em breve, deixei-me tomar por profunda insatisfação e tédio, passei a desejar mudar-me de sanatório. Insisti para que me fizessem choques insulínicos. Não me atenderam. Um dia tive séria agitação: tornei-me agressiva, tentei despir-me no jardim do sanatório. Aplicaram-me Sonifene na veia, dormi imediatamente, quando despertei, foi para iniciar a fase mais aguda da minha doença, até hoje. Teria sido vítima de um tratamento errado? Desde que tomei Sonífene caí num círculo vicioso: tomava-o para acalmar-me (com grande revolta da minha parte), e ao acordar, voltava tão agressiva, em tal estado de agitação, que se viam obrigados a aplicar-me outra dose. Assim sucessivamente, e só melhorei tarde, quando me fizeram insulina. (CANÇADO, 1991, p. 99).

Maura afirma que apesar de estar em um sanatório privado, ela mostrava desconfiança quanto ao tratamento medicamentoso que recebeu ali, pois desconfiava que o tratamento ao invés de melhorar sua saúde mental, havia piorado, fazendo que com seu estado de agitação torna-se um ciclo vicioso, lhe aplicavam Sonifene para se acalmar, mas só se mantinha assim quando estava dormindo, quando acordava, tornava-se agitada novamente. E assim, estar em um manicômio particular não era garantia de cura, nem de receber os medicamentos certos, pelo contrário ela acreditava que o tratamento recebido naquele manicômio era o responsável pelo agravamento de sua doença.

Maura afirma que insistia que lhe fizessem choques insulínicos para se sentir melhor. De acordo com Borges (2007), assim como Maura alguns internos do hospital São Pedro na década de 70 (período analisado pela pesquisadora), pediam para tomar eletrochoque. “O paciente R. [...] se queixa que está muito confuso e inclusive pede para dar-lhe um choque [...] Muitas vezes os próprios pacientes apontavam sua loucura como a causa que justificava os longos anos de confinamento.” (BORGES, 2007, p.119).

Apesar das muitas críticas feitas aos tratamentos e maus tratos sofridos no manicômio, Maura buscava a todo o momento mostrar que era louca, e que acreditava no

tratamento feito neste local e isso justificaria o fato de estar internada e de buscar o internamento mesmo quando nem os médicos e funcionários não acreditavam que ela era louca.

Sobre os hospitais públicos e privados no Brasil Paulin e Turato (2004), afirmam que na década de 1930 predominavam os hospitais públicos, responsáveis por 80,7% dos leitos psiquiátricos do país. Os famosos asilos — como o Juqueri em São Paulo, o Hospital Nacional dos Alienados no Rio de Janeiro e o São Pedro em Porto Alegre — exerciam um papel orientador da assistência psiquiátrica, consolidando a política macro-hospitalar pública como o principal instrumento de intervenção sobre a doença mental. Havia também alguns hospitais privados, como a Casa de Saúde Dr. Eiras no Rio de Janeiro e o Sanatório Recife, criado por Ulisses Pernambucano em 1936, e ambulatórios, que em 1941 resumiam-se a apenas quatro em todo o país.

A administração de Adauto Botelho à frente do SNDM ( Serviço Nacional de Doenças Mentais) perdurou de 1941 a 1954 e se caracterizou pela expansão dos hospitais públicos. Certamente o decreto-lei 8.550, de 3 de janeiro de 1946, propiciou esse crescimento, pois autorizava o serviço a realizar convênios com os governos estaduais para a construção de hospitais psiquiátricos. Os poderes estaduais se comprometiam a doar o terreno, arcar com as despesas de manutenção e pagar a folha salarial, enquanto o poder federal se responsabilizava pelo investimento em projeto, construção, instalação e equipamentos. A nova legislação permitiu um surto de construção de hospitais em vários estados, como Sergipe, Santa Catarina, Espírito Santo e Alagoas, que criaram seus nosocômios com características de hospitais-colônias. Muitos deles eram extremamente precários ou distantes dos centros urbanos. Tal política refletia a postura hegemônica iniciada por Juliano Moreira. Sob a influência de Oswaldo Cruz, ele entendia que o asilo teria uma função preventiva e só deveria acabar quando a doença mental fosse erradicada. (PAULIN; TURATO, 2004, p.242-243).

Estes mesmos autores ressaltam ainda que ao mesmo tempo em que a psiquiatria lutava pelo seu reconhecimento como especialidade médica, o hospital psiquiátrico se afirmava cada vez mais como espaço de atuação. Ao deixar a diretoria da SNDM em 1954, Adauto Botelho havia promovido, na sua gestão de 13 anos, um aumento de mais 16 mil leitos psiquiátricos no Brasil. Porém a criação de novos hospitais não amenizava a situação caótica vigente; ao contrário, “na década de 1950 os hospitais públicos viviam em total abandono, apresentando excesso de pacientes internados. Só o Hospital do Juqueri chegava a abrigar cerca de 13 mil doentes.” (PAULIN; TURATO, 2004, p.244-245).

A função social do hospital psiquiátrico era basicamente de exclusão, isto demonstra como o discurso difundido pelo governo Juscelino Kubitschek que apresentava uma sociedade que se modernizava rapidamente, implantando uma política de industrialização, urbanização e desenvolvimento também na área da saúde mental, na prática não era exatamente isso que se via. (PAULIN; TURATO, 2004).

Neste capítulo ao analisar os discursos de Maura sobre a psiquiatria, mais especificamente sobre as relações travadas no HGR e em alguns outros hospitais que ela cita, conclui-se que havia muitas deficiências e problemas tanto no tratamento quanto na qualificação do quadro de funcionários, sendo assim a intenção da autora foi de usar sua escrita para denunciar tais problemas, mas ao mesmo tempo em que percebe tais problemas, apresenta também o manicômio como um lugar para si conforme Wadi (2004), onde ela acreditava que poderia amenizar os seus dilemas existenciais, para tanto se definia como louca, alguém que precisava estar ali e receber os tratamentos ali ministrados.

Assim neste capítulo foi trabalhada a visão de Maura sobre os hospitais em que esteve internada, especialmente o hospital Gustavo Riedel, apresentando assim a partir da visão de uma interna os diagnósticos e tratamentos ali ministrados, percebe-se que ela dá um grande destaque ao tratamento ocupacional o qual a autora via como uma forma revolucionária de tratamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as escritas de pessoas que tiveram suas vidas marcadas na maioria das vezes dolorosamente pelos caminhos sinuosos da loucura é uma tarefa desafiadora e instigante. Como se pode perceber através do referencial bibliográfico, os trabalhos que têm como temática e objeto tais narrativas ainda são poucos no Brasil.

*Hospício é Deus* é um dos poucos livros, escritos no manicômio, que foram publicados. Um dos motivos de sua publicação é que sua autora, Maura Lopes Cançado, já era escritora antes de sua internação. Esta obra é essencial para compreendermos e analisarmos o cenário manicomial com suas nuances, através do testemunho de alguém que vivenciou a experiência no hospício que em alguns momentos é deus, o refúgio, muitas vezes o único para pessoas ‘desajustadas’ que não se adequam aos preceitos de sua sociedade; ou o inferno, quando o esquecimento e a falta de atenção ‘arranca o coração’ e lhes entrega outro como a autora assim se referia.

Vale salientar que através do olhar de quem viveu a experiência da internação podemos perceber que o poder não é vertical, apenas sofrido pelas internas, pelo contrário o poder circula, pois as internas também exercem poder sob diferentes formas e ações, como desobedecer a ordens, sair do hospício quando queria como no caso de Maura e o exemplo mais palpável que podemos citar são as próprias escritas das internas, neste caso a escrita da própria autora. Entendo assim que esta resistência também é uma forma de subjetivação, ou seja, existe um poder que controla neste caso a instituição, mas também se percebe a existência de uma resistência a esse poder, ou seja, a resistência de Maura através de seus atos especialmente na escrita de seu diário.

O que busquei nesta dissertação foi analisar os discursos sobre Maura e sua obra *Hospício é Deus*, algumas cartas da autora e alguns contos da obra *O Sofredor do Ver*, especialmente os discursos presentes no diário e sobre ele, que se tornou objeto de pesquisa de muitos pesquisadores de áreas diversas, os quais a percebem como denúncia, como autorrepresentação, fuga etc. Tais discursos foram analisados e percebidos como uma

batalha discursiva em que cada qual procura se instituir. Mas batalha não significa que são totalmente excludentes, isolados. Pelo contrário, na maioria das vezes são repetições de outros discursos anteriores, ou seja, amigos da autora e outros pesquisadores os quais na maioria das vezes basearam-se e repetem os discursos que a autora instituiu especialmente os que se referem sobre si mesma quando se refere como escritora talentosa, bela, audaciosa e rebelde.

Maura, a todo o momento, afirma ser à frente do seu tempo e realmente o era, pois uma mulher que viveu naquele período tinha muitas limitações e imposições quanto ao que deveria pensar, sentir e agir. De uma rebeldia extrema a autora e aviadora chocava-se constantemente com uma moral machista e religiosa que ainda tinham grande força e poder sobre os indivíduos desta sociedade.

Mulher com ideais de liberdade, encontrou no hospício a sua ‘morada’, local que se sentia ‘livre’, apesar dos problemas ali existentes. Esta é uma hipótese a se considerar, pois durante toda a obra é visível a sua insistência em se afirmar como louca queria ser aceita, encontrar um lugar para si, e o hospício que no início parecia belo e romântico posteriormente torna-se uma necessidade.

Além disso, ela não negava totalmente o poder psiquiátrico ao contrário, acreditava na força da medicina psiquiátrica, nos médicos e nos seus tratamentos, pois muitas vezes os procurou por vontade própria.

Sem deixar de considerar as denúncias que Maura faz sobre o sistema manicomial, maus tratos, equipe mal preparada e insuficiente para exercer as funções com os internos, no momento em que o modelo hospitalocêntrico vigorava o discurso de Maura, através de suas narrativas, configura-se como um testemunho discursivo oferecendo possibilidades para que, através dele, se formem novos discursos que percebam tais subjetividades com um novo olhar, através do olhar de quem sentiu as agruras de viver naquele espaço, mas que também encontrou um lugar para si se questionou se reinventou, através de um processo de subjetivação, no qual aconteceu um dobrar-se sobre si mesma, na e através de sua escrita.

Não afirmo que suas palavras são verdades absolutas, pois certamente não o são, mas o fato de omitir ou exaltar demasiadamente alguns fatos mostram a sua visão de mundo, a visão que a autora tinha sobre si e especialmente sobre a psiquiatria no Brasil.

Estas são algumas questões problematizadas, mas inúmeras são as possibilidades de análise e compreensão desta obra que nos coloca mais próximos do cenário manicomial da década de 50 no Brasil, sobre o qual ainda são raros os trabalhos, sobre loucura sejam eles de análise das narrativas dos loucos ou mesmo dos psiquiatras e de outros pesquisadores, ainda há uma grande lacuna que outros trabalhos poderão contribuir com pesquisas diversas.

**Fontes:**

BATISTA, Daniele Aparecida. *Loucura: A temática que constrói o discurso da obra Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado. (Dissertação de Mestrado). Apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis- UNESP- Universidade Estadual Paulista. Assis, 2010.

BORGES, Sílvia Maria Roncador. *Revisitando a Loucura: um olhar de Dentro*. Monografia de conclusão de curso de Psicologia da UniCEUB- Centro Universitário. Brasília, novembro de 2003.

BRANT, Vera. *Cartas de Maura Lopes Cançado*. Disponível em: [www.verabrانت.com.br](http://www.verabrانت.com.br), acesso em 20 de novembro de 2012.

BRANT, Vera. *Maura Lopes Cançado*. Disponível em: [www.verabrانت.com.br](http://www.verabrانت.com.br), acesso em 20 de novembro de 2012.

CONY, Carlos Heitor. *Maura Lopes Cançado*. Disponível: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5587&sid=571>. Acesso em 20 de janeiro de 2013.

CORRÊA, Louise Bastos. O Diário como um mecanismo de sobrevivência: Hospício é Deus de Maura Lopes Cançado. *Anais do I Colóquio Internacional de Literatura e Gênero-Relações de Poder, Gênero e Representações Literárias*, 2012, p.1-9.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S/A, 1965.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. 3. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

CANÇADO, Maura Lopes. *O sofredor do ver*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1968.

COZER, Raquel. “Maura”. Disponível em: <http://abibliotecaderaquel.blogfolha.uol.com.br/2013/01/19/painel-das-letras-o-resgate-de-maura>.

FERNANDES, Mariana Patrício Fernandes. Catatonia em Movimento: um diálogo entre Maura Lopes Cançado e a dança contemporânea, *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Centros- Ética, Estética, UFPR. Curitiba, 18 a 22 de julho de 2011.

FERNANDES, Mariana Patrício Fernandes, *Vida surgida rápida, logo apagada-extinta: A criação de estratégias de fuga do hospício na escrita de Maura Lopes Cançado*. (Dissertação

de mestrado). Apresentada ao Departamento de Letras na PUC- Rio. Rio de Janeiro, abril de 2008.

LIMA, Daniela. *Os voos de Maura*. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/os-voos-de-maura-por-daniela-lima/>. Acesso em 3 de fevereiro de 2013.

---

LOUZEIRO, José. *Outras Mauras': Da Razão e da loucura*. Disponível em <http://mauralopescancado.tumblr.com/maura>, acesso em 13 de março de 2013.

MENDES, Karla Renata. Entre a loucura e a palavra: denúncia e reflexão em Hospício é Deus. II Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. *ANAIS ELETRÔNICOS*- ISSN 2177-6350, p. 1-11, 2012.

MOREIRA, Pedro Rogério. *Adeus a Cesarion Praxedes*. Disponível em: <http://mauralopescancado.tumblr.com/maura>, acesso em 13 de março de 2013.

PRADA, Cecília. *Profissionais da solidão e amargura*: Três autores, exemplo de pura autenticidade, que a muito custo romperam a barreira do silêncio. Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas\\_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao\\_Id=287&Artigo\\_ID=4513&IDCategoria=5140&reftype=1](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=287&Artigo_ID=4513&IDCategoria=5140&reftype=1).

SCARAMELLA, Maria Luisa. *Narrativas e sobreposições*: notas sobre Maura Caçado Lopes. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, março de 2010.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. Literatura, Loucura e Autoria Feminina: Maura Lopes Caçado em sua Autorrepresentação da Escritora Louca. *Pontos de Interrogação n. 1* Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural- Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas, p.85-98, 2008.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Caçado e Stela do Patrocínio. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 22. Brasília, p. 95-111 janeiro/junho de 2003.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. *Olhando sobre o muro*: Representações de loucos na literatura brasileira contemporânea. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Brasília-DF, dezembro de 2008.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ARAÚJO, Pedro Galas. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Programa de Pós Graduação / Curso de Mestrado do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 1998, v. 21, p. 9-34.

AZEVEDO, Francisca Nogueira de. Ao sol carta é farol. *TOPOI*, v.5, n.8, jan-jun, 2004, p.206-212.

BARROS, Eduardo Portanova. O Autor no Imaginário da Pós-modernidade: Repensando Flusser e Foucault. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 46, n. 2, p. 152-155, 2010.

BONA, Aldo Nelson. *Paul Ricouer e uma epistemologia da História centrada no sujeito*. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal Fluminense UFF. Niterói, 2010.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

BORGES, Viviane Trindade. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, março de 2010.

BORGES, Viviane Trindade. *Loucos (nem sempre) mansos da estância: controle e resistência no cotidiano do Centro Agrícola de Reabilitação (Viamão/ RS, 1972-1982)*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, janeiro de 2007.

BRAGA, André Luiz de Carvalho. *O serviço nacional de doenças mentais no governo JK: A assistência psiquiátrica para o distrito federal*. (Dissertação de mestrado). Apresentada ao programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz /FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2013.

BRAGA, André Luiz de Carvalho. O serviço nacional de doenças mentais no governo JK: a assistência psiquiátrica para o distrito federal. *Anais do XV encontro regional de história da ANPUH- Rio*, 2013, p.1-15.

BRITO, Jeremias Romão. Sexo e Religião- Um diálogo em Construção. *Anais do V Colóquio Internacional. "Educação e Contemporaneidade"*. São Cristóvão- SE, 2011, p.1-11.

COSTA, Jean Henrique. Subjetivação e dobras de fora: transitando por Foucault, de Gilles Deleuze. *Trilhas Filosóficas*. Ano III, n. 1, jan.jun. 2010, p.30-40.

DANTAS, Vania de Freitas. *Arte, loucura, terapias. Uma reflexão contemporânea*. (O Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia e as oficinas terapêuticas). (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DIAS, Paula Barros. *Arte, Loucura e Ciência no Brasil: As Origens do Museu de Imagens do Inconsciente*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao programa de Pós- graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2003.

ELMIR, Cláudio Pereira. Desafios metodológicos da literatura de testemunho para o trabalho do historiador. In: D'AJELLO, Luís Fernando Telles; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA Jocelito. *Sobre as poéticas do dizer: pesquisas e reflexões em oralidade*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos pagu* (24), janeiro-junho de 2005, p. 127-152.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III. Estética Literatura e Pintura*. 2. ed. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. São Paulo: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal; 2012.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Veja/ Passagens, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Guia de fontes e catálogo de acervos e instituições para pesquisas em saúde mental e assistência psiquiátrica no Estado do Rio de Janeiro/ Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: LAPS, 2004.

GODOY, Georgia Sampaio. *Narrativas e lugares de constituição do sujeito mulher: um recorte de memória*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Memória. Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Dezembro de 2009.

GOFFMAN, *Erving*. *Manicômios, prisões e conventos*. (tradução Dante Moreira Leite). São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HIDALGO, Luciana. *Lima Barreto e a Literatura de Urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura*. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, março de 2007.

IMG\_1440.JPG. Altura: 600 pixels. Largura: 1200 pixels. 140 dpi. 775 KB. Formato JPG. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+centro+psiquiatrico+nacional+gustavo+riedel&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r\\_FWUoDLMtKyygH5v4D4BQ&ved=0CAkQ\\_AUoAQ&biw=1440&bih=775&dpr=1#im](https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+centro+psiquiatrico+nacional+gustavo+riedel&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r_FWUoDLMtKyygH5v4D4BQ&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1440&bih=775&dpr=1#im). Acesso em 10 de outubro de 2013.

IMG\_581.JPG. Altura: 1700 pixels. Largura: 2200 pixels. 230 dpi. 660 KB. Formato JPG. Acervo da pesquisadora.

IMG\_560.JPG. Altura: 258 pixels. Largura: 193 pixels. 316 dpi. 421KB. Formato JPG. Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://d202m5krfqbp5.cloudfront.net/books/13336122571/13578856.jpg&imgrefurl=http://www.goodreads.com/book/show/13578856-hosp-cio-deus&h=400&w=300&sz=59&tbnid=y2TBYONmhFlsOM:&tbnh=91&tbnw=68&zoom=1>

IMG\_530.JPG. Altura: 330 pixels. Largura: 225 pixels. 360 dpi. 340 KB. Formato JPG: Acervo da pesquisadora.

JÚNIOR, Álvaro Pereira da Silva em. *Dano psíquico crianças vítimas de abuso sexual sem comprovação de ato libidinoso ou conjunção carnal*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2006.

KIRSCHBAUN, Débora Isane Ratner. Análise histórica das práticas de enfermagem no campo da assistência psiquiátrica no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 20 e 50. *Rev. latino-am. Enfermagem*. Ribeirão Preto, maio de 1997, v.5, número especial, p.19-30.

MARQUETI, Délcio. O boom da memória e a retórica testemunhal: breve análise da obra literária de Flávio Tavares. *Revista Latino-Americana de História*, vol. 1, nº. 4 – Dezembro de 2012, p.127-142.

MONTELLANO, Fernando. *Orientação religiosa e sua relação com atitudes altruístas e perdão: O papel mediador das emoções auto-conscientes*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, outubro de 2012.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 2 nº 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011.

OLIVEIRA, Danielly Passos. *Narrativas modernas e contemporâneas do amor e da feminilidade*. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, setembro de 2008.

OLIVEIRA, Willian Vaz de. *Da assistência à prevenção: Discursos, saberes e práticas psiquiátricas Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009

PAULIN, Luiz Fernando; TURATO, Egberto Ribeiro: Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004, p. 241-258.

PORTER, Roy. *História Social da Loucura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SACRISTÁN, Cristina. La locura se topa con el manicomio. Una historia por contar. *Cuicuilco*, v. 16, n. 45, p. 163-189, enero-abril 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Regina Cláudia Barbosa. Esquizofrenia: uma revisão. *Psicologia USP*, 2006, vol. 17(4), p.263-285.

REVEL, Jacques. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICOUER, Paul. *Memória, história, esquecimento*. A versão original desta conferência foi escrita e proferida em inglês por Paul Ricoeur a 8 de Março de 2003 em Budapeste sob o título “Memory, history, oblivion” no âmbito de uma conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/144783905/Art-A-Memoria-A-Historia-o-Esquecimento-Paul-Ricoeur>. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

WADI, Yonissa Marmitt. Entre muros: os loucos contam o hospício. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 12, p. 250-269, 2011.

WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádya Weber. (org.) *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

WADI, Yonissa Marmitt. *Louca pela vida: a história de Pierina*. (Tese de Doutorado). Apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP. São Paulo, 2002.

WADI, Yonissa Marmitt. “um lugar todo seu!?” paradoxos do viver em uma instituição psiquiátrica. *Revista Varia História*. Belo Horizonte, n.32, julho de 2004, p.75-1001.

WEINREB, Mara Evanisa. *Imagem e desrazão. Estudo da produção plástica de Manoel Luiz da Rosa (1961-2002)*. (Dissertação de Mestrado). Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, junho de 2003.

### **Bibliografia:**

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados* 24 (69), 2010, p.7-30.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: Curso do Collège de France. (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MANSANO, Sonia Regina Vagas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 2009, p. 110-117.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Nácia Maria Weber. *Histórias de Sensibilidades: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. (Tese de doutorado). Apresentada ao Curso de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2005.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev.1998.

WADI, Yonissa Marmitt. Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre/RS, 1884 - 1923). *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2006.